



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOÃO PEDRO TELES BORGES

**A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica
como contributo para uma escola inclusiva**

**Educar para a paz e inclusão a partir da unidade letiva 4 – Paz Universal
– do 7º ano do ensino básico**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada.

Sob orientação de:

Prof. Doutora Isabel Varanda

**Braga
2015**

ÍNDICE

ÍNDICE.....	1
SIGLÁRIO	3
INTRODUÇÃO.....	4
CAPITULO I – ALGUMAS PERIFERIAS NAS ESCOLAS	6
1. Lacunas da anterior organização educacional remetendo para o atual contexto educativo na escola.	6
<i>1.1. Tipologias de alunos</i>	7
<i>1.2. Alunos com necessidades educativas especiais: da exclusão à integração</i>	11
<i>1.3. Os pais e a escola</i>	15
2. Melhores alunos ou porventura melhores colegas?	17
3. Minorar as desigualdades sociais	19
<i>3.1. Contexto educacional</i>	20
<i>3.2. Contexto social</i>	22
4. Uma sociedade secular por vezes exclusiva e carente de paz	24
CAPITULO II – ABORDAGEM A TEXTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA NO SENTIDO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ.	28
1. Ao encontro das periferias	28
2. Construção da Paz	33
<i>2.1. A paz nos documentos do Magistério da Igreja</i>	34
<i>2.2. Educar para a Paz</i>	38
3. Promoção do bem comum como caminho para a construção de sociedades mais justas e pacíficas.	43
<i>3.1. Perspetiva Religiosa na promoção do bem comum</i>	43
<i>3.2. Viver em comunidade</i>	48
CAPITULO III – O CONCEITO DE PACIFICAÇÃO DAS PERIFERIAS NA UNIDADE LETIVA 4: PAZ UNIVERSAL	53
1. Contributo da disciplina de EMRC para uma escola inclusiva	53
<i>1.1. Finalidades da disciplina de EMRC</i>	53
<i>1.2. Análise do programa de EMRC 2014</i>	55
<i>1.3. Papel do professor de EMRC</i>	57

2. A escola e a turma	63
2.1. <i>Uma breve caracterização da Escola</i>	64
2.2. <i>Uma breve caracterização da Turma</i>	65
3. Unidade letiva: Paz Universal	66
3.1. <i>Relatório descritivo das planificações</i>	67
3.1.1. 1ªAula	67
3.1.2. 2ªAula	69
3.1.3. 3ªAula	72
3.1.4. 4ªAula	74
3.1.5. 5ªAula	77
3.2. <i>Autoavaliação de cada aula da unidade letiva</i>	80
3.2.2. 2ªAula	81
3.2.3. 3ªAula	82
3.2.4. 4ªAula	84
3.2.5. 5ªAula	86
3.3. <i>Relatório de autoavaliação da PES</i>	87
4. Educar para a diferença	92
CONCLUSÃO.....	100
BIBLIOGRAFIA	103
ANEXOS	

SIGLÁRIO

Sagrada Escritura

Novo Testamento

Jo – Evangelho de São João

Mt – Evangelho de São Mateus

Ef – Carta aos Efésios

1 Cor – Primeira carta aos Coríntios

Act – Actos dos Apóstolos

Documentos do Magistério da Igreja

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

Outras siglas

PES – Prática de ensino supervisionada

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

NEE – Necessidades Educativas Especiais

INTRODUÇÃO

A vivência da paz e de uma educação inclusiva é fundamental na vida de cada ser humano, particularmente em contexto escolar e na vida de cada aluno.

O trabalho que a seguir apresentamos, integra o mestrado em ciências religiosas, via ensino, de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) e consiste na abordagem da disciplina enquanto contributo para uma escola inclusiva.

A escolha do tema teve como base o nosso entendimento sobre a necessidade de que a escola seja inclusiva e promova o máximo desenvolvimento das capacidades dos alunos atendendo às especificidades/características de cada um. Apesar de todo o caminho já realizado dentro deste âmbito, o fenómeno da exclusão continua ainda a persistir na sociedade e na escola. No livro de *Introdução às ciências da educação*, o doutor José Afonso Baptista, a este propósito refere o seguinte, “reside aqui a importância e a urgência da educação e da escola inclusiva, que não deixe ninguém de fora nem para trás. A educação de todos com sucesso é um imperativo do século XXI”¹.

Assim pretendemos em primeiro lugar, estudar e analisar algumas periferias que se destacam nas escolas e perceber as lacunas da anterior organização educacional, sabendo como estas podem afetar os alunos e se os melhores poderão porventura ser ou não os melhores colegas. Uma escola e um ambiente educativo inserem-se num determinado contexto social e cultural, portanto importa conhecer as desigualdades sociais que se vivem no contexto educacional e social para poder minorá-las. Tudo isto analisado numa sociedade secular, por vezes, exclusiva e carente de paz.

Em segundo lugar abordar de que forma as periferias são vistas e analisadas nos textos do magistério da igreja, fazendo uma pequena abordagem aos mesmos e percebendo o sentido de uma educação para a paz. Portanto será feita uma análise aos pontos relevantes, presentes nestes textos, que nos levam à construção e educação para a paz, aparecendo aqui como fermento, a vivência do bem comum, que nos leva a viver em sociedades mais justas e pacíficas. Neste contexto, o Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, chama-nos à atenção para as vítimas da exclusão social quando afirma “entretanto, os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um

¹ José AFONSO BAPTISTA, *Introdução às Ciências da Educação: temas e problemas da educação inclusiva*, universidade católica editora, Lisboa, 2011, p.9.

estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença”².

Em terceiro lugar procuraremos compreender de que modo a disciplina de EMRC pode contribuir para uma escola inclusiva, através da pacificação das periferias recorrendo particularmente à unidade letiva 4, *Paz universal*, que será lecionada na PES. Assim sendo incluímos neste trabalho o contributo da mesma disciplina de EMRC, com as suas finalidades, o seu programa e o importante e fundamental papel do professor. No âmbito da PES (Prática de Ensino Supervisionada), será feita uma breve caracterização da escola e da turma de estágio, apresentando posteriormente também o relatório da planificação e avaliação de cada aula.

O trabalho termina com uma síntese, conclusão do tema em estudo, completando com bibliografia e anexos que ajudarão a perceber melhor a reflexão feita.

² PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, edições paulinas, Prior Velho, 2013, nº54.

CAPITULO I – ALGUMAS PERIFERIAS NAS ESCOLAS

Ao longo dos tempos a sociedade tem vindo a trabalhar para uma educação inclusiva. No entanto, durante muito tempo, o sistema educativo não teve em conta as desigualdades sociais que se faziam sentir. As turmas eram, por vezes, organizadas tendo em conta as médias e o tipo de alunos.

É necessário, portanto, refletir sobre estas periferias para perceber a problemática da exclusão social.

1. Lacunas da anterior organização educacional remetendo para o atual contexto educativo na escola.

A escola básica elitista permaneceu como modelo até final dos anos 60. Por mais que o discurso político dominante aponte para uma democratização da educação, e que a lei de base do sistema educativo de 1986 aponte para a importância de uma escolaridade básica acessível a todos os portugueses, os erros permanecem, em termos educativos, durante muitos e muitos anos³.

Este paradigma elitista da escola, não permite ao professor trabalhar igualmente com todos os alunos, pois uma parte dos mesmos fica sempre excluída. Neste caso, todos os alunos são aceites na escola, mas, a mesma não assegura condições para que todos progridam de igual forma. É muito lenta a mudança para condições de sucesso que abrangem a todos e cada aluno. O autor Ramiro Marques na sua obra *Professores, famílias e projeto educativo* afirma que “os rostos mudam, mas a matriz é a mesma: uma escola básica incapaz de respeitar as diferenças, de diversificar didáticas, metodologias e processos de ensino-aprendizagem, de proporcionar percursos alternativos e educativos àqueles que têm muitas dificuldades em progredir”⁴.

Neste sistema de ensino, nem a escola o permite, nem os professores estão preparados para receber e gerir esta diversidade que se lhes apresenta: alunos oriundos de várias etnias, famílias e estratos sociais muito diversos e com as suas características próprias, bem como dificuldades de várias ordens. Num ambiente de escola pública existem

³ Ramiro MARQUES, *Professores, famílias e projeto educativo*, edições ASA, Lisboa, 1997, p. 125.

⁴ *Ibidem*.

grupos heterogêneos oriundos de várias classes sociais, alguns são filhos de famílias carentes, outros de famílias de classe média ou média alta. Este facto constitui um ambiente de trabalho que é um desafio para o professor. Da sua atuação dependerá a integração deste mosaico enriquecedor.

1.1. Tipologias de alunos

Pretendemos fazer neste ponto, uma pequena abordagem, aos vários tipos de alunos: alunos vítimas de violência doméstica; alunos filhos de pais alcoólicos ou toxicodependentes; alunos de etnia cigana; alunos de outras raças; alunos de classes sociais desfavorecidas; filhos de pais separados ou de famílias monoparentais. Atualmente já não se vive nas escolas o problema do racismo, ou pelo menos não está tão visível. As características destes alunos podem ser um motivo de exclusão do ambiente escolar ou de diversidade, dependendo da forma como são tratados pela escola e pelos professores. Ou são integrados no meio escolar ou crescerá a intolerância de que são vítimas. A escola não deve ser uma ilha, deve sim viver dentro de si os problemas sociais dos seus alunos.

Esta diversidade de tipologias devia levar a escola a sentir necessidade de conseguir uma convivência intercultural que obrigaria a ultrapassar a escola tradicional.

A escola que não dá resposta a esta diversidade de alunos, não avança para um serviço socio cultural e um apoio à integração social dessas crianças em risco de exclusão social, não serve de modelo. Também não serve aquela que faz de conta que esta população escolar em crise é toda igual e tratada da mesma forma. Para fazer face a este problema é necessário praticar uma educação para os valores que tenha em conta os sentimentos e a afetividade de cada criança. “Para termos êxito na educação para os valores, precisamos de desenvolver aliteracia emocional dos mais novos, porque sem essa capacidade psicológica, poucos efeitos se conseguirão. É por isso crucial desenvolver, junto de cada criança a nosso cargo, a capacidade de compreender as suas emoções”⁵.

Uma grande parte da educação dos alunos ocorre fora da escola: na família, nos amigos, através dos meios de comunicação ou porventura de organizações ou associações de que os mesmos fazem parte. Deste modo verificamos que a oportunidade de educação

⁵ Daniel SAMPAIO, *Da Família, da escola: e umas quantas coisas mais*, editorial caminho, Lisboa, 2011, p. 51.

não é igual para todos os indivíduos, varia com o tipo de sociedade e de famílias dos mesmos. Neste sentido as políticas que visam a igualdade de oportunidades educativas, só produzem o seu efeito se exercerem a sua ação sobre indivíduos com iguais oportunidades de vida. A este respeito os autores Eurico Pires, Sousa Fernandes e João Formosinho, na sua obra *a Construção Social da Educação Escolar* abordam o seguinte: “A igualização radical das oportunidades educacionais implicaria impor ou propor padrões tendencialmente uniformes de valores, atitudes, hábitos e comportamentos”⁶.

O meio ambiente tem um efeito muito importante no desenvolvimento cultural e educacional da pessoa humana desde o seu nascimento. Vários autores se debruçaram sobre esta realidade, desde Piaget a Bovet, entre outros. A autora Maria José Sequeira na sua obra *a Lei do Inconsciente*, refere que “só agora se começou a prestar atenção às características verbais, sociais ou físicas do meio ambiente que vem a ter este ou aquele efeito específico sobre o desenvolvimento”⁷.

A boa integração escolar do aluno depende em grande parte do bom relacionamento familiar nomeadamente do relacionamento entre pais e filhos. O seu modo de relacionamento familiar terá um peso muito grande no relacionamento mais alargado com colegas de escola ou eventualmente noutros grupos. A autonomia aprende-se nas relações com o grupo e com os membros da mesma família do aluno. A mesma autora, na mesma obra da citação anterior diz que “a procura da eficácia para ensinar tem preocupado os pedagogos num aperfeiçoamento de métodos e técnicas. O que tem mudado são os métodos e as técnicas educativas, mas os modelos relacionais continuam a ser herdados e transmitidos inconscientemente”⁸.

Uma outra tipologia de alunos é a de filhos de pais separados ou de famílias monoparentais. Não raramente estes alunos apresentam dificuldades de aprendizagem ou problemas de comportamentos instáveis, hiperatividade ou agressividade. Sendo assim os professores passam mais tempo a apoiar estes alunos ou a conter os seus comportamentos mais ou menos inadequados. Neste caso o professor terá que ter conhecimentos suficientes de psicologia, ou recorrer a eles de forma a compreender as situações concretas, a perceber o que se passa no mundo interior destas crianças. Na obra *Vivemos livres numa prisão*, o

⁶ Eurico LEMOS PIRES, Sousa FERNANDES, João FORMOSINHO, *A Construção Social da Educação Escolar*, edições ASA, Rio Tinto, 1991¹, p. 184.

⁷ Maria JOSÉ SEQUEIRA, *A lei do inconsciente*, companhia editora do Minho S.A., Barcelos, 1992, p. 56.

⁸ *Ibidem*, p.65.

autor Daniel Sampaio refere que “existe, portanto, uma forte ligação entre dificuldades psíquicas (tanto maiores quanto mais precoces) e o impacto no equipamento necessário para uma criança aprender na escola, isto é, em algumas crianças e adolescentes existem níveis de conflitos psíquicos tão importantes que dificultam a disponibilidade interior para o conhecimento”⁹.

Das famílias de fracos recursos económicos também podem por vezes surgir alunos com dificuldades de várias ordens. Os pais desempregados, ou com muito poucos recursos, vivem por vezes num clima familiar de *stress* e de privações que não é de modo algum um ambiente favorável ao desenvolvimento integral dos seus filhos. A pobreza e miséria quer económica quer psicológica pode influenciar negativamente a estrutura em que se desenvolve a criança e levar a que a mesma veja a sociedade e a escola pelo mesmo prisma da negatividade. Assim na mesma obra, do mesmo autor anteriormente referido ele diz que “quem funciona como o verdadeiro espelho emocional nos primeiros anos de vida são os pais ou os adultos que moldam o esqueleto das primeiras relações emocionais, e, quando estas são vividas como negativas ou desadequadas, o padrão de funcionamento futuro fica assim precocemente afetado”¹⁰.

Há ainda filhos que têm pais alcoólicos ou toxicodependentes que acabam por desmotivar, muitas vezes, o trabalho dos filhos na escola. Acabam por ser pais ausentes que não conseguem acompanhar a evolução dos seus filhos, nem se preocupar em transmitir-lhes motivação e ensiná-los a ter hábitos de estudo. Os alunos, filhos destes pais, acabam por não se sentir bem num ambiente escolar, sabendo que os pais não se preocupam em saber como corre a sua vida na escola. A evolução destes alunos acaba por ser coartada pela falta de apoio e de ajuda por parte dos pais. Portanto Daniel Sampaio refere que “perturbações psicológicas de um dos pais (ou prestadores de cuidados), de ambos ou da sua dinâmica relacional; por exemplo, destacam-se as perturbações narcísicas e *border-line* da personalidade, tais como as dos pais alcoólicos, toxicodependentes, etc. Nestes casos, os filhos não crescem numa tranquilidade envolvente nem são pensados conforme os seus direitos e necessidades de crianças”¹¹.

⁹ Daniel SAMPAIO, *Vivemos livres numa prisão*, editorial caminho, Lisboa, 1998, pp. 51-52. Diz ainda o autor “numa simplificação de mensagem diria: aprende melhor quem é gostado. Aprende-se melhor do que se gosta. Para uma criança gostar de aprender tem que primeiro gostar dela e, depois, ter alguém de quem gostar.

¹⁰ *Ibidem*, p. 54.

¹¹ *Ibidem*, p. 52.

Os alunos de etnia cigana constituem outra tipologia de alunos que tem a sua forma de ser e de estar muito diferente da dita comum. Estes alunos fazem parte de uma cultura que tem as suas características próprias um pouco diferentes da cultura a que estamos habituados. É necessário que haja respeito e adaptação por parte da escola a este tipo de cultura. Estes alunos estão habituados a viver numa cultura em que o homem é tido com superior à mulher. (Dentro da família o homem é que tem todo o poder de decisão e comando. A mulher limita-se a obedecer e pouca hipótese de intervenção lhe é concedida). Ao chegarem à escola, estas crianças, encontram não só professores mas também professoras e desta forma acabam por respeitar mais os professores e não dar tanto valor às professoras. É essencial que haja diálogo mais próximo e eficaz entre pais e professores, o que por vezes não acontece. Como na cultura cigana o casamento e constituição familiar têm lugar muito cedo, os alunos, ainda adolescentes, já vivem frequentemente separados dos pais. Assim sendo é difícil um acompanhamento próximo e imparcial dos pais relativamente aos filhos e entre os pais e a escola.

A nossa experiência de trabalho na escola de prática de ensino supervisionado diz-nos que existe um elevado número de crianças de etnia cigana. Este grupo tem-se tornado problemático no ambiente escolar, tendo em conta que é difícil o diálogo entre professores e pais. Frequentemente estes alunos geram problemas disciplinares e apresentam dificuldades nos relacionamentos e no cumprimento das regras da escola.

Os alunos oriundos de um ambiente familiar em que existe violência física ou psicológica nas relações entre os pais, podem revelar dificuldades no seu relacionamento com a escola o que poderá convergir em insucesso escolar. Estas crianças, ficando marcadas pelo ambiente violento, são levadas a encarar a sociedade e a escola do mesmo ponto de vista. Com mais dificuldade acreditam em relações dentro dos padrões considerados normais na nossa sociedade. Há de levar o seu tempo até encarar as relações humanas num clima de respeito, compreensão e amor. O autor Daniel Sampaio, na sua obra *da Família, da escola*, a este respeito afirma que “o exemplo ainda é mais importante: se uma criança é vítima de ódio ou desprezo, de pouco servirá a nossa conversa sobre o amor e o respeito”¹². A educação, para ser eficaz, terá de ser coerente.

¹² Daniel SAMPAIO, *Da Família, da escola...*, *op. cit.*, p. 51.

1.2. Alunos com necessidades educativas especiais: da exclusão à integração

O século XX ficou marcado pelo início da escolaridade obrigatória, o que gera algumas dificuldades por parte dos alunos em completarem o que é definido como obrigatório. Neste sentido, vão aparecer alunos diferentes, uns mais capacitados, outros com mais dificuldades. Assim, os primeiros passam a ser separados dos segundos. Assim os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto, na sua obra *a Escola inclusiva, da utopia à realidade*, declaram que “aparecem, assim as classes especiais que agrupam as crianças segundo diversas etiquetas, em função das diferentes etiologias”¹³. Nessa altura, pensava-se, erradamente, que a melhor forma de tratar os alunos com necessidades educativas especiais, era juntamente com outras crianças com iguais dificuldades, pois seriam educadas de forma controlada e com cuidados médicos e psicológicos. No entanto houve países em que esta forma educacional não foi aceite.

Nos séculos XIX e XX, os doentes ainda eram vistos como um castigo que lhes foi dado por Deus e portanto eram desprezados e postos de parte. Viviam isolados do resto da sociedade. Neste sentido, os alunos com necessidades educativas especiais eram separados dos alunos ditos normais. O desenvolvimento e trabalho com estes alunos, era feito de uma forma individual separados dos colegas que não tinham deficiência.

Em tempos remotos, ser portador de deficiência era tido como sinal de malignidade, considerava-se que estes estavam possuídos por Satanás e eram alvos de exorcizações.

Estas práticas de exclusão são hoje consideradas muito desumanas. Reconhecemos agora que todas as crianças têm características, capacidades e necessidades de aprendizagem próprias e específicas. A lei atual contempla direitos iguais para todos os cidadãos em termos educativos. Dá-se assim uma mudança de mentalidades em que se valoriza a educação e a integração. A este respeito na obra citada anteriormente, os mesmos autores afirmam que “identificar e reconhecer a diversidade é percorrer o caminho da igualdade de direitos. Reconhece-se, hoje, que todas as crianças têm características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias. Como tal, talvez possamos afirmar: toda a educação é especial, varia a especialidade!”¹⁴.

¹³ Olívia ANDRADE CARVALHO, Luís MIGUEL PEIXOTO, *A escola Inclusiva: da utopia à realidade*, edições APPACDM Distrital de Braga, Braga, 2000, p. 36.

¹⁴ *Ibidem*, p. 40.

Neste contexto, podemos afirmar, que todas as crianças, mesmo as portadoras de deficiência, têm direitos iguais e devem frequentar um ensino para todos no qual se sintam verdadeiramente integradas.

Nem sempre as crianças com necessidades educativas especiais foram tratadas desta forma, mas sim com desumanidade e separação relativamente à sociedade, incluindo a comunidade educativa. Neste sentido os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto, na obra já citada anteriormente declaram acerca destas crianças que são “marcados por uma realidade desumana que ditou, por um período demasiado longo, o estigma da diferença, encurralando crianças em espaços artificiais, contrariando a natureza cultural da humanidade”¹⁵.

Temos que partir do pressuposto de que cada criança, mesmo a portadora de deficiência tem os mesmos direitos que todo e qualquer cidadão e deve ser integrada na sociedade e na escola podendo frequentar o ensino universal. Para isto é preciso ter em conta as suas limitações, no apoio e atenção constantes que lhe deve ser dado por parte do educador, mas ao mesmo tempo a oportunidade de desenvolver as suas capacidades em igualdade de circunstâncias com as crianças ditas normais. Neste sentido os autores anteriormente referidos, na sua obra *a Escola inclusiva*, referem: “é claro que a deficiência envolve determinantes internas, determinantes envolvimentais e interação entre ambas, numa perspetiva sócio ecológica, onde se faz sentir a importância que é necessário atribuir à própria criança, à sua individualidade, ao seu poder e capacidade para desempenhar um papel ativo e estruturante nas interações que estabelece com o envolvimento”¹⁶.

Neste processo o professor tem um papel fundamental. Se ele conseguir sensibilizar a turma no sentido da ajuda à integração de uma criança com necessidades educativas especiais, compreender a mesma na sua especificidade, usar estratégias que desenvolvam a criança dita diferente sem prejudicar as outras poderá conseguir um benefício para todas. Para isso terá de ter em conta a psicologia de cada aluno, bem como as capacidades e limitações do mesmo. A este respeito os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto, no seu livro *a Escola inclusiva, da utopia à realidade*, dizem-nos que, “como principal protagonista deste processo encontra-se o professor de ensino regular do qual se espera atitudes de intervenção, que passam pela utilização de estratégias e desenvolvimento de

¹⁵ *Ibidem*, pp. 15-16.

¹⁶ *Ibidem*, p. 41.

atividades focalizadas na diferença e individualidade, mantendo um programa eficaz para o grupo/turma”¹⁷.

Ter em conta a criança com necessidades educativas especiais é perceber que cada criança é um ser individual e diferente, e há que analisar essas diferenças e essa individualidade. O sistema educativo e a escola precisam de ter em conta estas realidades para cumprirem a sua função na sociedade. Os próprios autores anteriormente referidos afirmam na sua obra *a Escola inclusiva, da utopia à realidade* que “na trajetória humana, a escola, assume-se como uma etapa fundamental na promoção do desenvolvimento físico, intelectual, afetivo e social da pessoa, tendo como principal função integrar o indivíduo na sociedade, como membro ativo e participativo”¹⁸.

O docente deve ser o promotor desta integração do aluno com necessidades educativas especiais. Deve acompanhá-lo no seu desenvolvimento e procurar envolver os colegas neste espírito de entre ajuda. Esta atitude vai desenvolver uma maior participação do aluno e ajudar a combater a exclusão. Ainda os mesmos autores afirmam que “o princípio da igualdade determina que as necessidades de cada indivíduo tenham igual importância e que todos os recursos sejam aplicados de modo a garantir a todos iguais oportunidades”¹⁹.

Como protagonista da escola inclusiva, compete ao professor manter-se permanentemente atualizado estudando constantemente as melhores técnicas e estratégias para conseguir uma educação cada vez mais eficaz. Terá de ser constantemente promotor de renovação e de mudança, quanto a teorias e estratégias inadequadas, pois o seu bom desempenho depende de uma formação contínua e permanente.

O professor debate-se atualmente com inúmeros problemas, dada a atual conjuntura socioeconómica e a instabilidade legislativa que ultrapassa o nosso território, para tentar acompanhar o modelo social europeu. Neste contexto o autor Daniel Sampaio, na sua obra *da Família, da escola* declara que “faltam recursos para dar resposta aos alunos com dificuldades de várias ordens, apesar da melhoria dos desempenhos, como se verificou recentemente em avaliação internacional”²⁰.

Porém a escola inclusiva não depende unicamente do professor mas de todo um conjunto de intervenientes no processo educativo: professores, alunos, pais, comunidade,

¹⁷ *Ibidem*, p. 46.

¹⁸ *Ibidem*, p. 66.

¹⁹ *Ibidem*, p. 65.

²⁰ Daniel SAMPAIO, *Da Família, da escola...*, *op. cit.*, p. 50.

auxiliares da ação educativa. A este respeito afirmam os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto na sua obra *a Escola inclusiva, da utopia à realidade* que “a escola inclusiva não se constrói por decreto, mas é certo que sem o empenhamento e a cooperação entre professores, auxiliares da ação educativa, alunos, pais e comunidade, a legislação e orientações nunca surtirão o efeito desejado, não passando de um conjunto de boas intenções, com que todos parecem concordar”²¹.

Na atualidade, o ambiente escolar está sujeito a mudanças conceptuais, a diferentes formações curriculares de cada interveniente no sistema de ensino, o que gera por vezes desarmonia. Neste contexto é necessário procurar um trabalho em espírito de grupo, de respeito e cooperação uns com os outros de modo a que uns não se sintam inferiores aos outros mas que todos juntos trabalhem no mesmo sentido e com os mesmos objetivos. Os autores apresentados no parágrafo anterior na sua obra já citada afirmam que “as mudanças conceptuais, assim como as práticas decorrentes, que sustentam uma escola inclusiva põem à prova relações humanas e competências profissionais que enfrentam resistências pessoais e de grupos, criando desânimo em muitos professores, especialmente nos de apoio educativo, como galvanizadores de forças, que as suas funções hoje determinam”²².

Um projeto educativo deste âmbito, tendo em conta inovações educativas, precisa de mudanças de organização mas sobretudo do empenhamento de todos os agentes educativos implicados nele. Deve ter ainda uma perspetiva de dinâmica permanente, pois a educação é um processo sempre em mudança e que tem de acompanhar os tempos e incluir uma visão de futuro. Não é demais repetir que há que ter em conta sempre o crescimento e desenvolvimento do indivíduo a todos os níveis e ainda o respeito pela diversidade.

Neste âmbito, é necessário adotar comportamentos que facilitem a comunicação, reduzindo assim os problemas de indisciplina. Por exemplo, se o aluno provoca o desentendimento é essencial que o professor mantenha a calma e nunca responda num tom mais elevado. Deste modo o aluno tenderá a desistir. Não quero com isto dizer que haja soluções iguais para todos os problemas. Isto depende das circunstâncias e do ambiente criado.

A integração de alunos com necessidades educativas especiais, em vez de ser um entrave para a progressão, será antes uma ajuda à qualidade de ensino e à promoção do

²¹ Olívia ANDRADE CARVALHO, Luís MIGUEL PEIXOTO, *A escola Inclusiva...*, op. cit., p. 92.

²² *Ibidem*.

sucesso educativo de todos os alunos. Para isso contribuirá muito o otimismo e o entusiasmo dos professores. Refere o autor Daniel Sampaio, na sua obra *Vivemos livres numa prisão* que “ se a escola se organizasse e fosse capaz de criar meios e estratégias de apoio à educação, talvez fosse possível diminuir o número de alunos de «insucesso» e minorar o problema da exclusão escolar. Para isso era preciso distinguir os alunos que necessitam de médicos daqueles que podem evoluir se o modelo educativo se modificasse de modo a incluí-los”²³.

Dar igualdade de oportunidades aos alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais) não quer dizer tratá-los da mesma forma que os outros, mas sim com justiça, de acordo com as suas necessidades e capacidades, embora em conjunto com os colegas. Tratados desta forma encontrarão maiores oportunidades de aproveitamento escolar segundo as suas necessidades. A este respeito os autores Christina Tilstone, Lani Florian, Richard Rose, na sua obra *Promover a educação inclusiva* afirmam que a igualdade de oportunidades no sentido da inclusão supõe: “reconhecimento das diferenças individuais e o seu impacte na aprendizagem; criação de um contexto no qual os indivíduos sejam capazes de aprender e ensinar com eficácia; valorização dos indivíduos e respeito pelas suas contribuições para a escola e as contribuições das pessoas como eles para a sociedade como um todo”²⁴.

1.3. Os pais e a escola

A participação dos pais na vida escolar será sempre uma mais-valia para a mesma, se houver uma definição de papéis de modo que os pais não interfiram na atuação da escola nem dos professores mas colaborem ativamente com os mesmos. Do nosso ponto de vista será uma atividade complementar muito útil para todo o processo educativo, encarada desta forma. Deve haver um espírito de comunidade, de familiaridade e de proximidade entre a escola e os pais. É bom que as crianças e os adolescentes reconheçam no papel dos pais e dos professores uma complementaridade, e não confundam o papel de uns com o papel dos outros.

²³ Daniel SAMPAIO, *Vivemos livres numa prisão...*, op. cit., p. 76.

²⁴ Christina TILSTONE; Lani FLORIAN; Richard ROSE, *Promover a educação inclusiva*, Stória Editores, Lda, Lisboa, 2003, p. 95.

Se isto é válido para todos os pais em geral, muito mais o é para os pais das crianças com necessidades educativas especiais, pois exige da parte deles uma maior atenção e dedicação. Nomeadamente nas associações de pais, na intervenção das mesmas para resolução de problemas específicos (segurança, indisciplina). Os pais com a sua forma de agir em casa podem de uma forma muito eficaz reforçar ou completar o que se faz na escola.

Daniel Sampaio no seu livro *vivemos livres numa prisão* diz: “sou absolutamente a favor da cooperação dos pais em projetos da escola que envolvam os professores, alunos e funcionários. Julgo, no entanto, que os papéis deverão ser bem definidos”²⁵. Para que haja um espírito de colaboração e não um ambiente de manipulação entre pais e escola é necessário que se respeite a liberdade e que se cultive a confiança. Não pode acontecer que em casa os pais critiquem o professor na frente dos filhos, nem o professor faça o mesmo na escola acerca dos pais.

Para que o processo educativo seja eficaz é necessário que haja uma atuação de complementaridade exercida pelos vários intervenientes na educação: pais, professores, funcionários e auxiliares educativos. Ainda o mesmo autor, na mesma obra apresentada no parágrafo anterior, refere que “a escola é um espaço de liberdade essencial para as crianças, que os pais devem acompanhar, mas que não devem controlar”²⁶.

A escola poderia, por exemplo, sugerir aos pais a melhor forma de lidarem com os seus filhos, através de ações de formação organizadas pela mesma para encarregados de educação. Destas ações e do diálogo entre pais e professores, pode sair um grande enriquecimento mútuo e a sensação de que vale a pena construir uma realidade escolar diferente, procurando um conhecimento mais alargado dos problemas. Da parte dos pais será bom informarem a escola da história de vida dos seus filhos.

Do decorrer de uma destas ações nos fala Daniel Sampaio no livro *Voltei à escola*, de uma forma muito positiva: “o tempo não permitiu ainda uma reflexão mais aprofundada sobre esta investigação/ação, aliás ainda em curso. A experiência é tão profundamente rica que será necessário continuá-la de uma forma mais organizada para depois tirar as conclusões mais relevantes”²⁷.

²⁵ Daniel SAMPAIO, *Vivemos livres numa prisão...*, *op. cit.*, p. 66. O autor diz ainda “a vida constrói-se em diferentes narrativas e em espaços diferenciados. É essencial que as crianças e os adolescentes percebam o papel dos pais e o papel dos professores”.

²⁶ *Ibidem*, p.67.

²⁷ Daniel SAMPAIO, *Voltei à escola*, editorial Caminho, Lisboa, 1996, p. 170.

Os pais que se interessam pela vida escolar dos filhos, e que demonstram eficácia na resolução dos seus problemas, dão um contributo muito oportuno para o bom funcionamento da escola e o sucesso educativo dos mesmos. Deve haver um contacto muito próximo entre pais e professores, para que tanto uns como os outros estejam a par da evolução dos seus educandos. O professor deve procurar várias formas de contacto com os pais e adequá-las ao público em causa, isto é, para pais mais instruídos uma forma de comunicar, para pais menos instruídos, outra forma de comunicar. Daniel Sampaio diz a este respeito no seu livro *Voltei à escola*: “costumo falar de um triângulo fundamental, em que cada um dos vértices simboliza o aluno, o professor e a família do estudante. Nalgumas escolas há uma harmonia de funcionamento entre os três vértices e todos participam no processo educativo, noutras não”²⁸.

O professor deve ainda procurar transmitir sempre, com a máxima clareza e transparência, a informação do que se passa com o aluno, aos seus pais, para evitar situações inconvenientes de histórias mal contadas. Durante muitos anos os pais ou encarregados de educação, tinham uma função passiva na escola, eram por vezes chamados devido ao mau comportamento dos seus filhos. Hoje em dia as escolas devem evitar esta ação passiva dos pais e procurar uma ligação próxima com os mesmos, não só para comunicar situações negativas dos seus filhos mas também positivas.

É muito gratificante para o professor informar os pais sobre o progresso dos seus alunos, sobretudo daqueles com NEE, dos seus comportamentos corretos, da sua participação mais ativa na vida da escola. Temos que ter em conta que um pequeno avanço na aprendizagem e na integração destas crianças deve ser muito valorizado, porque elas precisam de maior incentivo.

2. Melhores alunos ou porventura melhores colegas?

Podemos ter melhores colegas sendo eles dos melhores alunos, como também podemos ter melhores alunos sendo eles dos piores colegas. Algumas vezes conhecemos e assistimos a situações de colegas bons alunos que não gostam de partilhar os seus conhecimentos com os outros portadores de mais dificuldades.

²⁸ *Ibidem*, p. 171.

Por outro lado também acontece que existem bons alunos que se preocupam com o sucesso dos colegas e partilham conhecimentos e cultivam o espírito de entreatajuda. Deste assunto fala-nos Daniel Sampaio no seu livro *Voltei à Escola*. Há para ele dois tipos alunos, o *balda* e o *dúvidas*. O *balda* é o protótipo do aluno que não liga à escola, não tem paciência para estudar. O *dúvidas*, pelo contrário, tem sempre os cadernos organizados e a matéria em dia. Gosta de mostrar que sabe e, como o próprio nome indica, dedica-se a tirar dúvidas aos colegas em época de testes. “Naquela ansiedade habitual destes momentos, os estudantes esqueciam uma certa antipatia e solicitavam-lhe respostas prontas. Como o *dúvidas* conhecia bem as manias dos professores, acertava muitas vezes nas perguntas, o que aumentava o seu prestígio de pronto-socorro”²⁹. Este é o tipo de bom aluno que se preocupa em ajudar os que têm mais dificuldades.

No entanto, no geral, os alunos melhores guardam para si os conhecimentos sem os partilharem com os colegas. O psicólogo e escritor Augusto Cury, conta uma história de um rapaz que tinha dificuldades em concentrar-se e sofria por antecipação. Não conseguia acompanhar o ritmo da turma. Chegava a fazer perguntas sobre um assunto que o professor tinha acabado de explicar. Muitos dos seus colegas gozavam com ele. Os colegas deste rapaz não conheciam a inclusão, nem a importância de conviver com pessoas diferentes. Não sabiam que os grandes erros da humanidade passaram pela não-aceitação da diferença. O professor era paciente com este aluno e admirava nele o facto de participar nas aulas. Numa das suas intervenções, fora do tema da aula, um dos colegas riu-se dele e chamou-o de burro. Ao mesmo tempo riu-se toda a turma. Com esta atitude dos colegas o rapaz começou a chorar e tinha intenção de sair da sala, no entanto o professor não o deixou sair e perante os colegas iniciou um discurso na defesa da inclusão social. A este respeito o psicólogo Augusto Cury, na sua obra *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* afirma que “quem não é capaz de aceitar pessoas diferentes comete atrocidades nas relações sociais”³⁰.

Neste caso, os melhores alunos não foram os melhores colegas acabando por cometer um grave erro, escarnecendo da capacidade intelectual do colega e ridicularizando-o perante a turma. Às vezes pode acontecer que, um aluno destes, quando incentivado pelo professor e após ultrapassar o medo de falhar, poderá vir a ser um bom

²⁹ *Ibidem*, p. 27.

³⁰ Augusto CURY, *Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes*, editora pergaminho Lda, Cascais, 2006, p. 107.

aluno e um bom pensador. O bom professor empenhar-se-á, deste modo, na defesa da inclusão social.

Voltando ao rapaz em questão poderíamos dizer que ele foi vítima de *bullying* (brutalidade, agressividade). Sempre que isso acontece na escola, as vítimas podem desenvolver traumas na sua personalidade, pois a situação ficará gravada na sua memória de forma involuntária. Então poderemos dizer que se sentem excluídos.

Nestas circunstâncias, o papel do professor é fundamental, tanto para ajudar o aluno ou alunos visados a ultrapassar a situação, como para ajudar a consciencializar o agressor ou agressores do erro cometido. Refere o psicólogo Augusto Cury, na sua obra anteriormente apresentada que “os fracos julgam e excluem os outros por serem diferentes, mas os fortes compreendem e incluem”³¹.

A disciplina de EMRC pode e deve contribuir para minorar as diferenças, pois é muito rica em conteúdos dentro deste âmbito. Jesus proclama: não queiras fazer aos outros o que não queres que te façam a ti. Isto denota um respeito incondicional da pessoa humana valorizando mais a pessoa que erra do que os erros cometidos. Se os alunos desejam o carinho e atenção dos outros devem dar primeiro o seu apoio e colocar-se à disposição de quem precisa. Um dos conteúdos de EMRC que pode ajudar a minorar situações de conflito entre os alunos nas escolas, é o tema da paz universal. Aqui o professor de EMRC deve alertar os alunos para que numa situação de conflito recorram em primeiro lugar à grande arma que é o diálogo. Assim em vez de um clima de conflito instala-se um clima de paz e de compreensão entre os alunos.

O professor de EMRC, através da sua palavra e do seu exemplo levará os alunos, pouco a pouco, à vivência destas realidades que farão dos mesmos pessoas felizes, com capacidade de sonhar e construir uma vida melhor.

3. Minorar as desigualdades sociais

Sempre houve e continuará a haver desigualdades sociais. É pois necessário que todos trabalhemos (governo, as autoridades, as famílias, a Igreja), em ordem a diminuir, dentro do possível, essas desigualdades. Para isso é preciso trabalhar na construção da paz, da justiça social, da liberdade individual e de grupos.

³¹ *Ibidem*, p.110.

3.1. Contexto educacional

Temos na nossa sociedade diferentes formas de acesso à educação e ao ensino. Por mais que as políticas tentem combater a distribuição desigual dos benefícios sociais da educação, as assimetrias teimam em persistir. Neste sentido o autor Joaquim Azevedo, na sua obra *Reflexões sobre Política Educativa* afirma que “os portugueses não são iguais perante a educação e os do norte são, globalmente, os mais prejudicados”³². O sucesso escolar está também diretamente relacionado com a situação económica das famílias. Muitas vezes o problema económico-familiar é a causa do abandono escolar.

Outra situação de desigualdade é o afastamento das crianças com dificuldades educativas especiais ou desadaptados que, muitas vezes, são postos de parte perante a sociedade. Neste caso concreto é necessário integrar estas crianças no ambiente social e escolar, tendo porém em conta as suas dificuldades específicas. A este respeito os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto, na sua obra *a Escola inclusiva, da utopia à realidade* declaram que “é claro que a deficiência envolve determinantes internas, determinantes envolvimentoais e a interação entre ambas, numa perspetiva socio-ecológica, onde se faz sentir a importância que é necessário atribuir à própria criança, à sua individualidade, ao seu poder e capacidade para desempenhar um papel ativo e estruturante nas interações que estabelece com o envolvimento. Assentando no pressuposto de que todos os cidadãos, mesmo os deficientes têm os mesmos direitos e que, por isso, deverão frequentar um ensino universal e gratuito adaptado às suas necessidades, dá-se uma viragem a nível político e social”³³.

Com a expansão da educação escolar e o surgir de novas etnias, géneros e classes as desigualdades e assimetrias sociais tornam-se mais evidentes. A escolaridade e os efeitos que esta tem sobre as identidades, conduz a transformações importantes nos recursos materiais e simbólicos necessários às formas de inserção social valorizadas pelos grupos sociais. Assim os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto, na sua obra apresentada no parágrafo anterior dizem que “identificar e reconhecer a diversidade é percorrer o caminho da igualdade de direitos. Reconhece-se, hoje, que todas as crianças têm característica,

³² Joaquim AZEVEDO, *Reflexões sobre Política Educativa*, edições ASA, Porto, 1994, p. 26.

³³ Olívia ANDRADE CARVALHO, Luís MIGUEL PEIXOTO, *A Escola inclusiva...*, op. cit., p.41.

interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias. Como tal, talvez possamos afirmar: toda a educação é especial, varia a especialidade!”³⁴.

Neste sentido o espaço escolar e a concorrência de espaços alternativos de formação gera uma variedade de oportunidades educacionais mas ao mesmo tempo concretizam-se por vezes em desigualdades na educação. E assim em vez de estarmos a trabalhar no sentido de uma unidade educativa, em que a educação seja igual para todos, por vezes, somos conduzidos em sentido contrário. Afirma o autor João Azevedo na sua obra *Reflexões sobre a Política Educativa*: “penso que todos podemos ganhar bastante se enfrentarmos as mudanças que se estão a operar e procurarmos, de modo aberto e responsável, redefinir papéis e lugares sociais, entre eles, o da escola”³⁵.

A educação em sociedade vive perante um ambiente cultural mas também político, ideológico e religioso. Do ponto de vista político o contributo para a educação não é por vezes o mais favorável, com a oposição do público ao privado. Religiosamente convive-se com religiões diferentes e também com perspectivas laicas diferentes. A própria cultura é diferente em cada sociedade visto que existem as culturas dominantes e as mais populares.

Os grupos sociais com que nos deparamos são distintos e cada um apropria-se à sua maneira dos recursos que são disponibilizados pelo sistema escolar. Assim experimentam pontos de vista parecidos e até por vezes semelhantes mas interpretados de forma diferente pela diversidade de grupos sociais. No entanto os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto afirmam na sua obra *a Escola inclusiva* que “a escola para todos é um novo modelo de escola aberta à diferença, onde cada um tem o seu lugar próprio encontrando uma resposta às suas necessidades específicas, sem prejudicar os outros, antes pelo contrário, beneficiando todos os alunos em geral, pelos recursos e serviços que determina e pela mudança que impõe”³⁶.

Portanto, neste sentido, os alunos com necessidades educativas especiais, apesar das suas diferenças têm a mesma igualdade de direitos e de educação que todos os outros alunos ditos normais. A maioria dos educadores é unânime em acreditar na ideia que nos transmitem os autores Christina Tilstone, Lani Florian e Richard Rose, na sua obra

³⁴ *Ibidem*, pp. 40-41.

³⁵ Joaquim AZEVEDO, *Reflexões sobre Política Educativa*, op. cit., p.160.

³⁶ Olívia ANDRADE CARVALHO, Luís MIGUEL PEIXOTO, *A escola inclusiva...*, op. cit., pp. 84-85.

Promover a educação: “as pessoas com dificuldades de aprendizagem têm direito a ter a mesma oportunidade que qualquer outra pessoa a uma vida boa”³⁷.

O primeiro passo para se conseguir esta igualdade de oportunidades é fazer com que os alunos se sintam desejados e respeitados na sala de aula e nunca marginalizados com base no facto de serem diferentes. Em segundo lugar é preciso que o professor compreenda as necessidades específicas de cada aluno e em conjunto se esforcem para conseguir atingir as metas individuais e os requisitos de uma aula regular. Em terceiro lugar levar o aluno a compreender as expectativas do professor em relação a si próprio para poder corresponder da melhor forma possível. Na obra *Promover a Educação*, os autores apresentados no parágrafo anterior afirmam que “os professores que estão preparados para aceitar que cada criança é única, e que portanto irá ter necessidades específicas em diferentes ocasiões, já estão a contribuir para o movimento em direção a salas de aula mais inclusivas”³⁸.

Um outro aspeto a ter em conta por parte professor é a promoção da autoestima dos alunos. Diríamos até que é o objetivo principal de um professor. Toda a criança que se sente bem consigo mesmo à partida estará mais apta para a aprendizagem, mais entusiasmada, mais recetiva. A seu tempo os resultados far-se-ão sentir, desde que o professor vá avaliando frequentemente o desempenho do aluno e se interrogue acerca dos métodos e materiais utilizados para melhor conseguir os seus objetivos. Neste sentido o autor Luis de Miranda Correia, na sua obra *Educação Especial e inclusão*, afirma que “em vez de esperar pacientemente que o aluno aprenda, atribuindo a falta de progressos a algum aspeto inerente à criança ou a algum processo deficitário da mesma, um professor deve avaliar de forma direta e frequente o desempenho do aluno”³⁹.

3.2. Contexto social

O indivíduo, jovem, adulto ou criança é em grande parte fruto da sociedade em que vive. A escola realiza a primeira socialização do indivíduo. Como afirmam os autores

³⁷ Christina TILSTONE; Lani FLORIAN; Richard ROSE *Promover a educação...*, op. cit., p.22.

³⁸ *Ibidem*, p.24.

³⁹ Luís DE MIRANDA CORREIA, *Educação Especial e inclusão*, Porto Editora, Porto, 2010, p.131. Diz ainda o autor acerca da avaliação contínua do desempenho que “tal ir-lhe-á servir como orientação principal para modificar os métodos e os materiais institucionais, de forma a melhorar a eficácia do seu ensino”.

Eurico Pires, Sousa Fernandes, João Formosinho, na sua obra *a Construção Social*: “a escola socializa os indivíduos, ou seja, prepara-os para a sua integração na sociedade. Esta socialização supõe, além da aquisição de conhecimentos e técnicas, a interiorização de um sistema de valores, traduzido em atitudes e comportamentos ajustados à ordem social dominante”⁴⁰.

A educação tem sempre uma dimensão social, pois implica a intervenção de várias pessoas. A sociedade civil e secular propõe que cada cidadão deve viver como quer e em liberdade, o único entrave que se põe a uma sociedade civilizada é o mal feito a terceiros contra a sua própria vontade.

Por outro lado, as religiões possuem regras e diretivas sobre o modo como os membros de uma comunidade se devem comportar na sociedade. Por vezes as sociedades civis não concordam com estas regras porque acham que constituem uma forma de coarctar a liberdade humana. Há certos pormenores que devem manter-se sob a alçada da consciência individual.

Na sociedade mais restrita que é a família e para regular as relações pais/filhos, podem existir também códigos e acordos sem que os seus membros se sintam restringidos na sua liberdade. É importante refletir que, vivendo em sociedade ou fora dela, não podemos fazer tudo o que quisermos, pois isso não seria uma manifestação de liberdade total, mas sim de libertinagem.

A educação, nomeadamente a educação moral, terá de exercer a sua ação na sociedade, de modo a tornar o mundo melhor e mais feliz. A sociedade é constituída por indivíduos de todas as faixas etárias e de várias condições sociais. A escola, para exercer a sua ação educativa, deve estar integrada na sociedade. “Por isso, as escolas não devem escolher isolar-se da sociedade para melhor servir a população. De dentro dos muros da escola e da classe docente pode parecer um sucesso, mas, mais cedo ou mais tarde, o logro será evidente”⁴¹.

O contributo dos pais e do meio ambiente na vida da escola, pode e deve ser uma mais valia para o processo educativo ter sucesso. “Os docentes partem de um salutar princípio que é o de que as atividades escolares podem e devem contar não só com os

⁴⁰ Eurico LEMOS PIRES, Sousa FERNANDES, João FORMOSINHO, *A Construção Social...*, op. cit., p.138.

⁴¹ Joaquim AZEVEDO, *Reflexões sobre Política Educativa*, op. cit., p. 202.

recursos que existem intramuros, mas também com os contributos que o meio oferece, pois eles podem enriquecer o processo de ensino/aprendizagem”⁴².

4. Uma sociedade secular por vezes exclusiva e carente de paz

Atualmente vivemos numa sociedade marcada por uma vivência secular, por vezes avessa a qualquer tipo de religiosidade. A secularização é um afastamento, separação e emancipação do sentido fornecido pela fé. No mundo atual há uma evolução crescente da secularização, pois parece que Deus está, muitas vezes, ausente da sociedade contemporânea: “A secularização é um fenómeno humano como qualquer outro. Não possui em si mesma, nem um sentido inteiramente positivo, nem um sentido inteiramente negativo. É um fenómeno ambíguo que pode oferecer novas possibilidades, mas que constitui também um risco. Não se pode negar, absolutamente falando, valor à nossa civilização, mas o processo de secularização vai chocar-se contra as formas tradicionais da vida religiosa”⁴³.

Com o progresso técnico da nossa sociedade, com a informática e o avanço da ciência, a secularização ganha mais vigor. A ciência e a técnica acabam por valorizar a pessoa humana, não pelo que ela é, mas pelo que ela tem. Muitas vezes deparamo-nos com situações em que os que possuem uma grande quantidade de bens materiais ou conhecimentos têm um lugar na sociedade, ao contrário daqueles que têm menos bens e por vezes têm mais valores. O mesmo se passa na educação escolar particularmente no ambiente escolar em que trabalhamos: por vezes os alunos com melhores médias são valorizados e exaltados perante os colegas, no entanto os valores que possuem no geral nem sempre são os melhores.

Os valores da entreatajuda, do trabalhar para o progresso pessoal mas também do outro, do trabalhar em conjunto para alcançar uma meta, opõem-se ao individualismo, ao egocentrismo e ao egoísmo pessoal, na sociedade atual secular. Neste sentido a educação hoje está marcada pela fraca transmissão de valores. Privilegia-se mais a necessidade de os

⁴² *Ibidem*, p. 204.

⁴³ DONDEYNE, FRIES, GRUMELI, KOENIG, MARLÉ, MARTY, MIANO, Karl RAHNER, *Ateísmo e Secularização*, edições Paulinas, São Paulo, 1970, p. 8. Estes autores dizem ainda que: “a secularização pode ajudar a religiosidade e incitar-nos a encontrar uma linguagem nova para anunciar a boa nova ao homem secularizado”.

alunos obterem resultados para serem reconhecidos, do que a transmissão de valores e de ideais morais importantes para o dia-a-dia do ser humano. Assim sendo o aluno passa a ser reconhecido pelos seus bons resultados mesmo que para alcançar esse objetivo, não tenha cumprido os ideais morais do respeito e da ajuda.

Perdeu-se a noção de comunidade, uma vez que as pessoas só se aproximam por motivos de interesse pessoal e não com o sentido de criação de laços afetivos e vínculos duradouros. O autor Alain de Botton, na sua obra *Religião para Ateus* declara que “uma das perdas que a sociedade moderna sente mais profundamente é a de uma sensação de comunidade. Temos tendência para imaginar que existiu em tempos um nível de boa vizinhança que foi substituído pela desumana anonimidade, um estado em que as pessoas estabelecem contacto umas com as outras acima de tudo com objetivos limitados e individualistas: o lucro financeiro, a promoção social ou o amor romântico”⁴⁴.

O egocentrismo e individualismo que se vive atualmente, não deixa grande hipótese de encontros com fins de solidariedade e humanidade. A verdadeira definição de humanidade implica que o ser humano seja benevolente, paciente, solidário, que viva a sua verdadeira natureza humana. No entanto a sociedade secular atual torna-se uma tentação a esta vivência da natureza humana.

Para tentar inverter esta situação, o ser humano precisa de instituições que tenham uma estrutura de apoio, princípios, métodos e objetivos. O mundo secular foge um pouco a estas instituições, pois vê nelas uma perda da liberdade, da espontaneidade, da qualidade e da diversidade da pessoa humana.

Toda a pessoa humana precisa do convívio, da amizade, da comunhão, da gratidão, tendo em conta que dificilmente consegue isso sozinho. O mundo secular pode proporcionar-nos formas de satisfazermos as nossas necessidades físicas, de uma forma muito confortável e prática, mas cinge-se sempre à dimensão material do humano. Por sua vez as instituições religiosas preocupam-se mais particularmente com as necessidades interiores e emocionais, preocupando-se em transmitir valores que lhe serão úteis ao longo da vida: preocupar-se com o outro, dar atenção ao mais pobre, ao mais fraco, ao mais excluído da sociedade. A vivência do ideal cristão comporta o viver mais para o outro do que para si próprio. Esta vivência tem implícita uma igualdade de direitos e do respeito pelo outro. A este respeito o Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et*

⁴⁴ Alain de BOTTON, *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre as utilizações da religião*, edições D. Quixote, Alfragide, 2012, p. 23.

Spes refere que “para satisfazer às exigências da justiça e da equidade, é necessário esforçar-se energicamente para que, respeitando os direitos das pessoas e a índole própria de cada povo, se eliminem o mais depressa possível as grandes e por vezes crescentes desigualdades económicas atualmente existentes, acompanhadas da discriminação individual e social”⁴⁵.

Nesta sociedade, o que nos é dado a observar é a ausência da verdadeira educação para a paz. Se queremos viver em paz, não basta lamentarmos a guerra, é necessário criar condições, promover atos positivos para que ela exista numa vivência em sociedade. Para isso temos também de corrigir algumas formas de estar e de viver, como o egocentrismo, individualismo, o pensar em função de nós próprios, características de uma sociedade secular. Não temos paz, porque não se educa a sociedade a procurá-la na sua fonte, no Príncipe da Paz, Jesus Cristo (Ef 2, 14).

Nesta conjuntura social assiste-se a uma grande desagregação e desintegração da família, perdendo assim a sua contribuição para a educação de crianças e jovens. Há cada vez mais crianças filhas de pais separados, de pais ausentes que por vezes não dão valor ao futuro dos seus filhos. A família deixou de ser um meio forte capaz de contribuir eficazmente para a educação. Neste sentido no Colóquio Internacional sobre o tema *Educação para a Não Violência* foi apresentada a afirmação de que “nos nossos dias, a família perdeu, em grande parte, a sua contribuição determinante para o processo de educação dos jovens”⁴⁶.

Os meios de comunicação social podem também servir para “deseducar” os jovens e as crianças (classes mais vulneráveis) relativamente à violência. Efetivamente podemos constatar que a imprensa, a rádio, a televisão e os multimédia se encontram repletos de violência. Felizmente que já há alguns programas no sentido de contrariar este domínio, mas ainda são passos muito lentos. Naturalmente que se estes meios de comunicação fossem usados devidamente para a construção da paz e do espírito de inclusão, seriam uma força motivadora e poderosa.

Para a pacificação da sociedade é necessário unir a ciência e a religião, a cultura e a educação. Com estes pressupostos transformaremos uma sociedade pouco pacífica levando-a ao respeito pelo outro, para consigo próprio e com a natureza. Assim sendo o

⁴⁵ GS 66.

⁴⁶ COLÓQUIO INTERNACIONAL, *Educação para a Não Violência*, edição fundação Pro Dignitate, Lisboa, 1996, p. 47.

individual dá lugar ao comunitário e à preocupação com o outro. Grande parte da crise atual pode ser atribuída à ausência de paz e respeito por todos os seres criados.

Para a integração da pessoa humana, de um modo pacífico, todos temos um papel a desempenhar, os crentes essencialmente, os políticos, as famílias, a igreja e a escola.

CAPITULO II – ABORDAGEM A TEXTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA NO SENTIDO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ.

A Igreja, ao longo dos tempos, procurou motivar os povos para a construção de caminhos promotores de paz. Para isso alguns Papas escreveram documentos, no sentido de indicarem diretrizes e formas de conduta que ajudassem os povos na construção da paz. Neste contexto vamos debruçar-nos sobre alguns escritos do Papa João Paulo II, encíclica *Veritatis Splendor* e *Fides et Ratio*; do Papa Bento XVI, exortação apostólica *Verbum Domini*, encíclica *Caritas in Veritate*, e mensagem para o dia mundial da Paz do ano 2013; e do Papa Francisco, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e as mensagens para o dia mundial da Paz dos anos 2014 e 2015.

Ainda nesta análise citaremos o concílio Vaticano II, o catecismo da Igreja católica e a sagrada escritura.

1. Ao encontro das periferias

O mundo atual vive em constante mudança. O progresso tem proporcionado à sociedade um grande desenvolvimento tecnológico que contribui para o bem-estar das pessoas a nível da saúde, educação e comunicação. Apesar disso existe uma crescente desigualdade social. Assim na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, ele afirma que “a alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver e muitas vezes viver com pouca dignidade”⁴⁷.

Neste mundo de grande progresso existem ainda muitos sem abrigo a viver nas grandes cidades e não só. A dificuldade económica continua a ser uma constante, o desemprego coloca muita gente nesta situação. Há carências humanas de toda a ordem motivadas pela crise político-económica em que nos encontramos. Uma parte significativa da população vive marginalizada, excluída da própria sociedade em que vive. Ainda na exortação apostólica do Papa Francisco, referida anteriormente, afirma-se que “já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem

⁴⁷ PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, edições paulinas, Prior Velho, 2013, 52.

vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’.”⁴⁸

É neste ambiente social que se inserem as escolas. Esta situação também aí acontece se o professor não estiver atento, se os pais não colaborarem com o mesmo, bem como todos os intervenientes na educação. Alguns alunos correm o risco de serem postos de parte, se não forem tidas em conta as devidas diferenças e tratadas com cuidado.

Na sociedade em que nos encontramos é cada vez maior a diferença entre os muito ricos e os muito pobres. Quase sem dar conta foi-se cultivando uma espécie de indiferença e uma insensibilidade ao sofrimento alheio, como se os de maior poder económico não se sentissem responsáveis por aqueles que passam grandes dificuldades. Permanecem porém instalados no seu bem-estar e pseudonecessidades de total conforto. A este respeito o Papa Francisco na mesma exortação apostólica citada anteriormente declara que “a cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma”⁴⁹.

Na escola atual há que lutar-se por minorar todas estas diferenças de modo a construir uma escola para todos e onde todos possam desenvolver as suas capacidades, tendo em conta as suas diferenças e a especificidade de cada um. Assim os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto, na sua obra *Escola inclusiva*, afirmam que “a escola para todos é um novo modelo de escola aberta à diferença, onde cada um tem o seu lugar próprio encontrando uma resposta às suas necessidades específicas, sem prejudicar os outros, antes pelo contrário, beneficiando todos os alunos em geral, pelos recursos e serviços que determina e pela mudança que impõe”⁵⁰.

Neste contexto, já há algum tempo que se fala numa escola para todos, por muitos chamada escola inclusiva. Trata-se da integração de crianças com necessidades educativas especiais em escolas ditas normais. Nem sempre esta escola tem dado resposta a todas as necessidades dos alunos. Há reestruturações profundas que eram e continuam a ser necessárias em muitos aspetos: atitudes dos professores, dos pais, organização da sala de aula, entre outros.

⁴⁸ EG 53.

⁴⁹ EG 54.

⁵⁰ Olívia ANDRADE CARVALHO; Luís MIGUEL PEIXOTO, *A escola Inclusiva...*, op. cit., pp. 84-85.

Há autores que são da opinião que estas crianças devem ser educadas nas escolas das suas áreas de residência, como por exemplo o autor Luis de Miranda Correria afirmando na sua obra *Educação Especial e inclusão* que “a frequência da escola da zona de residência, beneficia a criança com NEE, porque promove a sua inclusão social nas atividades da comunidade, permite-lhe conviver e pertencer a um grupo de estudo e dá lugar à criação de amizades”⁵¹. Claro está que estes alunos, embora educados em escolas regulares, terão que ter sempre apoio dado pelos serviços de educação especial. Este apoio em nada prejudica os restantes alunos, antes pelo contrário, pode ser utilizado com vantagem para beneficiar todos os alunos e professores da escola.

Os alunos com NEE, por sua vez podem aprender e contribuir de forma positiva para a sociedade onde estão inseridos. Têm o direito de ter oportunidades iguais de acesso a serviços de qualidade que lhes permitam alcançar sucesso. O apoio que lhes é dado deve traduzir-se em práticas ajustadas às suas capacidades e necessidades. Eles precisam de que os seus professores, pais e comunidade trabalhem em colaboração em ordem ao seu desenvolvimento integral. “As escolas devem envolver as famílias e os membros da comunidade no processo educativo dos alunos”⁵². A inclusão, formando turmas heterogéneas, acaba por constituir deste modo um fator positivo que irá contribuir para o desenvolvimento de comunidades escolares mais ricas e mais profícuas.

A frequência de uma escola inclusiva para uma criança com NEE, constitui, hoje em dia, um direito do ser humano e não apenas se justifica porque é eficaz ou porque dispensa o custo de uma escola especial. Trata-se de uma longa caminhada por que passou a ação educativa, dentro das estruturas regulares de ensino: normalização, integração, igualização de oportunidades e inclusão. Não se trata de fases distintas mas que, por vezes, foram existindo em simultâneo, embora sempre com movimento direcionado para a sala de aula e para a escola regular. Pouco a pouco foram sendo implementadas medidas legais a diversos níveis, de modo que os diferentes serviços educativos se tornassem acessíveis a todos, sem ter que ser a pessoa com NEE a adaptar-se aos requisitos da sociedade, mas antes as estruturas a responderem às suas necessidades.

As escolas inclusivas devem ter em conta que todos os alunos aprendem juntos, sempre que possível, independentemente das suas diferenças. Neste âmbito, o Conselho Nacional de Educação sobre o tema *Uma educação inclusiva a partir da escola que temos*

⁵¹ Luís DE MIRANDA CORREIA, *Educação Especial e inclusão*, op. cit., p. 20.

⁵² *Ibidem*, p. 21.

declara que “estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível da educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades”⁵³.

Atualmente existem os apoios educativos com respetivas equipas de coordenação para apoio aos alunos com NEE incluídos nas classes regulares. Os currículos devem adaptar-se às necessidades das crianças e não o contrário. É preciso rever os processos de avaliação para poder acompanhar a evolução de cada criança. Isto é fundamental para conseguir uma eficaz educação inclusiva.

Outro aspeto essencial para uma boa escola inclusiva, passa pela boa formação dos agentes educativos que nela trabalham, de forma a responder aos problemas que se levantam a cada professor. É preciso ainda tempo destinado ao encontro entre professores, dando a possibilidade de aprenderem uns com os outros. A formação contínua é indispensável a todo o docente, mormente quando o mesmo tem incluídas nas suas turmas crianças com NEE. A par dessa formação deve existir também, sempre, a colaboração de outros docentes do ensino especial. Assim o Conselho Nacional de Educação afirma que “existem experiências de grande qualidade em várias regiões do país que estão a contribuir decisivamente para a total integração nas escolas regulares nas crianças com eficiência das respetivas áreas”⁵⁴.

A declaração universal dos direitos humanos e a declaração sobre a educação para todos defendem que as escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Estamos a falar de uma globalidade de crianças que inclui as portadoras de deficiência física ou psíquica, as crianças sobredotadas, as que trabalham e as oriundas de grupos marginais ou desfavorecidos. As crianças com NEE incluem as que possuem carências relacionadas com deficiências ou dificuldades escolares de toda a ordem. Algumas delas só apresentam dificuldades em determinado momento da sua escolaridade, outras terão dificuldades contínuas.

⁵³ CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, *Uma educação inclusiva a partir da escola que temos*, edição do conselho nacional da educação, Lisboa 1999, p. 29. E ainda: “é preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola”.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 33.

Estas crianças constituem um desafio para a escola que terá de encontrar formas de as educar com sucesso, incluindo as mais difíceis. O autor José Afonso Baptista na sua obra *Introdução às ciências da Educação* afirma que “o princípio da inclusão, explícito ou implícito, é apenas um e refere-se ao direito de todos e de cada um a ter escola e sucesso na escola”⁵⁵.

A maioria dos autores é unânime em defender que o espaço mais adequado para a educação de todos, nomeadamente as crianças e jovens com necessidades educativas especiais, mesmo as portadoras de incapacidades graves, é a escola regular. A maioria dos alunos com NEE também deve ser integrada nas escolas regulares. Este é o lugar certo sempre que o ato educativo se possa fazer com qualidade e eficácia, mantendo a criança integrada na sua comunidade. Porém há casos especiais e excecionais em que só uma escola com determinados recursos físicos e humanos dará uma resposta de qualidade e, neste caso, as crianças serão encaminhadas para lá. José Afonso Baptista, autor da obra citada anteriormente, na mesma obra diz que “não se trata de segregar, de excluir, de retirar o direito de ser educado na escola da sua residência: trata-se de assegurar a qualidade e a especialização que só é possível em centros altamente especializados”⁵⁶.

O direito à inclusão não pode colidir com o direito à qualidade e ao sucesso educativo. A criança tem direito a um percurso escolar com estes requisitos. Se assim não for, em vez de inclusão haverá o caminho para a exclusão, que devemos evitar. Continuamos, no entanto, a afirmar que o lugar mais adequado a todas as crianças, independentemente das suas dificuldades e diferenças, é em conjunto, nas escolas regulares, sempre que possível. Estas escolas devem adaptar-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos.

Quando uma criança tiver de ser colocada numa escola especial ou em aulas especiais dentro de uma escola, de forma permanente, terá de ser de um modo absolutamente excepcional. Isto será só mesmo quando a educação nas aulas regulares é incapaz de dar resposta às necessidades pedagógicas e sociais do aluno, ou quando isso se torne indispensável ao bem-estar da criança, portadora de deficiência, ou das outras crianças que convivem com ela.

⁵⁵ José AFONSO BAPTISTA, *Introdução às ciências da educação: temas e problemas da educação inclusiva*, universidade católica editora, Lisboa, 2011, p. 68.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 70.

A teoria da educação inclusiva ganhará muito mais força dependendo da atitude dos professores e de todos os intervenientes na educação. “Se todos acreditamos no direito de todos à educação, o combate à exclusão ganhará outra dimensão e outra eficácia e as metas definidas para o século XXI serão rapidamente atingidas”⁵⁷.

A verdadeira escola inclusiva deve reconhecer o direito de todos os alunos, incluindo os que têm mais dificuldades, a serem ensinados em conjunto com os seus colegas, tendo em conta as suas necessidades comuns e diferentes. Se estes alunos forem tratados com igualdade terão maiores oportunidades de aproveitamento segundo as suas necessidades. Para isso é preciso que os professores reconheçam as diferenças individuais de cada aluno e o seu impacto na aprendizagem. É necessário que o aluno com dificuldades seja tido em conceito de valor igual aos outros alunos incluindo a participação na comunidade escolar e sociedade em geral.

Os autores, Christina Tilstone, Lani Florian e Richard Rose, na sua obra *Promover a educação inclusiva* referem que as escolas com educação inclusiva têm em conta que “os alunos são contribuintes valiosos para a sua própria aprendizagem e para a comunidade escolar e reconhecem igualmente a contribuição de outras pessoas como eles para a sociedade em geral”⁵⁸.

Sem invalidar tudo o que foi dito é preciso ter em conta que a escola há de ser para todos um lugar acolhedor. É fundamental que o professor conheça bem os seus alunos para lidar com cada um em função das suas características e necessidades. A intervenção “especial” não é necessária apenas com crianças com deficiências mas também com todas as crianças.

2. Construção da Paz

Ao longo dos tempos o homem procurou caminhar no sentido de uma paz entre os povos. A Igreja, a seu modo, colaborou neste percurso a exemplo do Mestre Jesus Cristo. Ele ensinou os seus apóstolos a procurar caminhos de paz e apresentou-se como a verdadeira Paz.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 73.

⁵⁸ Christina TILSTONE; Lani FLORIAN; Richard ROSE, *Promover a educação inclusiva*, Stória Editores, Lda, Lisboa, 2003, p. 96.

É importante, hoje em dia, esta vivência da Paz. Por isso é necessário que a sociedade viva uma educação para a Paz, contribuindo assim para minorar as desigualdades sociais.

2.1. *A paz nos documentos do Magistério da Igreja*

A paz é algo que existe implicitamente no coração de todos e que leva a uma vida plena de sentido que se traduz na comunhão com os outros, na fraternidade, na amizade e solidariedade universal. Ao longo dos vários textos do Magistério da Igreja, nós vemos que a palavra Paz surge particularmente associada à solidariedade, à fraternidade e no viver preocupado também com o outro.

O Papa Bento XVI na exortação apostólica *Verbum Domini* apela para as relações humanas marcadas pela retidão e pela justiça, baseadas na palavra de Deus, tendo como consequência a solidariedade e igualdade que hão de levar a pessoa humana ao compromisso e preocupação por quantos sofrem e são vítimas do egoísmo. Segundo ele faz parte da missão humana da evangelização a transformação do mundo pela força do evangelho que defende o verdadeiro bem de todos no respeito e promoção da dignidade humana. Não é só à igreja que cabe este direito e dever, mas também é sua função intervir em questões morais, éticas que possam contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa. Na exortação apostólica *Verbum Domini*, Bento XVI afirma que “à luz das palavras do Senhor, reconheçamos pois os ‘sinais dos tempos’ presentes na história, não nos furtemos ao compromisso em favor de quantos sofrem e são vítimas do egoísmo”⁵⁹.

O cristão é o promotor da paz. A exemplo de Cristo que “é a nossa paz” ele deve esforçar-se por derrubar todos os muros de divisão, pois a sua missão não compactua com intolerância ou guerras. A palavra de Deus diz-nos que a paz é possível e que devemos nós mesmos ser instrumentos de reconciliação e de paz contra a violência e as armas. Para ajudar a construir a paz o ser humano deve viver a caridade. “O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com

⁵⁹ BENTO XVI, *Exortação Apostólica Verbum Domini*, Paulus editora, Lisboa, 2010, 100.

a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor 13, 4-7).

Acerca da caridade, o Papa Bento XVI diz-nos ainda na sua carta encíclica *Caridade na verdade*, que a mesma conduz à unidade de todo o género humano em comunhão fraterna, pondo de parte qualquer divisão ou contenda. A caridade é interior ao ser humano, não nasce da inteligência nem da vontade mas do coração. Esta comunhão nascida da caridade constitui as verdadeiras comunidades de paz. A este respeito Bento XVI na sua carta encíclica *Caritas in Veritate* refere que “enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade é uma força que constitui a comunidade, unifica os seres humanos, segundo modalidades que não conhecem barreiras nem confins”⁶⁰.

Estas comunidades assim constituídas serão plenamente fraternas onde há lugar para a gratuidade e harmonia pois existe confiança recíproca e verdadeira solidariedade. Neste clima tem lugar o dom como expressão de justiça que atende ao mais pobre e mais fraco levando á comunhão, à igualdade e à fraternidade. Diz-nos ainda Bento XVI que nesta época de globalização a atividade económica não pode esquecer a solidariedade e a responsabilidade pela justiça e o bem comum.

A respeito da fraternidade, o Papa Francisco, na sua mensagem para o dia mundial da paz do ano 2014, diz que o coração humano alberga uma grande aspiração de fraternidade que conduz à comunhão com os outros, que leva a não ver no outro um inimigo ou concorrente mas sim um irmão para acolher e abraçar.

A consciência desta realidade conduz à construção de uma sociedade em que haja lugar para a justiça, para uma paz firme e durável. Segundo ele, estes valores começam a aprender-se no seio da família. Na nossa sociedade encontramos frequentemente a indiferença, o habituar ao sofrimento alheio, o fechar em si próprio. Isto é característico de uma sociedade globalizada que nos torna mais próximos mas não mais irmãos.

O Papa Francisco, nesta mensagem, fala na história de Abel e Caim (em que Caim matou Abel), para nos dizer que embora a humanidade traga em si uma vocação à fraternidade também comporta a possibilidade da traição. A fraternidade conduz inequivocamente à paz. Toda a vez que consideramos o outro como um irmão, respeitamos os seus direitos, vivemos em comunhão e solidariedade com ele, não há lugar para ódios

⁶⁰ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, Paulinas editora, Prior Velho, 2009², 34.

ou guerras. Assim o Papa Francisco na mensagem para o dia mundial da paz em 2014 declara que “é fácil compreender que a fraternidade é fundamento e caminho para a paz”⁶¹.

Segundo João Paulo II a paz é um bem indivisível, ou é de todos ou não é de ninguém. Para se caminhar neste sentido é necessário esquecer-se de si próprio em benefício do outro em vez de o explorar e é importante também servir o outro em vez de o esmagar para proveito próprio, como tantas vezes acontece na sociedade. Frequentemente o outro é visto como um instrumento que se usa e se explora a baixo preço e se abandona quando já não serve. O caminho da paz leva a inverter esta situação na sua totalidade. Pois leva a ver o outro como semelhante e a tratá-lo como um irmão.

Assim o Papa Francisco apela à nossa solidariedade para com as vítimas indefesas da guerra. Diz-nos que podemos sempre colaborar através da oração, do serviço aos feridos, aos famintos e aos carentes de afetos. A Igreja tem o dever de apelar aos responsáveis pelos conflitos, para o respeito pelos direitos fundamentais do ser humano, e ainda para a construção da justiça e da esperança.

A fraternidade gera paz social, na medida em que cria equilíbrio entre liberdade e justiça, responsabilidade e solidariedade, bem pessoal e bem comum. O exercer dos cargos públicos deve implicar o respeito pela liberdade de cada um. Quando se inter põem interesses partidários gera-se um clima de permanente conflito.

Só com um verdadeiro espírito de caridade fraterna é que o ser humano poderá vir a ser instrumento eficaz de desenvolvimento integral e de paz. Assim na mensagem para o dia mundial da paz 2014 o Papa Francisco alerta para que “quando falta esta abertura a Deus, toda a atividade humana se torna mais pobre e as pessoas são reduzidas ao objeto passível de exploração”⁶².

Na mensagem para o dia mundial da Paz do ano 2015, o Papa Francisco volta a falar desta fraternidade que deve levar a considerar os outros como irmãos e não como escravos. Ele fala sobretudo do problema da escravidão e suas múltiplas imagens desde os tempos em que a escravatura era legal até aos dias de hoje, em que embora a escravidão fosse abolida, existem porém várias formas de escravidão. Esta situação é o inverso da paz, pois ela implica o respeito total pelos direitos da pessoa humana.

⁶¹ PAPA FRANCISCO, Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVII dia mundial da Paz, *Fraternidade, fundamento e caminho para a Paz*, Vaticano, 1 de Janeiro de 2014, 4.

⁶² *Ibidem*, 10. Diz ainda o Papa Francisco que “o serviço é a alma da fraternidade que edifica a paz”.

No centro de cada sistema social deve estar a pessoa humana, imagem de Deus, criada para dominar o universo. Quando nesse lugar existe o dinheiro dá-se uma inversão de valores e surge toda a forma de escravidão e opressão. Surge nos dias de hoje a escravidão perante os bens materiais e o egoísmo individualista. “A globalização da indiferença, que hoje pesa sobre a vida de tantas irmãs e tantos irmãos, requer de todos nós que nos façamos artífices de uma globalização da solidariedade e da fraternidade que possa devolver-lhes a esperança e levá-los a retomar, com coragem, o caminho através dos problemas do nosso e as novas perspectivas que este traz consigo e que Deus coloca nas nossas mãos”⁶³.

A Igreja através dos seus variados institutos e congregações religiosas realiza um trabalho de apoio às vítimas da escravidão, sua reabilitação e sua reintegração na sociedade. Este trabalho requer coragem, paciência e perseverança. São necessárias leis justas centradas na pessoa humana para defender os seus direitos.

Continua também na sociedade atual e cada vez mais uma desigualdade entre ricos e pobres motivada pela mentalidade egoísta e individualista própria do capitalismo financeiro. Os fundamentalismos e fanatismos impedem a comunhão entre os homens e põem em perigo a paz.

O Papa Bento XVI, na mensagem para o dia mundial da paz do ano 2013, fala da paz como uma ética de comunhão e partilha contrariando assim a sociedade de desigualdades financeiras de individualismo e egoísmo. “A ética da paz é uma ética de comunhão e partilha”⁶⁴. A paz baseia-se na construção de uma convivência humana fundamentada na verdade, na liberdade, no amor e na justiça. Quando acontece, em sociedade, uma negação dos direitos fundamentais da pessoa, como no caso da escravização, é posta em perigo a construção da paz.

Segundo Bento XVI é Cristo quem nos dá a verdadeira paz que brota do encontro entre Deus e o homem. O desejo de paz está assim implícito no coração humano e surge como uma vocação natural a uma vida humana plena, feliz e bem-sucedida. O homem é feito para a paz que é um dom de Deus, sem deixar de ser também obra do homem. Jesus Cristo é que nos dá a verdadeira paz que brota do encontro entre Deus e o homem. Deste modo o homem torna-se colaborador com Deus na construção da paz.

⁶³ PAPA FRANCISCO, Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVIII dia mundial da Paz, *Já não escravos, mas irmãos*, Vaticano, 1 de Janeiro de 2015, 6.

⁶⁴ BENTO XVI, Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVI dia mundial da Paz, *Bem-aventurados os obreiros da Paz*, Vaticano, 1 de Janeiro de 2013, 2.

Obreiro da paz é aquele que ama, defende e promove a vida humana em todas as suas dimensões, pois quem deseja a paz não pode tolerar atentados e crimes contra a vida. A paz supõe assim a realização do bem comum, o respeito pela vida, pela justiça, pela liberdade e por todos os outros direitos da vida humana. “As obras da paz concorrem para realizar o bem comum e criam interesse pela paz educando para ela. Pensamentos, palavras e gestos de paz criam uma mentalidade e uma cultura da paz, uma atmosfera de respeito, honestidade e cordialidade. Por isso, é necessário ensinar os homens a amarem-se e educarem-se para a paz, a viverem mais de benevolência que de mera tolerância”⁶⁵.

2.2. Educar para a Paz

Num contexto educacional que convive com uma sociedade desigual, a paz deve ter um contributo fundamental na resolução de situações de conflito, particularmente num contexto escolar. Segundo o Papa João Paulo II a EMRC tem um alcance cultural e um valor educativo importantes para formar personalidades ricas interiormente, dotadas de força moral e abertas a valores como a justiça, a paz e a verdade⁶⁶. O Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* refere que “a igreja, no decurso dos séculos e sobretudo nos últimos tempos, formulou e proclamou à luz do evangelho os princípios de justiça e equidade, postulados pela reta razão tanto na vida individual e social como na internacional”⁶⁷.

A paz não é apenas ausência de guerra, é essencialmente um fruto de um diálogo equilibrado e terá de surgir do desenvolvimento integral de todos. O Papa Francisco na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* afirma isso mesmo: “uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência”⁶⁸.

A resolução do conflito depende muito da forma como é encarado por professores e por alunos. A forma mais adequada consiste em enfrentar o conflito, resolvê-lo pelo

⁶⁵ PAPA FRANCISCO, Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVII dia mundial da Paz, *Fraternidade, fundamento...*, op. cit., 7.

⁶⁶ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA *A Educação Moral e Religiosa Católica: um contributo para a formação da personalidade* CEP, 2006, 6.

⁶⁷ GS 63.

⁶⁸ EG 219.

diálogo e transformá-lo num elo de ligação entre as partes conflituosas. Para isto é necessário desenvolver o sentido da comunhão nas diferenças e considerar o outro na sua dignidade mais profunda. Deste modo a unidade será superior ao conflito. Cristo é o modelo de reconciliação e pacificação, pois tudo n'Ele é paz. Para estabelecermos a paz entre os outros temos que, em primeiro lugar, estar em paz connosco, só assim teremos coragem para ultrapassar os conflitos. Na mesma exortação apostólica referida anteriormente o Papa Francisco afirma que “deste modo, torna-se possível desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas que têm a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda”⁶⁹.

A paz implica particularmente o respeito total pela dignidade da pessoa humana. Assim sendo, numa escola em que existam alunos com necessidades educativas especiais, a paz surge como contributo para um espírito de inclusão, privilegiando o diálogo como forma de encontro. A procura de consenso e de acordos dá lugar a uma escola justa, pacífica e sem exclusão. É neste sentido que o Papa Francisco na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* afirma que “a nova evangelização incentiva todo o batizado a ser instrumento de pacificação e testemunha credível duma vida reconciliada”⁷⁰.

Na nossa sociedade existem sinais de violência que tendem a aumentar de dia para dia: os roubos, assaltos, violações. Numa leitura atenta aos jornais diários verificamos que os casos de assassinato, suicídio, prostituição e drogas aumentam constantemente. O ser humano vai procurando viver mais para si próprio e a defesa dos próprios interesses colide muitas vezes com os interesses do outro. Isto dá muitas vezes azo ao desejo de vingança e de fazer justiça pelas próprias mãos. Assistimos ainda a uma degradação de costumes e de consciência moral. Vivemos numa sociedade marcada por divisões, carências, traumatismos, famílias separadas, colegas intolerantes com o outro, violência familiar, poluição, desemprego, crise económica, entre outras.

O que mais nos preocupa e poderá estar na origem de tudo isto é a falta de valores fundamentais, tais como o respeito pela vida do outro, a solidariedade, a verdade, a liberdade... O Catecismo da Igreja Católica refere neste sentido que “a sociedade deve

⁶⁹ EG 228.

⁷⁰ EG 239.

favorecer a prática das virtudes, e não impedi-la. Deve inspirar-se numa justa hierarquia de valores”⁷¹.

A educação para a paz começa no seio da família. Porém, uma grande parte das famílias encontra-se por vezes em degradação, remetendo para a escola e para a igreja essa função de educar os mais novos. O atual modelo de educação tem vindo a revelar-se incapaz de dar resposta às necessidades de formação dos jovens de hoje e da construção da verdadeira paz.

Na realidade não existe ainda paz à nossa volta porque não foi realizada uma verdadeira educação para a paz. Há quem considere a escola laica e apesar de os professores de EMRC exercerem a sua ação, a disciplina de EMRC é facultativa e, por vezes, os outros colegas professores não são recetivos a propostas de trabalho neste âmbito. Todos querem a paz mas o que verificamos é que ela existe deficitariamente nas famílias, nos grupos sociais e na sociedade em geral.

A escola pode e deve ser promotora desta viragem para uma sociedade mais pacífica, se deixar de ser apenas transmissora de conhecimentos e passar a trabalhar padrões e normas de comportamento. Embora caiba à disciplina de EMRC o papel mais importante na transmissão de valores, eles devem estar presentes e visíveis também noutras áreas e disciplinas. Assim no Colóquio internacional sobre a *Educação para a Não Violência* referiu-se que “a prevenção de violência e a promoção da paz devem ser parte do curriculum base da formação de professores”⁷².

Uma grande parte da violência existente hoje nas escolas e na sociedade, deve-se muitas vezes à irresponsabilidade dos pais na educação dos seus filhos. Muitas vezes a ação dos professores não é tão eficiente porque os pais condenam o professor até prova da sua inocência, quando deveria ser o contrário, como forma de desculpar os filhos. Ora se o professor não se sente bem, também os alunos não se podem sentir bem. Nem o modo de transmitir valores, nem o modo de os receber produz uma ação tão eficaz como deveria.

É necessário pois, que a escola crie condições para promover atos positivos que configurem a paz, e que a desenvolvam, no entanto é importante a colaboração de todos os intervenientes no ato educativo: professores, pais, encarregados de educação, direção da escola e sociedade envolvente. É fundamental ajustar um paradigma educacional que permita aos alunos um crescimento interior, pois a educação para a paz não pode ser só de

⁷¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, gráfica de Coimbra, 1997², 1895.

⁷² COLÓQUIO INTERNACIONAL, *Educação para a Não Violência*, op. cit., p.42.

teor científico ou cívico mas também moral e espiritual. Este crescimento vem de uma educação baseada nos valores propostos no evangelho. Segundo o Papa Francisco, “o anúncio de paz não é a proclamação duma paz negociada, mas a convicção de que a unidade do Espírito harmoniza todas as diversidades. Supera qualquer conflito numa nova e promissora síntese. A diversidade é bela, quando aceita entrar constantemente num processo de reconciliação até selar uma espécie de pacto cultural que faça surgir uma ‘diversidade reconciliada’.”⁷³

Tendo em conta estes pressupostos, é urgente a implementação de uma nova educação para a paz. Não um ensino compartimentado, mas como um todo harmonizante ao longo de toda a vida humana.

Não será provavelmente apenas o desarmamento, a colocação de mais polícias nas ruas que terá a principal função de construir a paz. Ela será fruto de uma formação das consciências, de uma educação para os verdadeiros valores que permitirão à pessoa humana crescer interiormente e tomar atitudes e comportamentos de respeito por si próprio e pelos outros.

À escola não pode caber apenas o dever de instruir para exercício de uma futura profissão, mas sim preparar a pessoa no seu todo formando jovens que cultivem em si os valores fundamentais que dão verdadeiro sentido à vida. No Colóquio Internacional sobre a *Educação para a Não Violência*, “a escola representa, em si, uma oportunidade privilegiada para transmitir ao maior número de pessoas o mínimo de referências convergentes e de valores comuns a todos”⁷⁴.

É portanto necessária a formação da consciência dos jovens para a construção da paz através de uma educação integral da pessoa humana. Os crentes consideram a paz como dom de Deus e obra da pessoa humana. A paz que nos vem de Deus não invalida nem dispensa o esforço do homem para a sua construção.

Os meios de comunicação bem orientados, em vez de serem promotores de situações de conflito e violência pela sua influência junto das populações, podem vir a ser veículos de construção da paz. Sendo assim, já vão aparecendo reações no sentido de contrariar a violência em algumas emissões e séries televisivas consagradas à juventude.

⁷³ EG 230.

⁷⁴ COLÓQUIO INTERNACIONAL, *Educação para a Não violência*, op. cit., p. 49. O autor diz ainda que “a escola poderá efetivamente trazer o «denominador comum moral» a todas as mulheres e homens da terra. Constitui uma rede muito densa que se encontra já à nossa disposição para trabalhar no bom sentido”.

Tenhamos esperança de que mais ações neste domínio ajudem a formar a mentalidade e espontaneidade dos mais jovens. É claro que, tendo consciência da morosidade destes efeitos não podemos querer tudo de imediato, embora saibamos da influência inequívoca que os meios de comunicação exercem sobre a sociedade em geral. Assim é referido no Colóquio Internacional sobre *Educação para a Não Violência* que “é portanto claro que este utensílio mediático constitui uma potencial força para uma educação para a paz. Se se colocasse ao serviço das causas nobres, a sua força persuasiva seria muito poderosa e a sua influência muito grande”⁷⁵.

Apesar de tudo, a principal missão educativa pertence à escola e repercute-se na sociedade, sobretudo numa sociedade em crise como a que vivemos atualmente. Esta missão educativa como já atrás dissemos, haverá de incidir principalmente na transmissão de valores, pontos de referência, exemplos para a vida dos jovens para além da transmissão de conhecimentos. Os alunos sentem necessidade de ser guiados, ajudados a formar a sua própria personalidade, de modo sereno e compreensivo, mas também claro e transparente. Se assim não for, a maioria dos jovens, hoje em dia, permanecerão entregues a si mesmos sem referência e sem orientação.

Mais do que educar para o saber, é necessário educar para o saber fazer e o saber ser, bem como para o desenvolvimento da imaginação individual e capacidade de trabalho em equipa. Este respeito ainda no Colóquio Internacional “a escola deverá portanto sair do seu enclausuramento no domínio exclusivo do ‘saber’. Para melhor corresponder às necessidades da sociedade, é necessário acrescentar-lhe o ‘saber fazer’ e o ‘saber ser’... se não mesmo o saber ‘tornar-se!’”⁷⁶.

Sem ilibar o papel dos professores, diremos que cabe aos diretores dos estabelecimentos de ensino, uma ação muito importante, pois deverão ser os primeiros a compreender a ligação entre a educação e instrução. Poderão ser eles a motivar e implicar todos os membros de sua escola num projeto de conjunto (projeto educativo da escola). Deste universo fazem parte todos os intervenientes no processo educativo: contínuos, monitores, pais dos alunos, pessoal administrativo, pessoal técnico de manutenção. Trata-se de um conjunto diverso mas que será corresponsável pelo fenómeno educativo na sua totalidade.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 49.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 54.

Com estes pressupostos, a escola preparar-se-á para constituir um espaço de confiança, de segurança e de referência valorizadora por oposição ao ambiente ou sociedade muitas vezes degradante, em que o jovem cresce. Se o jovem tiver orgulho da sua escola e se reconhecer nela, encontrará ambiente para crescer e se desenvolver em clima de paz. Diz ainda o Colóquio Internacional sobre *a Educação para a Não Violência* que “para permanecer fiel a opções em favor duma ‘educação para a não violência’, o ambiente escolar deveria ser o reflexo desta ‘cultura de paz’ à qual aspiramos”⁷⁷.

Dentro da escola compete ao professor de EMRC educar para os valores evangélicos. Segundo Jesus Cristo, é no nosso coração que reside a paz. Ele é chamado a construir essa paz, tendo sempre presente o apelo do Mestre que diz: “deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde” (Jo 14,27). Esta paz que reside no coração de cada ser humano é a verdadeira paz que ninguém lhe poderá tirar. Deverá, no entanto, traduzir-se em obras que a identifiquem relativamente aos outros.

3. Promoção do bem comum como caminho para a construção de sociedades mais justas e pacíficas.

É missão de cada cristão, lutar para a construção de uma sociedade mais justa e mais pacífica. A promoção do bem comum passa pela implementação, em sociedade, de valores humanos como a justiça, a paz, a solidariedade e a liberdade. Trataremos neste ponto da forma de promover o bem comum do ponto de vista religioso.

O facto de se viver em comunidade é uma oportunidade para podermos promover o bem comum e a vivência pacífica.

3.1. Perspetiva Religiosa na promoção do bem comum

A Igreja defende a integração total do ser humano na sociedade seja adulto, jovem ou criança. Ela defende sempre os mais fracos, os mais pobres, os marginalizados ou rejeitados. Assim declara o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelli Gaudium*:

⁷⁷ *Ibidem*, p. 60.

“deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade”⁷⁸.

É dever de cada cristão, seguindo o exemplo de Cristo, ser instrumento de Deus ao serviço dos mais desfavorecidos da sociedade. O cristão deve ser ainda o promotor da justiça, da liberdade e da solidariedade. O Papa Francisco afirma que “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade”⁷⁹. De tal modo que esta tarefa não é apenas de alguns mas de todos, pois se trata de uma exigência da sua condição de filhos de Deus. Deste modo, todos os cristãos são chamados a combater as desigualdades sociais, englobando a todos na caridade cristã e no amor com que Deus nos amou gratuitamente. O Concílio Vaticano II no decreto sobre a atividade missionária da igreja, *Ad Gentes Divinitus* afirma que “efetivamente, a caridade cristã a todos se estende sem discriminação de raça, condição social ou religião; não espera qualquer lucro ou agradecimento. Portanto, assim como Deus nos amou com um amor gratuito, assim também os fiéis, pela sua caridade, sejam solícitos pelos homens, amando-os com o mesmo zelo com que Deus veio procura-los”⁸⁰.

A Igreja, a exemplo de Cristo, apela à caridade fraterna, à justiça social, à solidariedade com os que mais precisam constituindo um apoio que lhes permita desenvolverem-se e tornarem-se eles próprios construtores do seu destino.

Guiados pelos seus pastores, os cristãos recebem um apelo para estarem atentos em todo o tempo e lugar à voz dos mais pobres, das suas esperanças, alegrias e tristezas. Trata-se não só de garantir comida ou sustento, mas também implementar medidas que conduzam à prosperidade. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que “isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida”⁸¹.

Sendo a pessoa humana um ser sociável, o seu próprio bem terá que estar forçosamente relacionado com o bem dos seus semelhantes. Automaticamente o bem da

⁷⁸ EG 186.

⁷⁹ EG 187.

⁸⁰ CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (Ad Gentes Divinitus)*, Editorial A. O., Braga, 1983, 12.

⁸¹ EG 192.

comunidade resulta também no bem de cada um. Voltamos assim ao respeito pelos direitos fundamentais da pessoa humana. Não existe bem comum sem o respeito pelos direitos e valores de cada um. Esse respeito implica o permitir que cada um se realize na sua própria vocação.

Do ponto de vista da religião católica este bem comum exige também uma distribuição equitativa dos bens materiais, a inclusão social dos mais pobres e a renúncia dos mais poderosos a alguns dos seus privilégios em favor das classes mais desfavorecidas. O Papa Francisco insiste ainda a este respeito que “a dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética”⁸².

Para promover o bem comum é preciso construir a paz, praticar a justiça e a fraternidade, ser solidário e saber aceitar o outro. Isto interessa a todos, exige o bem-estar social e o desenvolvimento da própria sociedade. O bem particular não deve sobrepor-se ao bem conjunto. De outro modo gerará conflitos. Embora cada um tenha direito à sua realização pessoal, é na sociedade que se encontra a sua realização mais completa. O Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma que “a ordem social e o seu progresso devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas, já que a ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas e não ao contrário”⁸³.

Para conseguir a implementação do bem comum, é forçosamente necessária a renovação de mentalidades e a introdução de várias reformas a nível social. O Espírito de Deus não se encontra alheio a tudo isto, Ele está presente nesta evolução. O seguimento dos valores evangélicos desperta no coração humano uma grande exigência de dignidade. O cristão luta por conseguir para si próprio e para os outros todas as coisas que precisa para uma vida verdadeiramente digna: alimento, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à informação, direito de agir segundo as normas da sua consciência, direito à proteção da sua vida e à justa liberdade mesmo em matéria religiosa.

De acordo com as orientações do Concilio Vaticano II, o cristão deve respeitar cada um como a si próprio, sem exceção: “sobretudo em nossos dias, urge a obrigação de nos

⁸² EG 218.

⁸³ GS 26.

tornarmos o próximo de todo e qualquer homem e de o servir efetivamente quando vem ao nosso encontro”⁸⁴.

A doutrina de Cristo, quando praticada devidamente, e à sua semelhança, pode ser considerada a mais inclusiva, pois inclui o respeito por todos sem exceção de raça de cor de ideologia incluindo o respeito e amor pelos nossos adversários. Leva ao diálogo com caridade e delicadeza com os mesmos, mesmo que porventura tenham ideias diferentes. Não é dado ao cristão julgar qualquer um, pois só Deus é juiz e penetra os corações.

Mesmo convivendo com pessoas muito diferentes, em capacidades intelectuais e morais, o cristão deve eliminar qualquer forma social ou cultural de discriminação quanto a direitos fundamentais da pessoa por motivo de condição social, raça, gênero, língua ou religião. Neste sentido na constituição *Gaudium et Spes* o Concílio Vaticano II afirma que “embora entre os homens haja justas diferenças, a igual dignidade pessoal postula, no entanto, que se chegue a condições de vida mais humanas e justas”⁸⁵.

Não se devem permitir excessivas desigualdades económicas e sociais entre povos da que deve ser única família cristã, pois provocam escândalo, são obstáculo à justiça, à igualdade, à dignidade humana e à paz. A justiça e a caridade levam à contribuição de cada um para o bem comum, segundo as suas possibilidades e as necessidades dos outros colaborando com as instituições para melhorar as condições de vida. Deste modo se construirá uma sociedade e uma humanidade nova que leva todos a tomar parte nos empreendimentos comuns para que todos encontrem razões de viver e de esperança.

Com efeito Deus não criou as pessoas para viverem isolados mas em sociedade. Até a santificação humana não é um ato isolado mas constrói-se em comunidade.

Os cristãos, pela exigência da sua fé, devem estar atentos aos mais pobres e marginalizados e criar em si a preocupação pela integração dos mais marginalizados e abandonados. Na exortação apostólica *Evangelli Gaudium* o Papa Francisco declara que “a solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada”⁸⁶.

Os bens que possuímos devem ser administrados não unicamente para proveito próprio mas também para melhor servir o bem comum. A solidariedade manifesta-se na

⁸⁴ GS 27. Continua recordando a palavra do Senhor: “Todas as vezes que o fizestes a um destes irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt. 25, 40).

⁸⁵ GS 29.

⁸⁶ EG 189.

atitude que todo o cristão deve ter de devolver ao pobre o que lhe corresponde. O cristão é, assim, chamado a construir uma sociedade cada vez mais justa e equitativa.

Esta regra é tanto mais válida para cada um como sobretudo para aqueles que exercem autoridade. Os poderes públicos são assim obrigados a respeitar os direitos fundamentais da pessoa humana em nome do bem comum e da paz. A autoridade deve também assegurar a segurança de todos os membros da sociedade, pois daí depende, em grande parte a paz e a estabilidade. Estas funções competem em primeiro lugar ao estado e em seguida às forças políticas e de segurança. O Catecismo da Igreja Católica afirma assim a respeito da política e da segurança: “incumbe aqueles que exercem cargos de autoridade garantir os valores que atraem a confiança dos membros do grupo e os incitam a colocar-se ao serviço dos seus semelhantes”⁸⁷.

O cristão não pode viver à margem da vida pública mas, participar ativamente da mesma desempenhando integralmente as suas funções em benefício do bem comum e da paz. É seu dever combater a fraude implementar a justiça e a equidade. Neste sentido estará a promover o progresso e a melhorar as condições de vida humana.

O Papa Bento XVI alerta os cristãos para a canalização da atividade económica no sentido da solidariedade e bem comum, tendo sempre presente a justiça e a caridade. “Na época da globalização, a atividade económica não pode prescindir da gratuidade, que difunde e alimenta a solidariedade e a responsabilidade pela justiça e o bem comum nos seus diversos sujeitos e atores”⁸⁸.

A solidariedade leva à integração de todos em sociedade porque contribui para o bem comum. Nesta ordem e tendo presente a missão do cristão, todos se sentem responsáveis por todos. Hoje em dia nota-se uma tendência para o pensamento de que só o Estado é que tem obrigação de velar pelos mais fracos e pobres. Não é assim no conceito religioso. A caridade, a solidariedade, a justiça são imperativas da prática cristã, pois advêm do exemplo de Cristo.

O cristão age segundo a sua consciência que o alertará para a prática destas virtudes e tornará responsável pelos atos cometidos: bons ou maus. Já o Papa João Paulo II recordava estas verdades na sua encíclica *Veritatis Splendor* “se o homem comete o mal, o

⁸⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, 1917.

⁸⁸ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, *op. cit.*, 38.

reto juízo da sua consciência permanece nele testemunha da verdade universal do bem, como também da malícia da decisão particular”⁸⁹.

Neste enquadramento, mesmo o papel de um rico ou um grande empresário pode constituir uma nobre tarefa, se o mesmo se deixar imbuir do espírito cristão e canalizar os seus esforços num sentido mais amplo da vida, ao serviço do bem comum, fazendo multiplicar os bens deste mundo e tornando-os mais acessíveis a todos.

Não se trata só de crescimento económico mas também de crescimento equitativo, da criação de mecanismos orientados para uma melhor distribuição dos rendimentos, criação de postos de trabalho e promoção integral dos mais pobres.

Podemos constatar que na sociedade atual nem sempre isto acontece. A maioria das vezes acontece o contrário, ou seja, aumentar a rentabilidade reduzindo o mercado de trabalho com a conseqüente criação de novos excluídos. Se houvesse uma política orientada por princípios cristãos teria em conta verdadeiramente a procura do bem comum e privilegiaria o trabalho digno, a instrução e os cuidados de saúde para todos os cidadãos. Deveria haver constantemente da parte dos governos uma preocupação para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos. De outro modo o discurso político será infecundo e vazio. Na exortação apostólica *Evangelli Gaudium*, o Papa Francisco refere que “é indispensável prestar atenção e debruçarmo-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor”⁹⁰.

3.2. *Viver em comunidade*

A vivência em comunidade implica regras de conduta que regulam os comportamentos de todos e cada um de forma a encontrar uma harmonia que respeite os direitos e liberdades de todo o ser humano. Na realidade nem sempre isto acontece e daí os conflitos que põem em causa frequentemente esses valores imprescindíveis. A autora Deolinda Serralheiro, na sua obra *O Ato Educativo Religioso* afirma que “o interdito é, portanto, a palavra ou a realidade social simbólica que se tem entre o desejo e o real, para que um e outro não sejam destruídos”⁹¹.

⁸⁹ PAPA JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Veritatis Splendor*, editorial apostolado de oração, Braga, 1993, 61.

⁹⁰ EG 210.

⁹¹ Deolinda SERRALHEIRO, *O Ato Educativo Religioso...*, *op. cit.*, p. 96.

É função da disciplina de EMRC contribuir na promoção de condições para uma melhor vivência em comunidade no contexto social, ajudando a coordenar os anseios dos jovens e crianças com as regras que terão que aceitar para viverem em maior harmonia com os demais. Eles terão que aprender por si próprios que a liberdade de cada um só vai até onde colide com a liberdade do outro. A autora Deolinda Serralheiro, ainda na mesma obra citada anteriormente declara que “a educação moral procura ajudar os jovens a articular os seus desejos com os interditos encontrados e não ao esmagamento dos desejos, nem à negação da interdição, mas a um ajustamento adequado entre desejos e interdições que sirva para a progressão moral dos jovens”⁹².

Todos temos alguma dificuldade em viver e interagir com os outros, dada a nossa tendência natural para o individualismo e egocentrismo. Por isso se encontram frequentemente em sociedade, pessoas que fogem de si mesmas e se encontram sós no meio da multidão, quer nas escolas, quer nas empresas ou nas famílias. A disciplina de EMRC pode ajudar a crianças e jovens a ultrapassar estas dificuldades despertando-lhes o sentido da solidariedade e da preocupação com os outros.

As dificuldades, quer económicas, quer morais, podem levar a uma aproximação entre as pessoas sobretudo se elas se regem a si próprias por normas e valores morais. A este respeito o Concílio Vaticano II refere no decreto *Apostolicam Actuositatem* que “para cultivar as boas relações humanas, é necessário promover os valores verdadeiramente humanos, a começar pela arte de conviver e cooperar fraternalmente, bem como a de estabelecer diálogo com os outros”⁹³.

As possíveis comunidades que a sociedade nos oferece são essencialmente baseadas nas relações profissionais, que nos levam a centrar-nos no trabalho, esquecendo quase tudo o resto. A religião, nomeadamente a cristã, dá-nos acesso a uma comunidade em que se podem incluir todas as pessoas sem olhar a bens materiais ou estatuto profissional ou ainda familiar.

No seio desta comunidade, seguindo os valores morais religiosos, aprendemos a amar os inimigos como amamos os nossos familiares. Os mais ricos e influentes aprendem a colocar-se ao nível dos mais humildes e simples. Estes por sua vez não sentirão

⁹² *Ibidem*, o autor em continuidade refere ainda que: “Procura também deixar aos jovens o espaço suficiente para exprimirem e desenvolverem os seus impulsos e desejos de liberdade, quanto baste, para fazerem as suas experiências, com os inevitáveis riscos que comportam”.

⁹³ CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre o apostolado dos leigos (Apostolicam Actuositatem)*, editorial A. O., Braga, 1983, 29.

necessidade de títulos especiais porque se sentirão tratados com dignidade e respeito. O autor Alain de Botton na sua obra *Religião para Ateus*, refere que “a igreja estabelece condições sob as quais podemos renunciar de boa vontade à nossa ligação a classes e títulos”⁹⁴.

A religião cristã convida à reunião dos cristãos em grupo, encoraja a renúncia do orgulho e leva a crescer a amizade entre todos, pela partilha de medos e angústias. A eucaristia bem vivida torna-se uma realidade para alargar e aprofundar afetos. É símbolo de refeição, de congregação e de partilha.

Numa verdadeira comunidade bem organizada devia haver um equilíbrio entre os apelos ao consumo e ao egocentrismo, e o apelo aos bens espirituais de persistência, justiça, verdade, solidariedade e outros valores que contribuem para uma vida realizada e feliz. Devia haver ainda uma igual possibilidade de acesso à cultura e à educação por parte de todas as classes sociais incluindo as mais desfavorecidas. Os autores Olívia Carvalho e Miguel Peixoto na sua obra *a Escola Inclusiva* afirmam que “o tratamento igualitário deve constituir a base do planeamento das sociedades. O princípio da igualdade determina que as necessidades de cada indivíduo tenham igual importância e que todos os recursos sejam aplicados, de modo a garantir a todos iguais oportunidades”⁹⁵.

A verdadeira vida em comunidade exige a tolerância e muitas vezes o perdão. Esta atitude supõe uma compreensão e um respeito pelas diferenças. No cristianismo esta necessidade de perdoar e ser perdoado é apontada por Cristo no evangelho de S. Mateus “Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: ‘Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar, até sete vezes?’. Jesus respondeu: ‘não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete’.” (Mt 18, 21-22)

As religiões possuem uma série de rituais coletivos, que têm em conta o indivíduo na sua interligação com o grupo. Trata-se de conciliar o indivíduo com o grupo. Nelas, as nossas exigências egoístas podem ser ultrapassadas ou atenuadas, em favor da harmonia e da sobrevivência do grupo, a fim de que a sua estabilidade seja garantida. As religiões sempre possuíram regras e diretivas sobre o modo como os membros de uma comunidade se devem comportar uns com os outros. No entanto, há determinados pormenores que devem manter-se sobre alçada da consciência individual.

⁹⁴ Alain de BOTTON, *Religião para ateus...*, op. cit., p. 33.

⁹⁵ Olívia ANDRADE CARVALHO; Luís MIGUEL PEIXOTO, *A Escola inclusiva...* op. cit., p.65.

Na comunidade mais restrita que é a família, e para regular as relações pais/filhos, podem porventura existir códigos bastante rígidos ou complexos acordos político domésticos, sem que os intervenientes sintam que há uma restrição demasiada da sua liberdade. É nesta comunidade mais restrita que a criança adquire a noção de comunidade e de grupo. Embora a religião procure dar sempre orientações e normas de comportamento para uma comunidade cada vez mais perfeita, independentemente da crença ou não em Deus, continuamos a precisar de chamadas de atenção para sermos solidários e justos. A nossa aceitação, ou não, depende da forma como a exortação nos é oferecida, se é por pessoas que se julgam ou não detentores da verdade e da autoridade moral.

As primeiras comunidades cristãs eram consideradas comunidades modelo, por oposição à atual sociedade em que, na sua maioria, cada um cuida de si mesmo. “Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um”. (Act 2, 44-45)

O relato bíblico da vida dos primeiros cristãos refere-se a uma comunhão muito intensa entre eles, tanto do ponto de vista material como espiritual. “Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação”. (Act 2, 46-47)

Esta era a comunidade inclusiva por excelência. Ninguém se podia sentir afastado ou marginalizado mas sempre acolhido, protegido e seguro. Cada qual tinha sempre em conta as necessidades do outro como se fossem suas.

Claro que nos nossos dias esta comunidade seria utópica, mas as aulas de EMRC podem dar um contributo especial neste caminho. Há escolas que tem recursos humanos a prestar serviços a comunidades mais desfavorecidas. É função da escola, inserir os alunos no seio da comunidade. Há variadíssimos temas e programas que podem ser implementados neste sentido.

A igreja defendeu sempre normas morais universais e imutáveis, no sentido da verdadeira liberdade do homem e de uma sociedade mais justa e inclusiva. Este serviço é prestado a todos os homens e também à comunidade e sociedade como tal. São João Paulo II na sua encíclica *Veritatis Splendor* afirma que “estas normas constituem, de facto, o fundamento inabalável e a sólida garantia da justa e pacífica convivência humana, e,

portanto, da verdadeira democracia, que só pode nascer e crescer sobre a igualdade de todos os seus membros, irmanados nos direitos e deveres”⁹⁶.

Seguindo estas normas ficam salvaguardados os direitos de todos, excluindo qualquer tipo de privilégio, mesmo o último dos miseráveis será detido como absolutamente igual. Apesar das circunstâncias por vezes difíceis e independentemente das intenções por vezes boas, nem os particulares nem as autoridades devem transgredir os direitos fundamentais da pessoa humana. Ainda na mesma encíclica citada anteriormente, São João Paulo II diz que “só uma moral que reconhece normas válidas sempre e para todos, sem qualquer exceção, pode garantir o fundamento ético da convivência social, tanto nacional como internacional”⁹⁷.

Temos de constatar que na sociedade atual existem graves formas de injustiça social e económica e de corrupção política. Há muitas pessoas oprimidas e humilhadas nos seus direitos e dignidade própria. É urgente uma renovação que terá de ser implementada tendo em conta os valores humanos e morais que sejam capazes de assegurar justiça, solidariedade, honestidade e transparência.

A construção da paz englobará todos estes valores referidos. Só com pessoas e sociedades pacificadas deixarão de haver comportamentos e atos incompatíveis com a dignidade pessoal de cada homem. É nesta ambiente que se vive um espírito de comunidade, de ajuda e de respeito pela diferença, convivendo em colaboração entre todos. O ser humano, ao longo da sua existência, deve procurar esta vivência em comunhão com os outros, de modo particular em contexto educacional escolar que temos vindo a falar.

⁹⁶ PAPA JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Veritatis Splendor*, op. cit., 96.

⁹⁷ *Ibidem*, 97.

CAPITULO III – O CONCEITO DE PACIFICAÇÃO DAS PERIFERIAS NA UNIDADE LETIVA 4: PAZ UNIVERSAL

Para conseguirmos uma pacificação das periferias, contribuindo para uma escola inclusiva, temos que ter em conta alguns pontos: o contributo da disciplina de EMRC para uma escola inclusiva, podendo ser ela uma grande ajuda nesta matéria; a escola e a turma, tendo em conta que, não pode haver uma verdadeira pacificação das diferenças sem se conhecer bem a cultura e meio onde se insere a escola e a turma; perceber a importância da unidade letiva *Paz universal*, no sentido de educar para a paz e para um espírito de respeito pela dignidade de cada um e por fim não esquecer a urgência de educar para a diferença, visto que é importante que cada professor procure educar tendo em conta as dificuldades e especificidades de cada aluno.

1. Contributo da disciplina de EMRC para uma escola inclusiva

A disciplina de EMRC deve ser a disciplina curricular com maior preocupação em promover uma educação inclusiva. Em cada aula de EMRC o professor pode e deve estar o mais próximo possível dos alunos, tanto dos que têm mais dificuldades como dos que têm maior facilidade de aprendizagem.

Portanto importa referir que as próprias finalidades da disciplina, os contributos do programa e missão do professor têm um importante papel para a prossecução de uma educação inclusiva.

1.1. Finalidades da disciplina de EMRC

A disciplina de EMRC tem um papel preponderante, pois sabendo a facilidade que todo o ser tem de se deixar influenciar pelas pessoas com quem convive, procura apresentar modelos de pessoas consideradas como exemplos de vida, em que a meta se pautou pela justiça, pela verdade, pela caridade e pela sã doutrina.

Esta disciplina está aberta a todos os alunos independentemente da sua crença, diversidade ou opção religiosa, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Refere

ainda a conferência episcopal portuguesa que a disciplina de EMRC é coerente com o princípio de subsidiariedade que coloca a escola ao serviço da educação pretendida pelos pais.

O aluno que frequenta esta disciplina orientado, motivado e esclarecido pelo seu professor deverá conseguir alcançar estas grandes finalidades descritas no programa de EMRC, definidas pela conferência episcopal portuguesa. Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular. Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos. Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé. Adquirir uma visão cristã da vida. Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso. Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social. Aprender o fundamento religioso da moral cristã. Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã. Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé. Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade. Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

Todas estas finalidades para além de desenvolver o sentido religioso, particularmente o cristão, têm em vista também o desenvolvimento global da pessoa humana, a sua realização pessoal, não excluindo o diálogo a partir de saberes adquiridos noutras disciplinas, confrontando-os com os valores cristãos. A Conferência Episcopal Portuguesa refere a respeito da disciplina que “a EMRC tem em vista a formação global do aluno que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”⁹⁸.

Esta disciplina tem uma grande função educativa. Um enorme serviço à escola desenvolvendo o aluno nas suas vertentes cultura, ética, estética e artística. Ajuda o mesmo a adquirir competências para o prosseguimento dos estudos bem como para a inserção no mundo do trabalho. Todo o aluno que interioriza os valores humanos e religiosos irá sentir-se melhor preparado para enfrentar com dignidade o seu futuro. A EMRC “é um ligar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na

⁹⁸ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA *A Educação Moral e Religiosa Católica: um contributo para a formação da personalidade*, op. cit., 8.

integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”⁹⁹. Tem a missão de contribuir para a formação da personalidade dos alunos levando-os a descobrir o projeto de Deus sobre a pessoa, a vida humana e a sociedade.

1.2. Análise do programa de EMRC 2014

A disciplina de EMRC, embora de uma forma facultativa, faz parte dos currículos do ensino básico e secundário, desde o 1ºano até ao 12ºano de escolaridade. Pretende desenvolver as crianças e os jovens, na totalidade da sua pessoa, qualidades e capacidades que lhe permitam preparar-se para a sua futura vida profissional e a sua inserção na sociedade. De uma forma mais específica, pretende transmitir valores, formar consciências.

A consciência moral, que se pretende formar nos jovens, a partir das aulas de EMRC, há de prepará-los para as várias opções que terão de fazer na sua vida prática. Podemos confrontar esta ideia com o que refere o catecismo da igreja católica: “a consciência moral é um juízo da razão, pelo qual a pessoa humana reconhece a qualidade moral dum ato concreto que vai praticar, que está prestes a executar ou que já realizou. Em tudo quanto diz e faz, o homem tem obrigação de seguir fielmente o que sabe ser justo e reto”¹⁰⁰.

Esta disciplina destina-se a todos os alunos, independentemente das suas convicções religiosas, pois ela é capaz de ajudar qualquer jovem a formar a sua personalidade, a sua força moral interior e a sua abertura a valores como a justiça, solidariedade, liberdade e paz.

Esta análise incide mais sobre as finalidades, objetivos, conteúdos, temas e competências do 3ºciclo do Ensino Básico, uma vez que a unidade letiva que se está a trabalhar é a unidade letiva 4, Paz Universal, do 7ºano.

As metas curriculares propostas para cada unidade letiva do 7º, 8º e 9º anos baseiam-se em três domínios: religião e experiência religiosa, cultura cristã e visão cristã

⁹⁹ *Ibidem*, 9.

¹⁰⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, 1778-1779. Refere ainda: “importa que cada um esteja suficientemente presente a si mesmo para ouvir e seguir a voz da sua consciência”.

da vida, ética e moral. No 7º e 8ºanos são propostas quatro unidades letivas e no 9ºano são propostas três unidades letivas.

No programa do 7ºano é apresentada, como primeira unidade letiva, *As Origens*; a segunda unidade letiva, *As Religiões*; a terceira, *A Riqueza e sentido dos Afetos*; a quarta *A Paz Universal*, a qual desenvolvemos, de uma forma prática, neste trabalho.

No programa do 8ºano é apresentada como primeira unidade letiva, *O Amor Humano*; a segunda *O Ecumenismo*; a terceira *A Liberdade*, a quarta *Ecologia e Valores*.

Ainda no programa do 9ºano é apresentada como primeira unidade letiva, *A Dignidade da Vida Humana*; a segunda, *Deus, o grande Mistério*; e a terceira, *O Projeto de Vida*.

O programa do 7ºano pretende levar o aluno a conhecer as suas origens, as diferentes religiões e um desenvolvimento da sua pessoa que se traduza num amadurecimento e responsabilização perante si próprio e perante a comunidade e o mundo. Este desenvolvimento da pessoa humana deve ser vivido tendo em conta a Paz como um valor universal, que engloba todos os outros valores. Em todas estas temáticas das quatro unidades letivas do 7ºano, o aluno deve interiorizar a forma de viver os valores evangélicos ao longo da sua vida. Ao longo das três primeiras unidades letivas o aluno deve ainda aprender a construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. Destacam-se no programa deste ano alguns textos bíblicos como o amor aos inimigos (Mt 5, 43-48), o perdão na comunidade (Mt 18, 21-35), o hino ao amor (1Cor 13, 1-13), Deus que convida à conversão pela via do amor (Rm 5, 5).

O programa do 8ºano pretende levar o aluno a reconhecer o verdadeiro valor do amor humano promovendo o diálogo inter-religioso dentro do respeito pela dignidade da pessoa humana, da sua liberdade e do contexto ecológico em que se insere. O objetivo dos temas na sua globalidade levará os alunos a uma revisão e reconstrução pessoal e de grupo, adotar atitudes positivas e alicerçar a sua vida na mensagem de Jesus Cristo. O aluno deve ainda reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. Serão apresentadas algumas passagens bíblicas como a Parábola do Filho pródigo, como ilustração da liberdade humana e ainda o texto de Mc 3, 31-35 sobre a aceitação da vontade de Deus e o amor que edificam a família universal.

O programa do 9ºano que compreende três unidades pretende levar o aluno a ter consciência do valor da vida humana, do respeito pela dignidade de cada um, em relação com Deus construindo assim um projeto de vida que há de ter como fundamentos a fé, a

felicidade própria e alheia e a construção de uma sociedade justa e solidária (denunciando a injustiça e participando ativamente na construção do bem comum). Neste projeto também será incluído o valor do estudo, do trabalho e da partilha de dons e bens. Estes conceitos serão fundamentados com o apoio de algumas passagens bíblicas como a Parábola dos Talentos e a Parábola do Bom Samaritano.

1.3. *Papel do professor de EMRC*

O papel do professor de EMRC é extremamente importante, como complemento da educação dada pela comunidade familiar. Às vezes torna-se quase único quando esta falha. Neste sentido Joaquim Azevedo na sua obra *Reflexões sobre uma política educativa* refere que “o professor deve ensinar, educar, acolher a diversidade pessoal dos alunos e atender a multiplicidade de situações e universos familiares, deve exercer autoridade e formar os cidadãos segundo os valores mais caros à nossa cultura. Deve promover uma formação cívica e uma cultura ecológica, uma capacidade de participação social consciência crítica e criativa e dar um especial apoio aos alunos com mais dificuldades de progressão”¹⁰¹.

Os bons professores devem estimular os alunos de uma forma aberta que privilegie a criatividade e promova a liberdade de pensamento e raciocínio, que leva a uma capacidade de argumentação. As informações mais úteis são as que se transformam em conhecimento e experiência. Só o aluno de mente aberta para pensar, questionar, debater, poderá preparar-se devidamente para a vida futura. Na obra citada anteriormente, Joaquim Azevedo declara que “o professor sente, finalmente, quanto do seu papel de transmissor se vê enredado na sua função de gestor de um grupo de pessoas, que crescem com motivações muito diversas e que é preciso conquistar para novas aprendizagens”¹⁰².

O professor deve motivar os alunos, uma vez que hoje em dia estes, por vezes, apresentam défice de concentração, não têm prazer em aprender, estão desmotivados em relação à escola. O professor precisa de cultivar uma relação próxima com os alunos, para intuir da sua psicologia, dos seus problemas, dos seus anseios. Necessita de ter em conta o aluno mais tímido, que pode ser bom para os outros mas péssimo para si mesmo. O aluno

¹⁰¹ Joaquim AZEVEDO, *Reflexões sobre...*, *op. cit.*, p. 219.

¹⁰² *Ibidem*, p. 224. O autor refere ainda: “Desde esse dia, devia ser possível reenquadrar as perguntas e transformar cada uma delas em aprendizagem permanente”.

autossuficiente, que pode ser um entrave ou motivo de inibição para outros, também deve ser tido em conta. Assim como o aluno com mais dificuldades ou deficiências físicas ou intelectuais, deve ser acompanhado com atenção. Todos estes exemplos devem merecer uma reflexão da parte do professor que se traduza em atitudes de compreensão e de atuação perante os mesmos.

O bom professor procura por todos os meios aconselhar os seus alunos sobre o melhor caminho para conseguir progredir. Procura cativar através de estratégias mais atrativas. Apresentar-se-á como uma pessoa otimista, com uma atitude positiva perante a vida. Dará aos seus alunos o feedback dos seus progressos. Deverá ser comunicador e dialogante. Estas qualidades mais necessárias se tornam no caso do atendimento a alunos com dificuldades de aprendizagem e que precisam de todo o incentivo por parte do professor. A este respeito os autores Christina Tilstone, Lani Florian, Richard Rose na sua obra *Promover a educação inclusiva*, afirmam que “torna-se óbvio que é a reconceptualização dos papéis e responsabilidades dos professores que se torna diretamente relevante para a ideia da inclusão enquanto oportunidade de participar no que respeita aos alunos com dificuldades de aprendizagem”¹⁰³.

Se os alunos se encontrarem num clima de compreensão e apoio por parte do professor, se eles sentirem que o professor é uma pessoa presente e amigo é meio caminho andado para uma boa motivação em ordem a um bom aproveitamento e sucesso. Perante uma atitude incorreta do aluno o professor deve pensar na forma como o há de corrigir, de modo a levá-lo a refletir sobre a atitude que teve. O docente não deve corrigir o aluno nem puni-lo pelo seu ato, sem dar qualquer justificação. A qualidade e responsabilidade do professor revela-se na forma inteligente como ele corrige o aluno.

Em momentos de maior tensão surgem atitudes irrefletidas que geram consequências desagradáveis, por isso o professor deve pensar bem antes de agir de qualquer forma. Neste aspeto a disciplina de EMRC é uma ajuda preciosa para educação dos adolescentes e jovens. A autora Deolinda Serralheiro na sua obra *o Ato Educativo Religioso* refere que “em relação aos jovens e ao seu meio ambiente, a educação moral não visa dar-lhes soluções pré-fabricadas para os seus problemas morais. Pelo contrário,

¹⁰³ Christina TILSTONE; Lani FLORIAN; Richard ROSE, *Promover a educação inclusiva*, op. cit., p. 41.

procura dar-lhes uma bagagem de noções e de princípios, a fim de que possam orientar-se a si mesmos enquanto pessoas responsáveis e criativas”¹⁰⁴.

O professor, quando tem que corrigir o aluno, deve ter em conta os seus sentimentos e emoções, caso contrário a correção poderá ser inútil. Esta só produzirá o seu efeito se for utilizada de uma forma inteligente, isto é, o professor deverá fazer sentir ao aluno o quanto o mesmo é importante para ele, antes de lhe apontar o defeito. Se o professor começar por elogiar o jovem, antes de o corrigir ou criticar, ele acolherá de uma forma diferente as suas observações e estabelecer-se-á um elo de amizade entre os dois. A paciência e a educação do afeto são dois dos segredos da eficácia da educação. O autor Daniel Sampaio na sua obra *Vivemos livres numa prisão* afirma que “em relação à questão das punições e castigos: podemos punir ou compreender. Vulgarmente, quanto mais compreendermos menos necessidade teremos de punir, embora a questão primeira seja sempre: que uso fará a criança desta mesma punição”¹⁰⁵.

O docente terá que saber que, não raramente, por trás de um aluno agressivo e insubordinado, existe uma criança carente de afeto talvez oriundo de um ambiente familiar instável. Do modo de proceder do professor relativamente a uma criança destas, dependerá o seu futuro.

O professor deve ser também criativo e inovador procurando a cada passo as melhores práticas para chegar a todos os alunos. Sabendo das suas diferenças socorre-se das várias técnicas possíveis para atingir os objetivos. Consideramos até a originalidade uma qualidade fundamental num bom professor e uma forma de conseguir a motivação dos seus alunos. Assim o autor Luís de Miranda Correia afirma na sua obra *Educação Especial e inclusão* que “existe uma crença generalizada de que a criatividade constitui uma chave para o ensino eficaz”¹⁰⁶.

Neste campo da criatividade o professor tem que estar preparado para a hipótese do erro. Se tal acontecer é necessário que tenha força interior suficiente para ultrapassar o mesmo e continuar na procura de técnicas que resultem. Este caminho será mais eficaz se for conseguido em grupo. Se o professor tiver a coragem de partilhar com os seus colegas os novos métodos poderá conseguir alguma crítica construtiva que virá enriquecer o seu

¹⁰⁴ Deolinda SERRALHEIRO, *O Ato Educativo Religioso...*, op. cit., p. 98. O autor diz ainda: “A educação moral deve também preparar os jovens para a aceitação de si mesmos, com os seus erros e os seus insucessos, assim como a aceitação das faltas coletivas, perdendo-se e perdendo aos outros”.

¹⁰⁵ Daniel SAMPAIO, *Vivemos livres numa prisão*, op. cit., 1998, pp. 59-60.

¹⁰⁶ Luís DE MIRANDA CORREIA, *Educação Especial e inclusão*, op. cit., p. 133.

trabalho. Isto é tanto mais válido para o grupo disciplinar ao qual pertence. O autor Luis de Miranda Correia na obra citada anteriormente refere ainda que “a introdução de variedade nas atividades e nos materiais intrucionais como uma tentativa para tornar as lições mais interessantes e divertidas para os alunos, constitui um dos caminhos que os professores frequentemente seguem com o objetivo de tentarem ser criativos”¹⁰⁷.

O professor deve sempre dar bons exemplos uma vez que é normalmente visto pelo aluno como um modelo a imitar. Portanto é preciso que tenha isso em conta, pois os jovens aprendem mais com o que veem os adultos fazer do que com aquilo que os adultos lhes dizem para fazer. Embora seja necessária uma compreensão muito grande do professor para com o aluno, deve haver também um certo distanciamento para permitir que o professor se dê ao respeito e possa ser respeitado. Isto não invalida a hipótese de o professor reconhecer ocasionalmente, com humildade, algum erro cometido.

O docente deve ter ainda uma visão de futuro, mas ter sempre presente a antevisão entre aquilo que é hoje a educação e as mudanças que terá que introduzir para os desafios de futuro. Muito mais o professor de EMRC que tem a função de transmitir valores relacionais, sentido ético e responsabilidade, conceito de boa cidadania. Este professor terá que ter necessariamente um comportamento que indique valores de honestidade, isenção, altruísmo, solidariedade, entre outros. Todas estas qualidades são indispensáveis no professor que quer cooperar na formação da escola inclusiva. O autor David Rodrigues na sua obra *Educação e Diferença* afirma que “as mudanças sociais e culturais, a flexibilidade organizacional, a possibilidade de adaptar o currículo e a preparação dos professores devem contribuir para que todos os alunos participem no processo de aprendizagem com os seus colegas da mesma idade”¹⁰⁸.

Para além do professor ser criativo deve desenvolver no aluno o espírito crítico. Não a crítica pela crítica, mas criticar, de uma forma construtiva, e com rigor aquilo que se conhece.

O professor competente é aquele que não descarta a sua atualização. Ao longo da carreira procura reforçar cada vez mais as suas competências, nos vários domínios, para

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 134.

¹⁰⁸ David RODRIGUES, *Educação e Diferença*, porto editora, Porto, 2001, p. 105. O autor diz ainda que “o trabalho do professor na aula converte-se então num fator fundamental. Não só porque pode desenvolver um currículo que seja acessível a todos os alunos, mas também porque a sua experiência virá a ter influência nas atitudes dos outros professores, na elaboração dos projetos do centro pedagógico e na valorização que os pais venham a fazer da experiência concreta das classes integrativas”.

poder desempenhar cada vez melhor a sua missão. Procura investigar e adequar os seus conhecimentos ao avanço da ciência. Com responsabilidade procurará ainda a recuperação dos alunos com piores resultados que constituirão para si próprio um desafio. Acredita que os seus alunos terão êxito e trabalhará com afinco nesse objetivo. Normalmente quando os professores criam boas expectativas, o resultado do desempenho dos alunos acaba por ser superior ao esperado inicialmente.

Uma das qualidades do bom professor é a clareza da sua comunicação com os alunos. Não deve haver equívocos neste aspeto. Vale mais haver repetição da comunicação ou aceitação de dúvidas e intervenções por parte dos alunos. A imprecisão ou falta de clareza indica muitas vezes falta de domínio da informação a ser transmitida. José Lopes e Helena Santos remetem-nos para esta qualidade ao referir que “a investigação estabelece uma relação estreita entre a capacidade do professor para ser claro e específico e a aprendizagem dos alunos”¹⁰⁹.

Uma outra necessidade profissional do professor prende-se com a exigência de uma formação contínua ou permanente. O professor deve continuar sempre que possível a sua formação para estar devidamente atualizado e procurar sempre encontrar as melhores técnicas e pedagogias que o levem à melhoria da sua prática docente. Se o ser humano evolui ao longo de toda a sua vida, no caso do professor, terminar um curso e ingressar na atividade profissional não será um ponto de chegada mas antes a partida para novas experiências, novos saberes e novas relações sociais. Neste sentido confrontemos os autores José Lopes e Helena Santos em que “o professor passa a ser concebido como um participante ativo de um processo permanente de construção de saberes e práticas, com reflexos nos contextos educativos e na qualidade da educação”¹¹⁰.

O desenvolvimento profissional do professor será assim como que um processo de aprendizagem que o levará à mudança e à inovação. Este desenvolvimento e esta aprendizagem não de servir também para ajudar o professor a adaptar-se a novas situações e a novas exigências bem como a situações por vezes complexas que possam surgir na sua vida profissional. A este respeito refere a autora Elza Mesquita que “o profissional de

¹⁰⁹ José LOPES; Helena SILVA, *O professor faz a diferença*, lidel-edições técnicas lda, Lisboa, 2011, p. 37.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 107.

ensino terá de possuir a capacidade de se adaptar à complexidade de cada situação e procurar, sistematicamente, novas soluções”¹¹¹.

Sendo assim o professor não adquire toda a sua formação na universidade. Há um conjunto de competências que só se adquirem enfrentando situações da prática quotidiana. É nesta prática quotidiana e nas relações com os pais, nomeadamente quando se trata de crianças com NEE, que o professor vai adquirindo experiência, sensibilidade e abertura para se ir reajustando às necessidades de cada criança. Reporta-nos para esta realidade Sandra Rief na sua obra *Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva*, “os professores devem mostrar-se abertos e recetivos às intervenções e aos apoios destinados a dar resposta às necessidades individuais do aluno. Devem estar sensibilizados para o que lhes é transmitido pelos pais e dispostos a proceder aos adequados reajustes”¹¹².

Outra atitude fundamental do professor é o gosto pelo ensino. A paixão por aquilo que se faz é contagiante e transmite-se ao aluno quase automaticamente. Se o professor ensina aquilo que gosta, aquilo que está interiorizado dentro de si, fica mais próximo dos alunos e aprende com a sua própria ação. Todo o processo educativo, visto a esta luz fica muito mais simplificado.

Outra qualidade do professor é a predisposição para a inovação. O professor não pode cair na rotina. Terá que ser constantemente criativo, inventando novas formas que resolvam os problemas de aprendizagem dos seus alunos e da escola em geral. Ele tem que estar aberto à mudança, à formação contínua e não confiante demasiadamente nos seus conhecimentos e raciocínios. Encontramos fundamento para esta afirmação no autor José Lopes na sua obra *O professor faz a diferença*, ao referir que “é fundamental que os professores analisem a forma como ensinam, considerando resultados da investigação no planeamento de alternativas de ação inovadoras, estabeleçam compromissos e se incentivem nos esforços necessários para as implementar na sala de aula”¹¹³.

Particularmente o professor de EMRC nunca deverá ser um puro transmissor de conhecimentos, mas antes um praticante convicto de todas as mensagens transmitidas aos seus alunos. Desta forma, a sua ação tornar-se-á muito mais eficaz, pois a teoria une-se à prática e terá uma maior força persuasiva.

¹¹¹ Elza MESQUITA, *Competências do professor: representações sobre a formação e a profissão*, edições silabo, Lisboa, 2011, p. 125.

¹¹² Sandra RIEF; Julie HEIMBURGE, *Como Ensinar Todos os Alunos na Sala de Aula Inclusiva*, edições porto editora, Porto, 2000, p. 127.

¹¹³ José LOPES; Helena SILVA, *O professor faz a diferença*, op. cit., p. XVI (introdução)

A missão que o professor desenvolve ultrapassa os limites da sala de aula. No tempo atual, o relacionamento do professor com os pais, com todos os outros intervenientes no ato educativo, que trabalhem na mesma escola, com a comunidade em geral, é considerado indispensável para um bom desempenho da sua atividade docente. Já Elsa Mesquita, na sua obra *Competências do professor*, nos fala desta realidade, “o professor ‘tem de se relacionar com os alunos’ mas também ‘com todas as pessoas da instituição a que pertence’. Esta capacidade relacional do professor com os restantes parceiros educativos permitir-lhe-á ‘integrar-se na escola e na comunidade’ construindo, assim, uma visão mais alargada e pormenorizada do meio em que está inserido”¹¹⁴.

Neste âmbito o professor será também aquele que prepara para a vida, para a resolução dos problemas sociais e profissionais que os alunos terão de enfrentar. Este professor está convicto da sua responsabilidade permanente, na construção da personalidade, identidade pessoal, valores e princípios que formarão cada cidadão de uma forma global. Haverá ainda de estar atento e com os sentidos sempre alerta para captar através do olhar, da postura, dos sinais o que se passa com cada aluno para lhe poder dar, a seu tempo, uma resposta adequada.

2. A escola e a turma

A escola e a turma são dois conceitos fundamentais que devem ser percebidos e analisados pelo professor de acordo com o ambiente e cultura em que se inserem. Tanto a escola como a turma devem servir de apoio e ajuda ao aluno ao longo do seu percurso escolar, aceitando as diferenças e procurando educar na diferença. A este respeito refere o Concílio Vaticano II na declaração sobre a educação cristã *Gravissimum Educationis* que “entre todos os meios de educação, tem especial importância a escola, que, em virtude da sua missão, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar retamente, introduz no património cultural adquirido pelas gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, e criando entre os

¹¹⁴ Elza MESQUITA, *Competências do professor...*, op. cit., p. 97.

alunos de índole e condição diferentes um convívio amigável, favorece a disposição à compreensão mútua”¹¹⁵.

Portanto o professor deve primeiro conhecer o contexto escolar em que os seus alunos estão e assim, depois, adequar a sua lecionação às dificuldades de cada aluno e ao contexto em que se insere a comunidade escolar.

O professor procura assim uma educação para a diferença e para o respeito pelos outros, educando os seus alunos para uma cultura de paz e de respeito pela dignidade humana de cada um, em qualquer contexto escolar.

2.1. Uma breve caracterização da Escola

A escola onde me foi proposto realizar o estágio foi no agrupamento de Escolas Viseu Sul numa turma do 7ºano na escola EB 2,3 D. Luís de Loureiro em Silgueiros, pertencente a este agrupamento. O Agrupamento de Escolas Viseu Sul resultou da agregação do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique e do Agrupamento de Escolas de Silgueiros e rege-se pelo Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho.

Este agrupamento tem a sua sede em Repeses e é constituído por jardins-de-infância, escolas primárias e duas escolas de 2º e 3º ciclos. A maioria das escolas, deste agrupamento, estão situadas em ambientes rurais, nomeadamente a escola EB 2,3 de Silgueiros onde realizei o meu estágio. Os alunos que fazem parte deste agrupamento são oriundos de famílias de classe média-baixa. Ainda na escola EB 2,3 D. Luís de Loureiro, em Silgueiros, há uma parte significativa de alunos que são de etnia cigana.

O agrupamento de Escolas Viseu Sul é um estabelecimento público de ensino que tem como missão a prossecução dos objetivos previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Bases do Sistema Educativo e demais legislação complementar. Esta missão, procura garantir o “direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar” e visa a preparação dos seus alunos para os desafios da sociedade atual, através da construção de percursos formativos diversificados que possibilitem a cada aluno construir

¹¹⁵ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a educação cristã (Gravissimum Educationis)*, Editorial A. O., Braga, 1983.

o seu projeto de vida com base num conjunto de princípios e valores marcadamente humanistas.

Importa ainda referir que o fundamental na formação dos alunos deste agrupamento é criar neles cidadãos ativos, com espírito crítico, capazes se comprometerem com a sociedade que os rodeia. Neste sentido este agrupamento de escolas está aberto à diferença que existe entre os elementos que fazem parte do mesmo¹¹⁶.

2.2. Uma breve caracterização da Turma

A turma de estágio é uma turma do 7ºano, que faz parte da escola EB 2,3 de Silgueiros, constituída por quinze alunos dos quais cinco são do sexo masculino e dez do sexo feminino. A disciplina de EMRC é frequentada por onze destes alunos em que dois são do sexo masculino e nove do sexo feminino. As idades estão compreendidas entre os onze anos e os dezassete anos, sendo que na sua maioria os alunos têm doze anos.

No geral estes alunos provêm de um meio socioeconómico médio-baixo. Registam-se nesta turma quatro alunos de etnia cigana, três com assiduidade muito irregular, os quais não frequentam a disciplina de EMRC.

No que diz respeito aos planos de apoio específico assinalam-se três alunos com necessidades educativas especiais sendo que dois têm Planos Educativos Individuais e um com Currículo Específico Individual. Existem ainda três alunos com retenção no 7ºano, todos com assiduidade irregular. Dentro dos alunos com Necessidades Educativas Especiais há dois deles a frequentar a disciplina de EMRC.

Importa também referir os pontos fracos e os pontos fortes desta turma necessários para ajudar estes alunos a serem cada vez melhores. Como pontos fortes destaca-se a amizade entre todos; serem na sua maioria alunos estudiosos, aplicados e empenhados e terem um comportamento correto. Relativamente aos pontos mais fracos a turma tem três alunos com dezassete anos; apenas dois rapazes frequentam a escola com assiduidade; no geral regista-se alguma lentidão a passar os conteúdos escritos no quadro; por vezes há algum barulho nas aulas gerado por alguns dos alunos.

¹¹⁶ Cf. Regulamento interno do Agrupamento de Escolas Viseu Sul, disponível em <http://www.eidh.pt/doc/RI.pdf>.

No geral são uma turma aplicada que não perturba as aulas, a nível de comportamento desadequado, participa quando solicitada e também quando é oportuno e adequado ao que está a ser dado. No caso particular da disciplina de EMRC, apenas tem dois alunos com mais dificuldades, mas que foram evoluindo ao longo do ano.

Esta turma frequenta também algumas atividades de enriquecimento curricular: no desporto escolar o *badminton* e o futsal¹¹⁷.

3. Unidade letiva: Paz Universal

A paz é um direito de cada ser humano. Ao longo da história a humanidade procurou formas e estratégias para a construção da paz. Esta unidade letiva pretende que os alunos percebam que para além de serem transmissores da paz, mais do que isso, devem ser promotores da paz. Assim com a ajuda de alguns textos bíblicos que impelem os alunos a caminhar neste sentido, percebe-se que aliada a palavra paz devem estar, particularmente, as palavras perdão e reconciliação e ainda no topo das palavras ligadas à paz, o respeito pela dignidade humana. Assim ao longo da planificação e lecionação desta unidade letiva os alunos irão perceber esta importância e necessidade de perdoarmos para alcançarmos a paz.

Esta unidade letiva decorre ao longo de cinco aulas em que na primeira o professor propõe aos alunos uma descoberta do significado da paz, apresentando valores contra e valores ligados a esta palavra com a dinâmica da “flor da paz”; na segunda aula apresenta aos alunos os vários símbolos da paz e algumas situações de falência de paz, como o terrorismo, a violência doméstica, em contexto escolar o *bullying*, a guerra e a palavra que origina todas estas situações, o egoísmo; na terceira aula faz uma pequena abordagem aos direitos humanos, particularmente o direito à vida e o direito à paz, e relembrando o respeito pela dignidade de cada um (recorrendo à dinâmica do “bolo harmonia” para lembrar os valores que respeitam a dignidade humana) e ainda apresenta aos alunos dois promotores da paz bem conhecidos, Mahatma Gandhi e Malala Yousafzai; na quarta aula voltando ao “bolo harmonia” o professor interpela os alunos de forma a refletirem sobre qual era o fermento do bolo (perdão e reconciliação) e qual era o topo do bolo (dignidade

¹¹⁷ Cf. Plano de caracterização da Turma disponibilizado pelo diretor de turma.

humana); na quinta e última aula para sintetizar tudo o que foi dado, importa para os alunos perceber como a paz leva à ressurreição, a uma vida nova.

3.1. Relatório descritivo das planificações

Assim passo a apresentar um relatório descritivo de cada aula lecionada desta unidade letiva, *paz universal*.

3.1.1. 1ª Aula

Nesta primeira aula da unidade letiva número quatro, *paz universal*, o professor escreve o sumário, “À descoberta do significado da paz”. Depois em primeiro lugar fará uma ligação com a unidade letiva número três, *Riqueza e sentido dos Afetos*, lecionada anteriormente. A paz é um dos maiores bens que possui o ser humano. É dom de Deus. “A imagem terrena é imagem e fruto da paz de Cristo, o «Príncipe da Paz» messiânico (Is 9, 5)”¹¹⁸.

Unidade letiva número três terminou remetendo para uma frase que se deve tornar missão em cada um: “escolho passar pela vida fazendo o bem”. Pegando nesta mensagem e remetendo para a unidade letiva sobre a *Paz Universal* vemos que a paz é um bem muito importante na vida do ser humano. Mas para que o ser humano pratique a paz é necessário que compreenda o significado desta palavra. Então o professor, depois de fazer uma pequena síntese da forma como irá decorrer a unidade letiva e de saber o qual o significado da palavra paz para os alunos, irá explicar qual o verdadeiro significado desta palavra.

A palavra paz remete para um clima de tranquilidade, de calma, uma ausência de ira e de conflito. Todo o ser humano possui em si mesmo a paz e a vontade de fazer o bem. “No íntimo de si mesma, cada pessoa sempre quis e continua a querer a civilização do amor, edificada na justiça, na harmonia, na concórdia e na paz”¹¹⁹. A palavra paz é contrária a tudo o que é injustiça, preconceito, racismo, terrorismo e guerras. Para uma

¹¹⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, 2305.

¹¹⁹ MANUAL DO 7º ANO, *Desafios*, edição do secretariado nacional da educação cristã, Lisboa, 2009, p. 183.

vivência da paz é necessário ter em conta a dignidade humana, os direitos e deveres de cada ser humano e a sua principal missão: fazer o bem. Relativamente à palavra paz há conceitos que surgem logo associados e outros que lhe são opostos e nada têm a ver. Para que os alunos associem e saibam distinguir os conceitos que se associam à palavra paz e os que lhe são opostos, o professor irá construir com os alunos um puzzle que tem como título “A flor da Paz”. No círculo central da flor está a palavra paz e nas pétalas estão vários conceitos, uns que têm a ver com a paz e outros que são opostos. Os alunos terão que ser capazes de construir o puzzle com as palavras que remetem para a paz, colocando as pétalas à volta do círculo. As palavras que contêm as pétalas que surgem associadas à Paz são o diálogo, a humildade, o respeito, o amor, a tolerância, a justiça, a concórdia, os direitos humanos, os valores e a solidariedade. As palavras que contêm as pétalas que são opostas à palavra Paz são o conflito e o preconceito. Depois de construído o puzzle em resultado surge a “Flor da Paz” (Anexo 1).

O porquê de ser “Flor da Paz”? A flor, entre outras coisas, representa a pureza. Para que o ser humano seja promotor e construtor da Paz ele necessita de ter pureza de sentimentos, intenções e ações e de praticar a caridade e o bem comum. O ser humano deve ser puro, pois a pureza implica não ter ódio, nem rancor, nem preconceito. Portanto a pureza está intimamente ligada à Paz. A pureza e Paz surgem ainda associadas nas Bem-aventuranças: bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus; bem-aventurados os promotores da paz porque serão chamados filhos de Deus. Aqui as duas palavras que se unem na pessoa de Deus.

Para que se ponha em prática a Paz no mundo e na sociedade que nos envolve é necessário que haja promotores da paz. Um dos grandes exemplos de promoção da paz é Nelson Mandela. Ele nasceu em 1918 na África do Sul e pertenceu ao povo/tribo Themba. Estudou numa escola cristã. Ao longo da sua vida viveu indignado com a forma como eram tratados negros e brancos. Havia racismo, os brancos governavam e impunham leis aos negros. A dignidade humana estava aqui posta em causa. Nelson Mandela sentiu a necessidade de resolver este problema e o seu objetivo era que governassem brancos e negros em concórdia e fraternidade. Fez vários discursos nas ruas contra esta diferença e preconceito entre negros e brancos. Em 1962 foi preso e condenado à morte, entretanto e sua pena foi reduzida para prisão perpétua. Em 1990 foi libertado quando o sistema político em que vivia terminou. Em 1993 recebeu o prémio Nobel da Paz e entre 1994 e 1999 foi presidente da África do Sul. Veio a falecer em 2013. Para mostrar aos alunos este

exemplo de promotor da paz, o professor apresenta um excerto do Filme “Mandela: um longo caminho para a liberdade” (Anexo 2). Nesta pequena parte do filme Nelson Mandela realça a sua vontade de combater o preconceito racista procurando alertar os seus netos para não gozarem com os brancos e ajudando os guardas nas tarefas de casa enquanto esteve preso. Refere ainda a necessidade de ensinar as pessoas a amar, pois ele refere “O amor vem da forma mais natural para o coração humano”¹²⁰.

Terminada a visualização do filme os alunos comentam com o professor a mensagem que retiraram do filme e de seguida realizarão uma ficha de leitura (Anexo 3) sobre o filme que será corrigida na aula com o professor.

Ainda sobre esta questão do preconceito o professor apresentará um texto que tem por título o *Preconceito Racial* da autora Ataíde Lemos retirado de um blog¹²¹ (Anexo 4). O professor pedirá a um dos alunos que leia o texto e depois explicará a mensagem que ele transmite. O texto remete para o problema do preconceito, refere que todas as pessoas independentemente da cor são gente e têm dignidade. Aqui volta-se a referir aos alunos a questão do preconceito como ausência de paz.

Por fim como trabalho de casa os alunos levam a missão de encontrarem um símbolo que para eles identifique a Paz e a vivência da dela no mundo, pois na aula seguinte será feita a referência aos símbolos da paz.

O que o aluno deve reter nesta aula é o verdadeiro significado da paz. Perceber o que implica viver a Paz e o que é oposto à Paz, distinguindo assim os conceitos e ideais que remetem para a Paz e aqueles que são opostos à Paz. Deve ainda saber identificar os promotores da paz.

3.1.2. 2ª Aula

O professor escreve o sumário: “Os símbolos que identificam a paz. Situações de ausência de paz”. De seguida dialoga com os alunos sobre as ideias mais importantes que retiveram da aula anterior em que foi estudado o significado da paz. Fez ainda referência a um dos promotores da Paz, Nelson Mandela, e foi feita a ligação com o texto do “Preconceito Racial”.

¹²⁰ Retirado das falas do Filme “*Mandela: um longo caminho para a liberdade*”.

¹²¹ Cf. <http://aprendendonomardavida.blogspot.pt/2011/09/preconceito-racial.html>.

Finda esta introdução da aula que serviu de ligação com a aula anterior será entregue aos alunos a ficha de leitura que realizaram nessa mesma aula. Para se resolverem problemas de conflitos, como apresentou o filme, temos que saber identificar os símbolos da paz. No entanto antes pergunta se todos fizeram o trabalho de casa, que era trazerem um símbolo que para eles identificasse a paz. Depois cada aluno explicará o significado desse símbolo e porque razão o escolheu. Só então depois de cada aluno apresentar o seu objeto, o professor apresentará os símbolos da paz.

São apresentadas num *powerpoint*, imagens dos símbolos da paz (apresentado como primeira imagem a “flor da paz” feita pelos alunos na aula anterior): a pomba branca com o ramo de oliveira; o arco-íris; a bandeira branca; a lira; o cachimbo da paz; os anéis olímpicos; a vela e o símbolo do desarmamento nuclear. Depois de apresentado cada símbolo o professor questiona os alunos acerca do significado de cada símbolo e ao mesmo tempo completa o que os alunos forem dizendo. A pomba branca com um ramo de oliveira significa a paz e harmonia, numa tradição que tem as suas origens na história bíblica da Arca de Noé. “Aguardou mais sete dias; depois soltou novamente a pomba, que voltou para junto dele, à tarde, trazendo no bico uma folha verde de oliveira. Noé soube então, que as águas sobre a terra tinham baixado” (Gn 8,10-11). O Arco-Íris que une o céu e a terra e significa a harmonia e a paz com Deus e com o Universo, símbolo da aliança e paz entre Deus e toda a criação. A Bandeira branca símbolo usado para representar a paz mundial entre os povos. Na idade média era usada quando um exército durante a guerra se rendia, hasteava a bandeira em sinal de paz e de tréguas. A Lira símbolo dos poetas e da harmonia cósmica, segundo os budistas. O cachimbo da paz usado pelos índios americanos que faziam a fumaça subir até aos deuses da concórdia. Todos fumavam do mesmo cachimbo em sinal de compromisso com os acordos feitos. Anéis Olímpicos que retratam a união dos cinco continentes, pois também são cinco anéis. Na Grécia antiga interrompiam-se as guerras durante os jogos olímpicos. A vela que transmite a luz que significa a presença de Deus no interior do ser humano, como paz e esperança de uma vida plena e justa¹²². Por fim ainda o símbolo do desarmamento nuclear, um círculo com duas linhas para baixo e uma para cima que significa a união das duas palavras, desarmamento nuclear.

Todos estes símbolos nos remetem para a paz, particularmente e mais atualmente o símbolo do desarmamento nuclear, no entanto as situações de ausência de paz acontecem no nosso dia-a-dia, às vezes quase sem darmos conta. Assim o professor pergunta aos

¹²² MANUAL DO 7º ANO, *Desafios, op. cit.*, pp.186-187.

alunos quais as situações de ausência de paz que consideram que existem atualmente e vai anotando no quadro o que os alunos disserem. Depois apresentará um *PowerPoint* intitulado por “formas de violência”, com alguns atentados à paz ou situações de ausência de paz. Uma das formas de violência que se vive mais atualmente é a violência doméstica. Aqui o professor apresenta duas notícias sobre casos de violência doméstica: “Espancou a mulher e ia fugir para o Brasil com a filha de 4 anos” e “Acusado de duplo homicídio de ex-companheira e enteado”. Deste tipo de violência será feita uma ligação com a violência na escola, *bullying*, explicando o que significa e que consequências poderá trazer para uma criança. *Bullying* é uma situação de atos de violência física e psicológica, intencionais, praticados por um indivíduo ou por um grupo causando dor e angústia¹²³.

Ainda continuando com o PowerPoint o professor refere mais um caso de ausência de paz, particularmente usado nas guerras mundiais: o genocídio. Apresenta imagens que retratam o genocídio. O genocídio é definido como o extermínio deliberado de pessoas, motivado por diferenças étnicas, religiosas ou ideológicas¹²⁴. Do genocídio chega-se ao terrorismo que acontece muito nos dias de hoje. Aqui apresenta a mais recente situação de terrorismo, o atentado ao Charlie Hebdo. Ora o terrorismo consiste no uso de violência física ou psicológica, por indivíduos ou grupos, contra a ordem estabelecida, através de ataques a um governo ou à população¹²⁵. Explicará por fim as causas e consequências das guerras apresentando a notícia da execução do japonês Kenjo Goto. As causas de guerra são a violação dos direitos humanos, da dignidade humana e uma profunda ausência de diálogo, que geram consequências como a morte de pessoas, destrói a organização das sociedades. Todo isto devido a uma palavra fundamental que o professor faz referência: o egoísmo. Aqui definirá o que é o egoísmo demonstrando as suas consequências: violência, ganância, terrorismo, conflitos, genocídios, indiferença, insegurança, agressividade, injustiça e desejo de poder.

Pouco tempo passado do início da aula o professor fez referência aos símbolos da paz que agora são apresentados aos alunos com a dinâmica da “caixa da paz”. Cada aluno retira da caixa da paz um cartão com o símbolo da paz que o irá acompanhar até à penúltima aula da unidade letiva. Por trás de cada cartão tem escrito “frases chave” e depois faz referência à segunda, terceira e quarta aula onde o aluno irá escrever por baixo

¹²³ Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>.

¹²⁴ MANUAL DO 7º ANO *Desafios*, op. cit., p. 199.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 197.

de cada aula, aquela que para ele foi a frase chave daquela aula. Portanto nesta segunda aula o aluno irá escrever aquela que para ele foi a frase chave da aula.

Em suma importa que os alunos nesta aula percebam as principais situações de ausência de paz e saibam identificar os símbolos da paz, usando-os no dia-a-dia para evitarem situações de conflito.

3.1.3. 3ª Aula

Nesta terceira aula da unidade letiva, *paz universal*, o professor escreve o sumário com os alunos: “Os direitos humanos, em particular o direito à vida e o direito à paz. Promotores da paz: Mahatma Gandhi e Malala Yousafzai”. Posteriormente faz uma breve síntese da aula anterior, em diálogo com os alunos, referindo a grande causa de ausência de paz, a que fez referência na aula anterior: o egoísmo. Depois de fazer esta breve introdução ligando com a aula anterior, o professor fala aos alunos da “flor da paz” (anexo 1) construída na primeira aula e pergunta a alguns alunos qual o valor/direito que colocariam como raiz e sustento da nossa flor. Ao mesmo tempo o professor vai anotando no quadro as ideias que forem dizendo conduzindo o diálogo para o valor primordial: a vida humana. Assim o professor explica que a vida é o valor primordial que devemos defender para que possam existir todos os outros valores e direitos humanos entre os quais a paz que devemos construir e defender.

De seguida o professor explica que o homem ao longo dos tempos sempre lutou pela defesa da paz através da construção da paz entre os homens, evitando assim as consequências das guerras e todas as formas de violência e de atentados contra a vida. Para consolidar esta ideia o professor recorre a um recurso do manual interativo do 7º ano (anexo 9) sobre a promoção e defesa da paz – construção da paz ao longo da história, desde o código de Hamurabi até à declaração universal dos direitos do homem. Explica assim que na antiguidade surgiu a necessidade de criação de leis e organizações que para suavizarem as relações entre pares. Um dos exemplos de códigos de leis da antiguidade é o código de Hamurabi, outro é o decálogo dado por Deus a Moisés. Durante a idade média surgiram algumas defesas da paz como a paz e trégua de Deus. Na idade moderna surge Erasmo de Roterdão como promotor da paz e no século XVIII surge em França a

declaração dos direitos do homem e do cidadão. Na idade contemporânea surge Mahatma Gandhi como promotor da paz e ainda algumas organizações: a ONU, a DUDH e ACNUR.

Ao refletir com os alunos a questão da construção da paz ao longo da história o professor fala de dois promotores da paz, Mahatma Gandhi e Malala Yousafzai e explica aos alunos que estes foram galardoados com prémios Nobel. Aqui pergunta a um aluno: o que é o prémio Nobel? Depois completa dizendo que o prémio Nobel legado por Alfredo Nobel, segundo ele, deve ser atribuído à pessoa que tiver feito a melhor ou maior ação pela fraternidade das nações, pela redução dos esforços de guerra e pela promoção de tratados de paz. Os dois promotores da paz referidos pelo professor fizeram de tudo para defender a dignidade humana. Pergunta então o professor a um dos alunos: e o que é isto de dignidade humana? Completa ainda dizendo que respeitar a dignidade humana é respeitar os direitos de cada um. A este respeito diz a constituição pastoral *Gaudium et Spes*: "...aumenta a consciência da eminente dignidade da pessoa humana, por ser superior a todas as coisas e os seus direitos e deveres serem universais e invioláveis"¹²⁶. Apresenta ainda excertos de dois filmes relativos a estes dois promotores da paz.

Mahatma Gandhi lutou pela liberdade e defesa dos direitos humanos, em particular dos direitos dos indianos que eram oprimidos pelos ingleses. Mas esta luta foi pacífica chegando ao ponto de ele próprio fazer jejum contra a violência.

Malala Yousafzai um exemplo mais atual foi e é uma grande promotora da paz particularmente pela defesa do direito da mulher à educação na cultura paquistanesa onde os Talibãs não deixam que as mulheres tenham acesso à educação.

Inspirados no exemplo dos dois promotores da paz apresentados, o professor desafia os alunos a confeccionarem um bolo, "Bolo Harmonia". Começa por perguntar que ingredientes os alunos usariam para fazer um bolo normal. Depois apresenta o "Bolo Harmonia" e faz uma pequena introdução dizendo que para os homens viverem com igual dignidade de direitos, terá que viver em paz, em harmonia. E porquê "Bolo Harmonia"? Porque pela harmonia dos valores que farão parte do bolo há respeito pela dignidade humana. Seguidamente pergunta que valores/ingredientes devem fazer parte da receita deste bolo. Ao longo do diálogo conforme o aluno acertar no ingrediente/valor ser-lhe-á entregue o cartão com esse valor, já previamente feito. Os vários valores/ingredientes escritos nos cartões são a confiança, o respeito, a paciência, a responsabilidade, a esperança, o amor, o otimismo, a liberdade, o sorriso, a amabilidade, a ajuda, a

¹²⁶ GS 26.

compreensão, a tolerância. No diálogo podem ainda surgir outros valores/ingredientes que estejam relacionados com a temática. Depois o bolo circula pelos alunos para dentro dele colocarem os ingredientes/valores que estão nos cartões. Para concretizarem estes valores/ingredientes nas suas vidas o professor pergunta a um aluno: como podem viver estes valores/ingredientes na escola, que ações podem pôr em prática para que estes se concretizem? (por exemplo como concretizar a responsabilidade, a ajuda e o respeito na escola).

De seguida leva os alunos a pensar que no ambiente escolar é necessário que em primeiro lugar haja respeito. Muitas vezes o aluno tem que se pôr no lugar do outro, o “outro eu”, só assim percebe o que deve ou não fazer. Para que o homem possa viver com igual dignidade tem que haver harmonia/paz entre todos.

Por fim como na aula anterior e como fio condutor da unidade letiva da paz, os alunos falaram novamente a dinâmica da “caixa da paz” em que cada aluno pega no seu cartão com o símbolo da paz, e escreve uma palavra ou frase chave que tenha retido do tema da aula.

Pretende-se com a abordagem feita nesta aula que os alunos compreendam a importância dos direitos humanos e do colocar-se no lugar do outro. Entenderem que o outro tem a mesma dignidade que nós. Ao mesmo tempo devem também ainda saber identificar os promotores da paz e serem seus imitadores, adaptando a sua conduta ao contexto do tempo atual.

3.1.4. 4ª Aula

Nesta quarta aula da unidade letiva, *paz universal*, o professor escreve o sumário com os alunos: “A paz vivida no respeito pela dignidade humana: perdão e reconciliação”. De seguida faz uma pequena síntese da aula anterior para fazer ligação com esta aula. O professor relembra a dinâmica do “Bolo Harmonia” para dizer que os valores/ingredientes que foram colocados no bolo são os valores que devemos defender em respeito à dignidade humana de cada. Então surge a pergunta aos alunos: o que entenderam por dignidade humana? O professor recebe as respostas dos alunos e volta a pegar na questão da dignidade humana mais à frente. No entanto diz ainda aos alunos que o facto de cada um colocar o seu valor no bolo significa que cada um deu o seu contributo na construção da

harmonia/paz e na defesa desses mesmos valores, para que a liberdade do ser humano seja respeitada e assim o deve fazer ao longo da vida.

De seguida pega na dinâmica do “Bolo Harmonia” (anexo 12) e afirma que para além dos valores/ingredientes que fazem parte do bolo, há outros que ainda se podem acrescentar. Pergunta então aos alunos: ainda se lembram dos ingredientes que colocaram na aula anterior? Que mais ingredientes se podem colocar? Depois a cada aluno que sugerir um ingrediente entrega um cartão em branco para escrevê-lo e colocá-lo no bolo (anexo 13). Estes ingredientes foram colocados no bolo com um objetivo. Surge a pergunta: estes ingredientes são em ordem a defender algo importante, ainda se lembram o quê? Assim relembrando a ideia de dignidade humana leva os alunos a refletirem melhor sobre ela. A dignidade humana é uma qualidade moral que infunde respeito e cujo princípio ético fundamental é o respeito da pessoa humana em si mesma e nos outros. “A singularidade do ser humano, enquanto indivíduo que se distanciou gradualmente dos outros seres vivos, em geral, e dos animais, em particular, conquistando uma inteligência superior, capaz de criar mundos alternativos, de desenvolver consciência ética e de se reconhecer numa relação social. No seu percurso, o ser humano foi ganhando consciência da sua dignidade”¹²⁷.

Portanto se o respeito pela dignidade humana é importante, é necessário que no “Bolo Harmonia” ela esteja em que lugar? No topo do bolo, pois todos os esforços são para que a dignidade humana seja respeitada, um direito inerente a todas as pessoas. Assim o professor pede a um aluno que coloque a caixa da dignidade humana no topo do bolo (anexo 14). Como já foi dito, para que a dignidade humana seja respeitada é preciso que haja paz/harmonia. Mas para haver esta paz/harmonia é necessário que haja perdão. O professor pergunta a um aluno: o que é o perdão? O perdão é o desculparmos o outro de nos ter ofendido. O perdão ajuda a curar a própria memória da ofensa. “O perdão: nasce pelo diálogo, exprime-se pela compreensão, põe termo ao ódio, não dá espaço à vingança, e conduz sempre ao encontro entre as pessoas, possibilitando o seu crescimento num ambiente de paz”¹²⁸. Em que lugar do bolo deve estar o perdão? O professor orienta aqui os alunos para a resposta: no fundo do bolo, o fermento deste bolo. Pede a um aluno que cole o cartão com o perdão no fundo do bolo (anexo 15). A maior parte das vezes o perdão

¹²⁷ MANUAL DO ALUNO 9ºANO, *Horizontes de Esperança*, edição do secretariado nacional da educação cristã, Lisboa 2010, p. 10.

¹²⁸ MANUAL DO ALUNO 7ºANO, *Desafios*, op. cit., p. 221.

não precisa de ser em grandes quantidades, mas se for sincero é o garante da paz e da harmonia. Podemos ver isso na oração do pai-nosso que nos diz: “perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Isto quer dizer que nós só somos perdoados na medida em que sabemos perdoar.

Assim sendo para vivermos em harmonia e em paz, em espírito de grupo é necessário que se saiba perdoar. Que consequências gera o perdão? O diálogo, a harmonia. Ainda em diálogo com os alunos e agora referindo mais o convívio escolar entre eles o professor pergunta: será que sabemos perdoar e dar uma segunda oportunidade? Pergunta ainda a um dos alunos um exemplo de ter perdoado alguém. Depois completa esta ideia dizendo que Jesus ensina-nos a perdoar 70x7 vezes. O que quer isto dizer pergunta? Quer dizer várias vezes sem fim, sempre. O professor pede a um aluno que leia o texto da Bíblia (anexo 16) em que Jesus diz a Pedro que deve perdoar 70x7 (Mt 18, 15-16; 21-22. De seguida o professor completa este texto apresentando um vídeo com a parábola do devedor implacável (anexo 17). Depois de fazer uma interpretação ao vídeo com os alunos o professor diz em síntese que para sermos perdoados devemos, antes de mais, saber perdoar, pois todos somos humanos e falharmos.

Mas para que haja perdão é necessário o arrependimento. Então o professor pergunta aos alunos o que é a reconciliação? Em diálogo com os alunos o professor vai completando as suas respostas dizendo que a reconciliação é uma consequência do perdão. Em que lugar deve estar no “Bolo Harmonia” a reconciliação? (o professor orienta a resposta para a reconciliação ficar no fundo do bolo. Depois o professor pede a um aluno que coloque um cartão com a palavra no fundo do bolo. E agora sim o bolo já pode ir ao forno. Forno este que representa o diálogo que leva as pessoas a conseguirem a compreensão e a sentirem-se todos iguais e pertencentes ao mesmo grupo, à mesma comunidade de filhos de Deus que vulgarmente chamamos de espírito de grupo. Para justificar melhor e explicar melhor a reconciliação o professor entrega aos alunos um texto: “ O Carpinteiro”. De seguida pede a um aluno que leia o texto. Por fim faz uma síntese e comentário ao texto em diálogo com os alunos. O texto fala de uma história de desavenças entre dois irmãos em que um, chama um carpinteiro para construir um muro entre a casa dele e a do seu irmão. O carpinteiro constrói uma ponte em vez de um muro e o outro irmão ficou contente a pensar que o seu irmão tinha mandado construir a ponte. Assim o professor alerta aqui os alunos para a necessidade de construirmos pontes uns com os outros e não de construirmos muros que nos separam.

Quase no fim da aula o professor volta a repetir com os alunos a dinâmica da caixa da paz. A caixa circula por cada aluno e cada um retira o seu cartão com o seu símbolo para escrever por baixo da 4ª aula a frase chave que retirou do que foi dado na aula. Depois de dar tempos aos alunos de escreverem o professor pede aos alunos que quiserem para partilharem o que escreveram com a turma.

Em síntese desta 4ª aula, importa que os alunos percebam a razão pela qual a dignidade está no topo do “Bolo Harmonia”. Que percebam o verdadeiro significado do perdão e de dar uma nova oportunidade a quem por vezes nos ofende. Saberem também o que é a reconciliação e nela a importância de reconhecer os nossos pecados.

3.1.5 5ª Aula

Nesta quinta e última aula da unidade letiva, *paz universal*, o professor escreve o sumário com os alunos: “A vivência da paz como caminho para a ressurreição”. Depois para iniciar a aula, faz referência a alguns elementos da aula anterior, lembrando com os alunos o perdão que nos leva a paz. Assim recorda também a história do “carpinteiro” e o seu verdadeiro significado: devemos criar pontes que gerem relações entre os seres humanos, em vez de criarmos muros de separação. Depois ainda ligado a este ponto recorda algumas frases que os alunos foram escrevendo nos cartões dos símbolos da paz, acerca do perdão: “*devemos sempre perdoar a todos, mesmo que sejam nossos inimigos*”; “*a paz é o perdão e o perdão faz parte da paz*”; “*O diálogo leva-nos ao perdão e à reconciliação*”. Este diálogo entre alunos e professor terá uma duração de três minutos, suficientes para uma pequena síntese e relação com a aula anterior.

Pegando nesta ideia do diálogo que leva ao perdão e à reconciliação, o professor recorda aos alunos que desde a primeira aula se tem vindo a falar na importância do diálogo para chegar à paz. Aproveita então para perguntar aos alunos onde aparece pela primeira vez, na primeira aula, a palavra diálogo. Acompanhando a resposta que for dada o professor mostra uma imagem do puzzle construído na primeira aula, a “flor da paz” (anexo 1). De seguida entrega aos alunos uma mola com a flor da paz de um lado e o símbolo do desarmamento nuclear do outro lado, para que os alunos recordem sempre a importância da vivência dos conceitos que estão nas pétalas para chegarmos à paz. Faz ainda referência à palavra diálogo que está dentro de uma das pétalas. Assim relembra

também, conjuntamente com os alunos, todos os valores que devemos ter em conta na construção da paz, que estão presentes na flor: amor, humildade, tolerância, solidariedade, diálogo, justiça, concórdia, valores, direitos humanos, respeito.

Se estes valores forem tidos em conta é possível viver em paz e harmonia. Pergunta aos alunos? Que construção fizemos aqui nas aulas que vos faz lembrar a palavra harmonia? O professor conduz o diálogo e as respostas até ao “Bolo Harmonia”, relembrando de seguida os ingredientes-valores lá colocados por cada um dos alunos. Pergunta ainda quais os valores mais importantes que ficaram no fundo do bolo? Orienta a resposta para o perdão e a reconciliação. Pergunta mais ainda, qual foi o valor ainda mais importante que ficou no topo do bolo? Conduzindo posteriormente a resposta para a dignidade humana. Este momento de aula terá a duração de quatro minutos suficientes para recordar e reviver a dinâmica do “Bolo Harmonia”.

Neste clima de harmonia e paz são necessários os símbolos que identificam esta mesma paz. O professor pergunta então aos alunos quais foram os símbolos da paz de que falamos? Conforme os alunos forem dizendo o professor apresenta o cartão com cada símbolo juntamente com a “caixa da paz”: a pomba branca, o arco-íris, a bandeira branca, a vela, o cachimbo, a lira, o símbolo do desarmamento nuclear e os anéis olímpicos. Depois de apresentar cada símbolo aos alunos refere ainda que para além destes símbolos houve uma aluna que apresentou um símbolo diferente: a flor branca, um símbolo singelo e puro que demonstra bem como deve ser o coração dos seres humanos que sentem e promovem a paz. Em três minutos será feita a referência aos símbolos da paz.

Para sermos grandes transmissores da paz, temos que ser promotores desta mesma paz, que nos é apresentada na sagrada escritura. Assim o professor pede a alguns alunos que de pé leiam para os colegas o texto da sagrada escritura, Mt 5, 43-48. De seguida explica aos alunos que a paz só se consegue com o amor, amor aos inimigos, como refere o texto que foi lido. No entanto explica aos alunos está dificuldade de amar os inimigos, que para sabermos amar temos que primeiro limpar o nosso coração de qualquer ódio e ressentimento e assim podemos perdoar. O próprio Jesus perdoou aos seus inimigos no alto da cruz “*Senhor perdoa-lhes porque não sabem o que fazem*”. Na cruz Jesus morreu em perdão dos nossos pecados. Recordando o trabalho que foi feito na aula de autoavaliação do segundo período, o professor pergunta aos alunos o que construíram na última aula do segundo período que está relacionado com tudo isto que estamos a falar? O que escrevemos na cruz? E qual o seu significado? De seguida o professor apresenta uma

imagem de uma das cruzes, em barro, que foram construídas pelos alunos. Isto explica então o facto de Jesus dizer que devemos perdoar sempre.

O professor conduz os alunos neste caminho do perdão até chegar à ressurreição. Jesus ressuscitou para nos dizer, que também nós podemos ressuscitar, ter uma vida nova se soubermos perdoar e amar os nossos inimigos e se confiarmos em Deus e na sua palavra. A ressurreição é o ponto central do cristianismo. Quando nós perdoamos que recompensa teremos? Pergunta o professor aos alunos e vai conduzindo a resposta no sentido de dizer que ao perdoarmos, sentimo-nos aliviados e alegres, uma alegria tão forte que ninguém nos pode tirar. O perdão eleva a pessoa humana, porque dignifica quem perdoa e devolve a dignidade ao arrependido. Existe portanto uma dupla alegria de ressurreição, uma dupla vida nova: de quem perdoa e de quem é perdoado, daí que a dignidade humana apareça no topo do bolo e passamos a amar e começamos assim uma vida nova, seguindo alguns lemas defendidos pelas diferentes religiões: *“Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti”*, lema do Judaísmo, *“o que quiserdes que os outros vos façam fazei-lho vós também”*, lema do Cristianismo.

Posteriormente o professor entrega aos alunos uma ficha de avaliação sumativa sobre a unidade letiva: Paz Universal. Depois de passado o tempo de dez minutos e todos os alunos tiverem terminado a ficha, o professor entrega a correção.

Para concluir e consolidar a matéria lecionada, o professor canta com os alunos a música “Construir a paz”. Explica portanto aos alunos que a letra da música que vão ouvir e aprender, é resultado de uma síntese das frases que foram escrevendo ao longo das aulas na parte de trás dos cartões com os símbolos da paz. Será entregue aos alunos um marcados de livro com a letra da música. O professor ensina aos alunos a música que fez e cantam conjuntamente.

A autoavaliação desta aula será feita da última aula do terceiro período.

Em suma o mais importante da esta aula é fazer com que os alunos percebam o sentido de que ao perdoarmos alcançamos uma vida nova, alcançamos a ressurreição. Saber que para vivermos em harmonia e paz temos que recorrer principalmente ao diálogo, à reconciliação, ao perdão e ao respeito pela dignidade humana. Ao construirmos a paz fazemos acontecer a ressurreição.

3.2. Autoavaliação de cada aula da unidade letiva

A autoavaliação é uma forma de o professor se avaliar a si mesmo refletindo sobre os aspectos que correram bem e os aspectos que correram menos bem. Sendo assim torna-se uma estratégia para ajudar o professor a ser cada vez melhor, pois nela se reflete o que foi feito e tendo em conta isso reflete-se também no que há a fazer mais e melhor.

3.2.1. 1ª Aula

A aula começou à hora prevista, pelas 9 horas e 15 minutos. Esta aula teve três pontos bastante importante que chamaram à atenção dos alunos: a dinâmica da “flor da paz”, o excerto do filme “Mandela: um longo caminho para a liberdade” e o texto “Preconceito Racial”.

No decorrer da aula houve aspectos que correram bem e outros menos bem. No início foi feita uma síntese sob a forma como a unidade letiva, *paz universal*, ia decorrer, No entanto a síntese podia ter sido um pouco mais curta. Depois de feita a síntese o professor perguntou aos alunos como tinham corrido as férias de carnaval, visto que a leção desta unidade letiva começou depois desse período. Esta pergunta deveria ser feita no início da aula e não depois de ter apresentado a unidade letiva.

O professor procura o diálogo com os alunos no que respeita o significado da paz, procurando saber qual o significado da paz para eles e fazer-lhes perceber os seus opostos. Este diálogo foi positivo e decorreu de forma fluente mas organizada.

A dinâmica da “Flor da Paz” que veio em seguida foi aceite com entusiasmo pelos alunos que participaram ativamente na construção do puzzle. No entanto houve algumas falhas na relação entre a flor e a pureza. A palavra pureza devia estar numa das pétalas para mais facilmente os alunos associarem a relação entre a flor e a pureza. A palavra valores não deveria estar nas pétalas porque todas as palavras apresentadas nas pétalas eram valores. Nas pétalas que tinham as palavras opostas à paz devia estar ainda o ódio que depois vem a ser referido no filme e no texto seguintes. Houve ainda também uma falha na ligação desta dinâmica com o excerto do filme que veio em seguida.

O professor apresentou o excerto do filme, bem construído, que foi visto com atenção pelos alunos. O professor apresenta ainda uma ficha de leitura sobre o filme, que

foi realizada em conjunto com os alunos, que depois foi recolhida por um dos alunos. A ficha como não tinha nome não tem avaliação e portanto não deveria ter sido recolhida.

Terminada a ficha o professor distribuiu um texto sobre o “Preconceito Racial”, aos alunos que foi lido por uma aluna. Foi feita uma boa ligação entre o filme e o texto sobre o preconceito racial, alertando o professor para a forma como tanto no filme como no texto se falava na necessidade de sermos todos iguais em direitos e deveres independentemente da cor.

Por fim foi pedido aos alunos um trabalho de casa que será apresentado na aula seguinte. De uma forma geral a avaliação da aula é positiva.

3.2.2. 2ª Aula

A aula começou à hora prevista por volta das 9 horas e 15 minutos. Esta decorreu com três partes muito importantes: a apresentação dos símbolos da paz, apresentação de situações de ausência de paz e a dinâmica da caixa da paz.

Depois de escreverem o sumário, o professor entregou a ficha de leitura do filme Mandela: um longo caminho para a liberdade, da aula anterior (anexo3). Perguntou pelo trabalho de casa pedido que era cada aluno trazer o símbolo da paz e explicar para toda a turma a razão pela qual escolheram o símbolo que apresentaram. Quase todos os alunos fizeram o trabalho. De realçar o facto de na aula anterior o professor explicar a relação entre a flor e a pureza, e nesta aula um dos alunos apresentar como símbolo da paz a flora branca. Foi de alguma forma a reflexão a apreensão do que foi dito na aula anterior. Foi também interessante o facto de cada aluno explicar o significado do seu símbolo. Houve mesmo alunos que fizeram uma pesquisa sobre o objeto que apresentaram.

Posto isto, o professor apresentou alguns símbolos da paz: a pomba (apresentada anteriormente por alguns alunos), o arco-íris, a bandeira branca, a lira, o cachimbo, a vela, os anéis olímpicos e o símbolo do desarmamento, este último também apresentado por um dos alunos anteriormente. Aqui o professor apresentou cada símbolo em imagem aos alunos (anexo 5) perguntando qual o significado de cada símbolo e ao mesmo tempo completando o que os alunos iam dizendo. Quando apresentado o símbolo da Lira o professor perguntou, aos alunos, duas vezes (um pouco insistente) qual seria o significado da paz e não conseguiu apresentar um formato áudio do som da lira. Aqui as perguntas

feitas pelo professor não deveriam ter sido tão gerais, ou seja, para toda a turma. O professor poderia também não dar tanto tempo na explicação dos símbolos da paz.

Posteriormente apresentou situações de ausência de paz (anexo 6), havendo aqui uma incorreção visto que no sumário estão situações de ausência de paz e na planificação estão atentados à paz. O professor apresenta um PowerPoint com notícias de violência doméstica que todos os dias aparecem nos jornais. Apresentou dois exemplos pedindo aos alunos para lerem. Continuou referindo uma problemática que se vive nos dias de hoje na escola e que por vezes não a identificamos como ausência de paz: o *bullying*. De seguida explicou o significado de genocídio apresentando algumas imagens de genocídios da segunda guerra mundial. Falou ainda do terrorismo remetendo para o atentado do Charlie Hebdo, explicando o que aconteceu. A guerra foi apresentada aos alunos como um contributo para a ausência de paz, numa notícia da execução do jornalista japonês Kenjo Goto. Por fim referiu que todas estas situações de ausência de paz são causadas pela palavra egoísmo e a esta palavra surgem associadas outras como o conflito, a injustiça, entre outras que foram referidas.

Nesta apresentação o professor poderia não se ter prendido tanto às imagens e às notícias, mas sim mais às causas e consequências dessas notícias.

Por fim o professor apresentou aos alunos a dinâmica da caixa da paz, com os cartões com os símbolos da paz. Cada aluno escreveu na parte que correspondia à segunda aula a frase que para ele foi a frase chave da aula. Nesta parte em vez de cada aluno se levantar para retirar o cartão da caixa, esta podia ter circulado pelos alunos, pois assim a explicação da dinâmica foi dada ao mesmo tempo que os alunos se levantavam. Assim pode não ter sido tão perceptível. No entanto foi uma dinâmica que resultou muito bem para os alunos.

No geral a aula poderia ter sido dada com mais energia por parte do professor e podia ter havido também uma preparação mais científica da mesma. O professor podia também ter pegado mais no contributo dos alunos.

3.2.3. 3ª Aula

A aula começou um pouco depois da hora prevista, pelas 9h e 18 minutos, visto que alguns alunos ainda estavam a passar exercícios de matemática que estavam no quadro.

Esta aula decorreu em cinco momentos: os direitos humanos, em especial os direitos à vida e a paz; a construção da paz ao longo da história; dois exemplos de promotores da paz, a dinâmica do bolo da harmonia e a dinâmica da caixa da paz.

Depois os alunos escreverem o sumário, em diálogo com eles, o professor fez uma síntese e ligação à aula anterior falando da grande causa de ausência de paz referida na aula anterior: o egoísmo. Fez ainda ligação também à dinâmica da “flor da paz”(anexo 1), da primeira aula perguntando aos alunos qual o valor que colocariam na raiz da flor, de forma a que os alunos chegassem ao valor primordial, a vida. Uma pergunta que surtiu efeito na participação e atenção dos alunos. O professor ainda explicou que a vida deve ser defendida para que existam também outros valores, inclusive a paz.

Ao longo dos tempos o homem procurou sempre a paz. Daqui fez ligação com o vídeo que apresentou do manual interativo do 7ºano “Desafios” (anexo 9). Este vídeo mostrou aos alunos a construção da paz ao longo da história, partindo do código de Hamurabi até ao tempo contemporâneo. Um pequeno resumo do que tem sido a procura da paz ao longo dos tempos. Este vídeo fez referência a um dos promotores da paz: Mahatma Gandhi.

Neste seguimento da construção da paz o professor fala de dois exemplos de promotores da paz: Mahatma Gandhi e Malala Yousafzai. Tanto um como o outro receberam o prémio Nobel da paz. O professor perguntou a uma aluna qual era o significado de prémio Nobel e completou direcionado para aquela aluna dizendo que o prémio Nobel era atribuído a pessoas que contribuíram para a fraternidade e defesa dos direitos sem violência. Aqui o professor ao dar a explicação devia ter-se direcionado para a turma toda. O professor diz ainda que os dois promotores contribuíram para a defesa da dignidade humana. Então o professor perguntou o que é a dignidade humana, completando, dizendo que é a defesa dos direitos de cada um. Esta parte da dignidade humana podia ter sido mais explorada, mas devido ao tempo, acabou por ficar pouco trabalhada.

Assim o professor apresentou um excerto do filme da Mahatma Gandhi (anexo 10), procurando fazer antes uma contextualização deste promotor, que podia ter sido um pouco mais aprofundada. De seguida apresentou um vídeo de Malala Yousafzai (anexo 11) que foi bem introduzida e apresentada, fazendo referência ao seu contributo na construção da paz e na defesa dos direitos humanos.

Inspirados pelo exemplo deste promotores da paz o professor colocou um grande desafio aos alunos, a construção do “bolo da harmonia” (anexo 12). Apresentou-lhes um

bolo feito com caixas de madeira que tinha por título o “bolo da harmonia”. Primeiro perguntou que ingredientes eram necessários para fazerem um bolo normal. Depois explicou que para os homens viverem a igualdade de direitos terão que viver em harmonia. E explicou ainda o porquê de o bolo se chamar harmonia, pois para que haja respeito pela dignidade humana é necessário que haja harmonia entre os valores. Seguidamente dialogou com os alunos perguntando que ingredientes/valores deveriam estar dentro do “bolo harmonia”. À medida que iam acertando o professor entregava o cartão com o ingrediente (anexo 13) que tinham dito. De seguida o bolo circulou pelos alunos e cada um colocou o seu cartão com o ingrediente/valor que tinham referido. O professor pergunta ainda a um aluno como podem concretizar estes valores na sua vida, na escola, completando com a necessidade de respeitar os outros e ajudar os colegas.

Por fim a dinâmica da caixa da paz (anexo 7), com os cartões com os símbolos da paz (anexo 8). A caixa circulou pelos alunos. Cada aluno retirou o seu cartão, com o seu símbolo e escreveu por baixo da 3ª aula a frase chave que recolheu desta aula. Aqui os alunos podiam ter partilhado o que escreveram como frase chave.

No geral foi uma aula muito positiva e o professor evoluiu na sua prestação em relação à segunda aula.

3.2.4. 4ª Aula

A aula começou às 9 horas e 15 minutos, como previsto, encarada com energia e entusiasmo pelo professor. Esta aula decorreu em quatro momentos chave: continuação da dinâmica do “bolo harmonia”, acrescentando a dignidade humana no topo do bolo; a explicação do perdão com a parábola do devedor implacável; a explicação do que é a reconciliação com a história do “carpinteiro” e por fim a dinâmica da caixa da paz.

Depois de escreverem o sumário o professor começou a aula fazendo uma ligação com a aula anterior, continuando a ideia do “bolo harmonia”(anexo 12), dando agora mais relevo ao respeito pela dignidade humana. Deu liberdade aos alunos para escolherem mais ingredientes/valores para acrescentarem no bolo, valores que ainda não fizessem parte do bolo, dando cartões em branco para escreverem esses valores (anexo 14). De seguida leva os alunos a refletir sobre a importância da dignidade humana, ao que os alunos respondem e colocam esta no topo do bolo (anexo 15). Esta ideia de dignidade humana poderia ter

sido mais explorada. Continuando o diálogo com os alunos liga à questão da paz e da harmonia e para que haja paz e harmonia é necessário o perdão. Assim o perdão foi colocado como fermento do bolo, colado portanto no fundo do “bolo harmonia” (anexo 16). Esta dinâmica do bolo serviu para motivar a atenção dos alunos e foi uma boa forma dos alunos perceberem a importância dos valores estudados para a construção da paz e da harmonia.

Interpelando agora os alunos para a ideia de perdão e explicação do mesmo, o professor usou algumas estratégias, como a expressão 70x7 dita por Jesus e presente no texto bíblico (Mt 18,15-16; 21-22), (anexo 17) e a visualização da parábola do devedor implacável (anexo18). O texto bíblico foi lido pelos alunos, do lugar, recorrendo à sagrada escritura. Por conseguinte poderia ter sido lido de pé na frente da sala de aula. Assim o objetivo deste momento da aula foi fazer com que os alunos percebessem que devemos perdoar sempre, mesmo aos nossos inimigos. Ficaram assim a entender que a expressão 70x7 significa perdoar sempre. Neste momento de aula o professor podia ter perguntado aos alunos exemplos concretos na escola em que perdoaram, em que foram perdoados ou tiveram dificuldade em perdoar.

No entanto para perdoar é necessário que haja arrependimento e por isso surge a reconciliação. Neste momento o professor pergunta aos alunos o que é a reconciliação e continua o diálogo até que eles colocam a reconciliação no fundo do bolo, aliada ao perdão como fermento do “bolo harmonia” (anexo 19). Para consolidar melhor esta ideia de reconciliação o professor pede aos alunos para lerem um texto do Manuel que tem por título “o Carpinteiro” (anexo 20), que refere uma história em que esteve presente o perdão e a reconciliação. O objetivo deste texto foi fazer com que os alunos percebessem que nas relações humanas devemos criar pontes de ligação e não muros que nos separem.

Por fim a dinâmica da caixa da paz (anexo 7), com os cartões com os símbolos da paz (anexo 8). A caixa circulou pelos alunos. Cada aluno retirou o seu cartão, com o seu símbolo e escreveu por baixo da 3ª aula a frase chave que recolheu desta aula. Aqui o professor deu oportunidade e liberdade aos alunos de partilharem o que escreveram.

Em geral foi uma aula que surtiu um efeito muito positivo nos alunos de forma que apreenderam bem a matéria dada, isso refletiu-se nas frases síntese que escreveram nos cartões. Foi uma aula bem estruturada com materiais diversos.

3.2.5. 5ª Aula

A aula começou às 9h e 15h, hora prevista, encarada com entusiasmo e dinamismo por parte do professor. Esta aula decorreu em quatro partes: síntese das aulas anteriores da unidade letiva, tendo em conta que era a última aula; leitura do texto bíblico “amor aos inimigos” (Mt, 5,43-48), levando os alunos a refletir sobre o exemplo de Jesus que também perdoou aos inimigos; realização de uma ficha de avaliação sumativa e por fim cantar a música “Construir a Paz”. Foi feita uma síntese da aula anterior lembrando o perdão e a história do “carpinteiro”. Os alunos corresponderam chegando ao verdadeiro objetivo da história, criar pontes e não criar muros. A partir daqui fez uma ligação às frases que os alunos foram escrevendo ao longo das aulas nos cartões da paz, que serviram como fio condutor da unidade letiva e como síntese de cada aula.

De seguida foi feita uma síntese das aulas anteriores, desde a primeira aula até à quarta aula. O professor lembrou assim ideias chave destas mesmas aulas, nomeadamente na primeira aula, a dinâmica da “flor da paz”, apresentando uma imagem do puzzle construído (anexo 21). Os valores presentes nas pétalas da flor que fizeram lembrar aos alunos os valores-ingredientes (anexo 13) do “bolo harmonia”(anexo 12), que em diálogo com o professor foram dizendo estes valores. Para que haja harmonia e paz é importante que tenhamos connosco símbolos que nos liguem à paz. Assim o professor apresentou a caixa da paz, fazendo com que os alunos fossem dizendo os símbolos (anexo 8) que estavam dentro da “caixa da paz” (anexo 7). Lembrou também o símbolo que uma aluna apresentou como símbolo da paz para ela, a flor branca, lembrando assim a “flor da paz”. O tempo dispensado para esta parte da aula foi o adequado tendo em conta que foi importante fazer uma síntese das aulas anteriores, na medida em que os alunos tiveram um tempo interregno entre a 4ª e 5ª aulas, devido às férias da Páscoa e a uma viagem de estudo.

De seguida o professor alertou os alunos para a importância de não sermos apenas transmissores da paz mas sim promotores dessa mesma paz. Então pediu a três alunos que em frente aos colegas lessem o texto bíblico (Mt 5,43-48), (anexo 22). Depois explicou a importância de libertarmos o nosso coração de ódios para conseguirmos perdoar os inimigos, dando o exemplo de Jesus que na cruz perdoou aos seus inimigos. Ao falar na cruz os alunos falaram e lembraram, a cruz que tinham construído na última aula de autoavaliação do segundo período, em que estava presente a “flor da paz” e a expressão

estuda na 4ª aula, 70x7. Os próprios alunos disseram o significado da expressão e o professor sublinhou esta importância de perdoarmos sempre.

De seguida passamos para a terceira parte da aula em que os alunos realizaram a ficha de avaliação sumativa. O professor entregou as fichas e leu cada pergunta da ficha. À medida que o professor ia lendo a ficha os alunos iam respondendo, de tal modo que quando o professor acabou de ler, uma grande parte da turma já tinha terminado. Faltou aqui dizer o tempo dispensado para a realização da ficha, mas no entanto os alunos acabaram por terminar logo no fim da leitura do professor. No entanto poderia haver uma maior atenção por parte do professor a um aluno que teve alguma dificuldade em algumas perguntas, se bem que no final o professor foi ao encontro dele e ajudou-o a terminar a ficha. Logo de seguida entregou a correção a cada aluno para refletirem no que tinham feito e compararem.

Por fim o professor entregou um marcador de livros com a letra da música “Construir a Paz” e também uma mola com a “flor da paz” desenhada da parte da frente, com os valores que estavam nas pétalas, e o símbolo da paz da parte de trás da mola. A música “Construir a Paz” foi da autoria do professor estagiário e a letra da música foi da autoria dos alunos desta turma G do 7º ano, resultado de uma síntese das frases que foram escrevendo por trás dos cartões com os símbolos da paz, ao longo das aulas. Esta música serviu como súmula do que foi dado ao longo da unidade letiva, paz universal.

Esta aula terminou assim, no tempo previsto, com o canto da música “Construir a Paz”. Foi uma aula bem construída pelo professor em que usou vários recursos diversificados e em que essencialmente os alunos recordaram o que tinha sido dito ao longo das aulas da unidade letiva, paz universal.

3.3. Relatório de autoavaliação da PES

O professor deve ser um exemplo para o aluno procurando acima de tudo educar para a diferença. Para isso o professor de EMRC deve ser próximo, criativo, motivador dos alunos e estar sempre atento às dificuldades de cada um. Deve ser visto pelos alunos como um porto seguro onde podem ancorar sempre que tenham alguma dificuldade ou algum problema.

Foi baseado nesta missão, do professor de EMRC, que comecei o estágio no agrupamento de escolas Viseu Sul, na escola EB 2,3 de Silgueiros com a turma G do 7ºano. Assim propus trabalhar a unidade letiva quatro do 7ºano, *Paz Universal*, visto que a paz deve ter um lugar fundamental no seio do projeto educativo de cada escola. Neste tempo de guerras e de conflitos em que se desprezita o ser de cada um, a escola deve ser um meio que eduque para a paz. É preciso cultivar o amor ao próximo e a preocupação com o outro, não fazendo o outro à nossa imagem mas sim aceitando as diferenças de cada um.

Ao longo da unidade letiva e da preparação de cada aula o objetivo principal era passar para os alunos esta mensagem de paz e amor ao colega do lado, cultivando o espírito de ajuda. Foi assim que trabalhei para preparar o melhor possível cada aula, de modo a que cada aluno se fosse tornando a voz desta paz.

Ao preparar esta unidade letiva procurei seguir o programa de EMRC 2014, tendo em atenção as metas e objetivos propostos. Assim tinha como metas a atingir: o reconhecimento da dignidade humana, à luz da mensagem cristã; amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo; estabelecer diálogo entre a cultura e a fé; promover o bem comum e o cuidado com o outro; identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo e promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.

Para além destas metas o programa apresenta objetivos a atingir, a respeito da unidade letiva *Paz universal*: valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana; interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência de paz; reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos; reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa; identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos; identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano. A estes objetivos eu acrescentei: identificar o perdão como elemento necessário para a paz e saber usar a mensagem bíblica como testemunho para a vivência do perdão, isto porque o perdão e reconciliação são elementos fundamentais que devem estar presentes quando se trabalha o tema da paz.

Ao longo da preparação da unidade letiva e da preparação de cada aula procurei privilegiar a fundamentação científica-pedagógica, de cada tema abordado em cada aula, a

respeito da *Paz universal*. Assim, no que concerne a este ponto, as aulas tiveram uma boa fundamentação científica, tendo tido apenas algumas falhas na segunda aula desta unidade letiva.

Sempre que trabalhava na planificação de cada aula, na construção de estratégias, na preparação dos materiais, tinha em conta a faixa etária dos alunos com quem estava a trabalhar, adequando as estratégias e materiais à idade em questão. Ainda assim não deixava de ter em conta também a organização da unidade letiva apresentada no programa, adequando igualmente os conteúdos e o tempo necessário de acordo com a turma e o ano, tratando-se neste caso de uma turma do 7ºano.

Ao longo das aulas, durante o tempo da aula, por vezes foram feitas algumas adequações e alterações à planificação. No decorrer da aula surgiram, por vezes, imprevistos que fizeram com que houvesse alterações e adequações ao tema. Mesmo a nível do tempo definido na planificação, apesar de cumprir sempre com o tempo estabelecido e terminar cumprindo a planificação, houve, ao longo das aulas, algumas adequações atribuindo mais tempo a uma atividade e dando menos a outra, conforme também a intervenção dos alunos.

Ao nível dos materiais que foram utilizados como dinâmicas nas aulas, foram diversificados e trabalhados por mim, tendo em vista facilitar a aprendizagem por parte dos alunos. Foram usados materiais audiovisuais; textos bíblicos de leitura, comentário e compreensão dos mesmos e puzzles. Todos estes materiais foram preparados e ajustados à faixa etária dos alunos e ao tema em causa da unidade letiva, *Paz universal*.

Na primeira aula foi trabalhado o puzzle da “flor da paz” (anexo 1), em que os alunos tinham que montar as várias pétalas desta flor. Dinâmica bastante apreciada pelos alunos tendo em conta que todos participaram e foram ao quadro colocar uma pétala. Outro material usado, apreciado também pelos alunos, foi a dinâmica do “bolo harmonia”(anexo 12), em que os alunos, recordando os ingredientes de um bolo normal, tinham que colocar dentro do “bolo harmonia” os valores-ingredientes que tinham a ver com a paz. Depois completaram o bolo colocando o que seria o fermento (perdão e reconciliação) e o que seria a cereja no topo do bolo (dignidade humana). Importa ainda referir outro material que surtiu um efeito bastante positivo nos alunos e que serviu como ponto de ligação de toda a unidade letiva: a caixa da paz (anexo 7). Dentro da caixa da paz estavam vários cartões com os símbolos da paz (anexo 8), em que por trás de cada cartão o aluno tinha que escrever, no final da aula, a frase chave de cada aula. O objetivo desta dinâmica foi no final

fazer uma música sobre a paz, elaborando a letra a partir da síntese que os alunos fizeram em cada aula. O resultado final foi a música “Construir a paz”(anexo 25), letra elaborada pelo resumo das frases dos alunos e música feita por mim.

No que diz respeito aos materiais audiovisuais foram trabalhados por mim e apresentados aos alunos: um vídeo sobre Nelson Mandela, baseado no filme sobre a história da sua vida; um vídeo de Mahatma Gandhi, baseado no filme sobre a vida dele; um vídeo sobre o discurso de Malala no parlamento europeu, apresentando assim aos alunos estes três grandes promotores da paz galardoados com o prêmio Nobel da paz. Aproveitando os materiais do manual interativo o professor apresentou um vídeo que resume os contributos do ser humano ao longo da história, na construção da paz. Estes recursos usados para facilitar a apreensão por parte dos alunos, dos pontos-chave da vida de cada promotor da paz e da paz ao longo da história. Por vezes uma imagem vale mais do que mil palavras e estes recursos resumidos continham o que era fundamental. Para além destes, ainda foi apresentado um vídeo sobre a parábola do devedor implacável, para ilustrar o tema do perdão. Estes recursos ajudaram os alunos a perceber o quão é importante a missão de cada um na construção da paz, seguindo o exemplo dos promotores que estudaram.

A lecionação da unidade letiva foi sempre trabalhada tendo em conta um fio condutor, tendo elaborado a dinâmica dos cartões da paz como forma de ligação das aulas, que culminaram na elaboração da música, já anteriormente referida. Procurei também relacionar o tema da *Paz universal*, com o tempo que se viveu durante o período em que foi lecionada a unidade letiva, tempo Quaresmal e tempo Pascal. Para além disso, no início de cada aula, foi feita sempre uma síntese da aula anterior, que servia como ponto de ligação ao que ia ser dado a seguir. Toda a unidade letiva teve um fio condutor com a ajuda dos cartões da paz e com a síntese da aula anterior, no início de cada aula.

Todos os materiais elaborados foram trabalhados com o objetivo de criar nos alunos motivação, interesse e um espírito de desafio para desvendar o mistério que surgia em cada dinâmica. Em geral todos os materiais usados, quer audiovisuais, quer manuais e puzzles foram encarados com entusiasmo por parte dos alunos. No entanto é de destacar particularmente a dinâmica do “Bolo Harmonia” (anexo 12), o puzzle da “Flor da Paz” (anexo 1) e a dinâmica dos cartões da paz (anexo 8). Isto refletiu-se depois nos resultados da ficha sumativa, em que as notas corresponderam às expectativas e levaram a concluir que a matéria dada foi apreendida e percebida pelos alunos.

Ao longo das aulas os alunos foram demonstrando o seu interesse, participando ativamente na realização de cada dinâmica e na resposta a cada pergunta. Para além disso, por várias vezes eram eles a intervir de forma pertinente sem serem interpelados pelo professor. A forma como o professor comunicava e interagia com os alunos foram evoluindo ao longo das aulas. O professor no geral imprimiu energia e dinâmica em cada aula da unidade letiva. Esta evolução gerou um clima de proximidade e empatia entre professor e alunos.

No que diz respeito à gestão do tempo ao longo das aulas, o tempo previsto na planificação foi sempre cumprido e procurou ser sempre adequado a cada dinâmica utilizada. No referente às dinâmicas, em algumas situações, o tempo foi reajustado em relação ao que tinha sido estabelecido na planificação, não afetando o cumprimento do que estava planificado.

Para além da lecionação da unidade letiva, participei em atividades da escola, nos ensaios de uma peça de teatro para apresentar na festa de Natal e no projeto elaborado juntamente com a biblioteca da escola, Heróis do Holocausto. Este projeto levou à minha participação ativa na correção dos trabalhos feitos pelos alunos, acerca dos Heróis do Holocausto previstos em estudo, na apresentação dos trabalhos por cada grupo de alunos do 9ºano e na apresentação deste projeto.

Quanto à assiduidade lecionei todas as aulas, previstas na planificação da unidade letiva. Estive presente nas aulas dos colegas e avaliação crítica das mesmas, procurando cumprir o calendário, apesar de difícil de conciliar com o horário da escola onde trabalhei durante o ano letivo. Esta situação implicou um grande esforço e sacrifício mas foi muito enriquecedora e com um contributo muito importante para ser cada vez melhor professor. Foi fundamental a ajuda do orientador e também dos colegas de núcleo para o meu crescimento enquanto professor. É de realçar e de valorizar quando há uma aprendizagem e evolução positiva.

Quando questionados sobre as estratégias que mais gostaram, os alunos referiram o puzzle da “flor da paz” e o “Bolo Harmonia”. Todos declararam também que não houve nenhuma estratégia de que não gostassem, portanto foram acolhidas com motivação por todos os alunos. Ainda sugeriram manter as estratégias usadas, acrescentando mais músicas construídas pelos próprios alunos. Portanto a avaliação feita pelos alunos em relação à unidade letiva lecionada é positiva.

O estágio da PES foi um período de grande aprendizagem e colaboração entre colegas de estágio e orientador. Principalmente foi um período de relação de proximidade com os alunos da turma de estágio, em que aprendi com cada aluno, tentando o mais possível ter como princípio o educar na diferença, e os alunos aprenderam comigo.

4. Educar para a diferença

Educar para a diferença é um dos desafios maiores da missão do professor. Mesmo atualmente, que já se reflete uma grande preocupação pela escola inclusiva e pela sociedade inclusiva, a realidade ainda não é fácil de encarar. As escolas continuam com condições muito diferentes, dado o meio em que existem, e os condicionalismos das mesmas. Uma escola rural, ou de uma zona montanhosa, não tem as mesmas características que uma escola de cidade. Desde a frequência de alunos, às condições de vida dos pais, ao seu nível cultural, há toda uma variedade de situações a ter em conta.

Outras diferenças, derivam da direção da escola, da coesão ou não do corpo docente e da sua comunicação e colaboração. Acontece ainda, muito frequentemente, que a grande maioria dos professores é levada a olhar os alunos no seu todo, como uma classe homogénea, com iguais oportunidades de aprendizagem e sucesso. Este olhar não tem em conta que todo o aluno é diferente. A este respeito o autor David Rodrigues no livro *Educação e Diferença*, refere o seguinte “a diversidade existe já hoje, é bem forte, e tende claramente a aumentar; mas, frequentemente, é ainda ignorada, porque inquietante, porque desafiadora”¹²⁹. Não há nenhum aluno igual ao outro, mesmo os alunos “ditos normais”.

Na vida em sociedade, também existem as diferenças e o ser humano tem sempre tendência a considerar normal o que é semelhante e anormal o que é diferente. Do nosso ponto de vista o caminho a seguir deveria ser precisamente ao contrário, isto é, encontrar a normalidade na diferença, pois o que é normal é sermos todos diferentes.

A principal preocupação do professor deveria ser procurar conhecer de uma forma objetiva e realista os seus alunos. Este estudo basear-se-ia no conhecimento das capacidades, dos sentimentos, da personalidade e psicologia de cada um individualmente, tendo em conta, e não é demais repeti-lo, que cada aluno é um ser único e distinto.

¹²⁹ David RODRIGUES, *Educação e Diferença*, op. cit., p. 53.

Se isto é válido para qualquer aluno, muito mais para aqueles que têm diferenças notórias a nível físico ou mental. Creio que será este um dos princípios base para se poder trabalhar a sério para uma escola inclusiva. A professora Manuela Ferreira na sua obra *Educação regular educação especial*, diz-nos que “eliminar desigualdades é, acima de tudo, promover o desenvolvimento de uma cultura que leve ao reconhecimento e ao respeito”¹³⁰.

Entre o corpo docente já se vai notando alguma motivação neste sentido, mas há ainda um grande caminho a percorrer. Neste sentido no livro *Necessidades Educativas Especiais*, da coordenação de Inês Sim-Sim, afirma-se que “apesar de inicialmente se ter verificado uma natural resistência face às inovações decididas centralmente, é hoje visível, na periferia, ou seja, nas escolas e nos professores, uma manifesta preocupação com a escolaridade de todos os alunos, evidente na procura de meios e recursos que facilitem a construção progressiva de uma escola inclusiva”¹³¹.

Uma das prioridades da educação para a diferença consiste na forma como o professor gere e estabelece a comunicação entre todos os alunos e entre si e cada um dos mesmos. Só através de uma comunicação bem conseguida será possível a realização de toda e qualquer atividade na sala de aula e fora dela. Isto é válido, de uma forma particular para as crianças com maiores dificuldades. É necessário pois envolver estas crianças na turma, conseguir a sua integração e levá-las a interagir com as outras. Diz ainda na obra atrás citada que “é, portanto, essencial encontrar formas de comunicação adequadas às capacidades e ao funcionamento cognitivo, motor, visual e auditivo de cada um dos alunos com multideficiência de modo a ajudá-los a: expressar as suas necessidades e sentimentos; envolver-se nas interações com os outros; fazer escolhas; ter algum controlo sobre as suas vidas; fazer aprendizagens funcionais e úteis; aceder aos conteúdos académicos, sempre que possível”¹³².

¹³⁰ Manuela SANCHES FERREIRA, *Educação regular, educação especial: uma história de separação*, edições Afrontamento, Porto, 2007, p. 67. Diz ainda no parágrafo seguinte, “a grande questão que se coloca à reforma inclusiva não parece ser tanto a de perceber como deve a escola ser organizada para acomodar as crianças com baixa aprendizagem, mas antes a de saber como se deve organizar a escola para fornecer uma respostas de qualidade a todos os alunos”.

¹³¹ Inês SIM-SIM (coordenação e introdução), *Necessidades Educativas Especiais: dificuldades da criança ou da escola?*, Texto Editores, Alfragide, 2005, p. 28.

¹³² *Ibidem*, p. 69. Diz ainda nesta obra no parágrafo seguinte “à diversidade de competências dos alunos com multideficiência, deve corresponder uma diversidade de estratégias a desenvolver que os ajudem a vivenciar experiências de sucesso, o qual não pode ser analisado linearmente”.

É preciso mesmo investir na relação entre o professor e os seus alunos. Só com uma boa relação se consegue captar a confiança do aluno e a sua motivação. Os alunos são sensíveis à delicadeza com que são tratados e compreendidos. O professor deve sempre ser sincero. A verdade é uma arma que derruba muitas barreiras e estabelece ligações. Neste ponto remetemos para o professor Joaquim Machado autor da obra *Pais que educam, professores que amam*, quando diz “o maior segredo para se ser um bom professor é ser autêntico. Hoje mais do que nunca, os alunos são extremamente sensíveis e notam à distância se estamos a ser sinceros e honestos com eles ou apenas a tentar ‘dar-lhes a volta’.”¹³³

Pondo a hipótese de que o professor conhece bem os seus alunos, há de saber também os meios em que eles se movimentam e o seu ambiente familiar. Acontece frequentemente que alunos oriundos de meios sociais problemáticos e com histórias de vida e famílias complicadas não raro apresentam problemas de toda a ordem, sobretudo carências afetivas. Estes alunos podem criar instabilidade na turma, situações de rebeldia e de indisciplina. Nestes casos a regra é antes prevenir do que remediar. Há outro fator também a ter em conta que é a interação com outros adultos, professores, pais, outros intervenientes no ato educativo e os próprios alunos. A este respeito refere a obra anteriormente citada, “as medidas mais eficazes a médio e longo prazo são as que se dirigem à prevenção da indisciplina e ao desenvolvimento de competências sociais que se enquadram numa política global da escola, mais do que em medidas que visam punir ou responder a comportamentos problemáticos que um ou outro professor possam implementar nas suas aulas”¹³⁴. Há crianças com comportamentos muito difíceis de controlar. Por vezes desobedecem, perturbam o ambiente e desafiam os próprios professores. Antes de julgarmos este tipo de alunos é preciso conhecermos bem a sua história de vida, o seu ambiente familiar e o porquê de tamanha rebeldia.

É preciso compreender que muitas crianças, desde tenra idade, ficam entregues a si próprias: ou porque os pais trabalham sem horários que coadunem com a educação dos filhos, ou porque são alcoólicos ou toxicodependentes. Se tivermos em conta esta realidade chegaremos à conclusão que por trás das maiores atitudes de rebeldia, estão atitudes de auto afirmação, ou de chamada de atenção, ou ainda de carência afetiva.

¹³³ Joaquim MACHADO, *Pais que educam professores que amam*, edições marcador, Lisboa 2011, p. 18.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 104.

Não raramente estes alunos, para além de serem rebeldes, podem tornar-se também agressivos. Para isso contribui, em grande parte, o facto de estarem muito tempo entregues a si próprios e terem acesso a meios de comunicação como televisão, internet, que os influenciam. Já dizia o psicólogo Philip Hall em *Educar crianças com problemas de comportamento*, “a violência é um traço comum nos programas televisivos”¹³⁵.

À escola e aos profissionais da educação cabe a tarefa de compreender e tentar suprir, da melhor forma possível, estas lacunas educativas.

Para além da comunidade familiar, que seria a primeira educadora em ordem à diferença, o professor é a principal garantia desta educação. Ele tem oportunidade de influenciar os seus alunos e motivá-los até com o seu exemplo. A forma como se relaciona e interage com os alunos, pode criar neles o desejo de dar o seu melhor e a confiança entre si e os outros. Por vezes acontece criarem-se laços afetivos entre professores e os seus alunos e admiração mútua que perdura pela vida fora. Por isso dizemos que a escola tem um papel muito importante na educação humana. As professoras Sandra Rief e Julie afirmam, na sua obra *Como ensinar todos os alunos numa sala de aula inclusiva* que “o professor não só ensina inúmeros comportamentos e aptidões académicas como também exerce uma grande influência na forma como os seus alunos aceitam e apreciam as diferenças existentes em todos nós”¹³⁶.

Este papel do professor é reforçado se for feito em colaboração com outros professores da mesma escola. A atuação de vários professores com os mesmos objetivos tem outro poder de credibilidade perante os alunos e ainda perante os encarregados de educação dos mesmos. Por sua vez, a partilha de experiências entre docentes pode tornar-se muito enriquecedora para os mesmos e sobretudo para os alunos.

Para além da relação professor aluno é, assim, um ponto muito importante da educação para a diferença, a relação entre os professores e, sobretudo, entre os mais idosos e os mais jovens. Se os mais idosos são mais ricos em experiência, por vezes, os mais jovens são mais ricos em entusiasmo. Do intercâmbio entre os dois grupos, todos ficam a ganhar, nomeadamente os alunos. Na sua obra *Pais que educam professores que amam*, o professor Joaquim Machado refere a este respeito “sejamos humildes, deixemos os

¹³⁵ Philip HALL; Nancy HALL, *Educar crianças com problemas de comportamento*, Porto Editora, Porto, 2008, p. 11.

¹³⁶ Sandra RIEF; Julie HEIMBURGE, *Como Ensinar todos os alunos...*, op. cit., p. 13.

preconceitos de lado e ganhamos tempo a aprender, tanto com os novatos como com os veteranos”¹³⁷.

No que diz respeito a crianças com dificuldades de aprendizagem ou com NEE, a colaboração entre os professores pode conduzir a uma integração destas crianças de acordo com as suas capacidades, isto é, cada uma das crianças poderá desenvolver melhor as capacidades para as quais tenha maior aptidão. Desta forma as crianças aprendem que todos somos diferentes e aprendem a respeitar as diferenças de cada um e a aceitá-las.

O autor Luís de Miranda Correia na sua obra *Inclusão e necessidades educativas especiais*, fala-nos da forma de procedimento relativamente à educação inclusiva. “A filosofia inclusiva encoraja docentes e discentes a provocarem ambientes de entre ajuda onde a confiança e o respeito mútuos são características essenciais que levam ao encontro de estratégias, tal como o ensaio e a aprendizagem em cooperação, tão necessários ao fortalecimento das áreas fortes dos alunos e à formulação de respostas adequadas às suas necessidades”¹³⁸. Para este tipo de educação é necessário reformular o papel do professor levando-o a trabalhar mais diretamente com os pais, com os psicólogos e com os outros intervenientes na educação.

Mesmo as crianças que não têm aparentemente grandes dificuldades possuem um ritmo próprio e diferente de aprendizagem. É necessário que o professor respeite esse ritmo porque cada aluno tem o direito de ser educado como ser único. Um aluno pode ser o melhor em determinada matéria e não tão bom noutra. Neste caso o professor deve promover a cooperação entre os alunos e não valorizar demasiado a competição. A cooperação pode ajudar, a competição gera, por vezes, conflitos. A este respeito o professor António Estanqueiro, na sua obra *Boas práticas na educação*, escreve “a cooperação é um sinal de qualidade na educação. A escola deve preocupar-se não só com os conteúdos programáticos e as classificações, mas também com a formação pessoal e social do aluno”¹³⁹.

As crianças assim educadas estarão a preparar-se para um dia serem adultos tolerantes e pessoas bem integradas na sociedade de forma a criarem relações positivas ao longo das suas vidas.

¹³⁷ Joaquim MACHADO, *Pais que educam...*, op. cit., p. 37.

¹³⁸ Luís DE MIRANDA CORREIA, *Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores*, porto editora, Porto, 2013², p. 35.

¹³⁹ António ESTANQUEIRO, *Boas práticas na educação: o papel dos professores*, editorial presença, Lisboa, 2010, p. 21.

Na educação para a diferença é fundamental que o professor, logo desde o início do ano letivo, e depois de tentar conhecer cada um dos seus alunos, procure consciencializá-los de que cada um de nós é diferente do outro e portanto tem uma forma própria de aprender e as suas próprias características especiais. Deste modo levará os seus alunos a compreenderem que serão tratados de forma diferente de acordo com a especificidade de cada um, em ordem a um melhor sucesso de todos.

Os alunos, motivados desta forma, serão levados a compreender que uns são melhores numas matérias e outros noutras. Uns terão que ser mais acompanhados em alguns aspetos mais difíceis para eles e outros não terão tanto acompanhamento nesses aspetos, mas noutros. A professora Sandra Rief no seu livro *Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva*, refere que “os professores devem assumir o papel de investigador observando os seus alunos e descobrindo como estão a aprender e o que estão eles a aprender. Ser capaz de estabelecer o estilo de aprendizagem de um aluno particular e de proceder aos reajustamentos necessários, de forma a que todos os alunos possam aprender respeitando as suas características”¹⁴⁰.

Parece-nos que esta será a forma mais correta de atuação do professor, mas a realidade não é assim tão linear. Que fazer nos casos de incompreensão e rebeldia?

O professor haverá de ter uma forte personalidade e uma grande maturidade emocional para saber conter-se em casos de desafio. Se os alunos com bom comportamento devem ser bem conhecidos pelo professor, muito mais os alunos mal comportados e rebeldes. É preciso estudar em profundidade o que motiva o aluno a ter determinados comportamentos.

Depois deste estudo, e compreendendo melhor cada caso, uma das formas de atuação do professor parece-nos tentar valorizar o que há no aluno de positivo. Muitas vezes, um elogio dado na hora certa e com sinceridade pode captar a confiança. O professor António Estanqueiro refere na sua obra já citada anteriormente “a alma do elogio é a sinceridade. Os alunos, como todas as pessoas têm sede de aprovação e reconhecimento. Mas gostam de sentir que o elogio é sincero e honesto e não um simples rebuçado pedagógico, embrulhado em duvidosas intenções”¹⁴¹. As palavras de encorajamento do professor reforçam no aluno a sua auto estima e autoconfiança. O elogio surge como um estímulo e uma alavanca para ir mais longe e mais além.

¹⁴⁰ Sandra RIEF; Julie HEIMBURGE, *Como Ensinar todos os alunos...*, op. cit., p. 43.

¹⁴¹ António ESTANQUEIRO, *Boas práticas na educação...*, op. cit., p. 25.

É ainda muito importante dialogar com os seus pais, ou encarregados de educação. Por vezes nem com este diálogo se resolvem os problemas mas através dele o professor pode encontrar esclarecimentos que o levem a conhecer melhor o aluno. A este respeito a professora Sandra Rief na sua obra anteriormente citada refere “pais, professores, administradores e gestores e os próprios alunos devem funcionar como uma equipa, tendo como objetivo mútuo, o desenvolvimento integral e bem-sucedido do aluno”¹⁴².

A missão do professor é sempre muito difícil porque não é fácil lidar com seres humanos com características tão diversas. Porém quando o docente se entrega, de alma e coração à causa educativa, quanto mais desafiantes são os casos que encontra pela frente mais se sente realizado ao tentar superá-los. É fascinante quando se encontram soluções para problemas que quase pareciam insolúveis. É muito gratificante para o professor ver os resultados de alguns dos seus empenhamentos de forma favorável.

O educador desempenha um papel extremamente importante, pois passa pelas suas mãos, a formação e preparação para a vida, das futuras gerações. Esta não é tarefa fácil. Exige do professor que seja paciente mas determinado, que se dedique totalmente e que nunca desista dos seus alunos, mesmo quando parece que o seu esforço não é compensado. Educar não é apenas ensinar conhecimentos de vária ordem, mas sobretudo preparar para a vida, preparar para a aceitação das diferenças. Ele procurará sempre conseguir que os seus alunos sejam bem-sucedidos, quer a nível social, quer emocional ou académico, mas também e, sobretudo, que sejam pessoas realizadas e felizes. A este respeito o psicólogo Philip Hall na sua obra *Educar crianças com problemas de comportamento*, diz-nos “em termos gerais, os educadores têm de acreditar que a arte de ensinar é mais do que ensinar a ler, a escrever e ensinar matemática. A educação inclui também trabalhar as capacidades da criança para desenvolver e manter relações produtivas com os adultos, bem como para manter relações mutuamente benéficas com os pares”¹⁴³.

A boa relação professor-aluno é fundamental, para não dizer mesmo a chave da resolução de quase todos os problemas em termos educativos.

Educar para a paz é também educar para a diferença. A paz significa tolerância, compreensão, perdão e, neste âmbito, o respeito por todos e cada um, independentemente das suas capacidades intelectuais ou diferenças físicas ou psíquicas. Para isto é necessário que seja tida em conta a diversidade aliada à compreensão.

¹⁴² *Ibidem*, p. 41. No parágrafo seguinte, ainda na mesma página a professora continua, “os pais devem igualmente compreender a sua importância no processo desenvolvimental. Quando a escola e a família trabalham em parceria para atingir objetivos comuns, os alunos compreendem a importância da sua educação”.

¹⁴³ Philip HALL; Nancy HALL, *Educar crianças com problemas...*, op. cit., p. 158.

O professor deve diminuir cada vez mais o seu papel permitindo uma responsabilidade cada vez maior de cada aluno, embora esteja sempre atento ao seu procedimento. Distribuir tarefas e atribuir responsabilidades aos alunos, mesmo aos mais problemáticos, fá-los-á sentirem-se úteis e valorizados e assim melhorará o seu aproveitamento e comportamento. Os valores morais, quando implementados na turma, dão um contributo valioso para esta tomada de responsabilidade por parte dos alunos. A educação para a diferença comporta a aquisição dos valores morais que nos permitem respeitar as diferenças. O professor António Estanqueiro diz a este respeito, na sua obra já citada que “uma pessoa moralmente educada estabelece uma hierarquia de valores e recorre a critérios objetivos, para tomar as suas decisões, fazendo uso da liberdade responsável”¹⁴⁴.

A noção da verdade, a prática da justiça, os laços de amizade que se geram entre os alunos e o professor e de uns para com os outros, o respeito mútuo são mais-valias para a prática de uma educação inclusiva e o sentido da diferença. O professor deve ainda educar para o sentido do humor, para o sorriso e para atitudes positivas. Assim pode encontrar modos de transformar as dificuldades em oportunidades. Interagindo com os alunos com humor e de uma forma leve facilitará a integração de toda a turma. O sorriso e bom humor pode ajudar a resolver situações difíceis e comportamento menos corretos da parte dos alunos.

¹⁴⁴ António ESTANQUEIRO, *Boas práticas na educação...*, op. cit., p. 101.

CONCLUSÃO

A motivação deste tipo de trabalho deve-se à consciencialização da necessidade de uma escola para todos e à pertinência de uma educação para a diferença. Não foi um trabalho fácil, foi necessário pesquisar e procurar elementos em que apoiar o nosso estudo. No entanto, a vontade de contribuir, ainda que minimamente, para a reflexão sobre a importância da escola aberta à diferença, animou o esforço despendido.

Concluimos essencialmente que para existir uma escola inclusiva tem de haver uma educação na e para a diferença. A este respeito diz-nos José Afonso Baptista no seu livro *Introdução às ciências da educação*, que “o sucesso de todos não pode confundir-se com facilitismo e não significa que todos possam atingir os níveis mais elevados de educação e formação. A escola tem de aprender a educar cada um, naquilo de que cada um é capaz. O insucesso de muitas escolas hoje está em que só aprenderam a educar os mais dotados. Mas todos são educáveis e a escola inclusiva é a que sabe educar todos até ao limite das suas capacidades, sempre diferentes de aluno para aluno”¹⁴⁵.

Concluimos também que é necessário promover a igualdade de oportunidades para todos orientando para o sucesso educativo de todos os alunos, cada um segundo as suas capacidades. Percebemos ainda que a disciplina de EMRC, e mais propriamente o professor de EMRC, podem ter um papel muito importante, se não mesmo fundamental na implementação da escola inclusiva. Esta disciplina defende e transmite valores de justiça, solidariedade e paz que quando postos em prática poderão constituir uma grande mais valia na educação para a diferença.

Tivemos oportunidade de constatar isto mesmo na prática pedagógica em que os alunos foram motivados, através da unidade letiva lecionada, para a prática da paz e para a aceitação de todos e cada um no respeito pela dignidade da pessoa humana. Nesta prática letiva as estratégias usadas tinham como objetivo principal fazer com que os alunos percebessem os conteúdos de uma forma mais leve e dinâmica. É daqui, que do nosso ponto de vista, deve partir cada professor quando prepara uma aula. A aula não deve ser só e apenas expositiva mas também prática e enriquecida com várias estratégias dinâmicas e diversificadas. Ao longo do estágio os alunos viram as estratégias práticas como um desafio, um enigma a descobrir, o que para eles foi muito positivo, entusiasmante e

¹⁴⁵ José AFONSO BAPTISTA, *Introdução às Ciências da Educação: temas e problemas da educação inclusiva*, op. cit., p. 77.

facilitou a aprendizagem. Exemplo disso foram os testemunhos recolhidos na auto avaliação, dizendo que gostaram de todas as dinâmicas, e as respostas que davam acerca do que foi dado, no final de cada dinâmica. Foram usadas várias estratégias audiovisuais e manuais: a construção do Bolo Harmonia; a criação da letra para a música (Construir a Paz), que sintetizou todos os conteúdos dados, a construção do puzzle (Flor da Paz) e a construção da cruz em barro com a expressão 70x7.

Foi notória uma evolução gradual dos alunos na compreensão dos conteúdos apresentados sendo que, na última aula, foram capazes de relacionar expressões e dinâmicas com os temas estudados.

No entanto ao longo da lecionação foram sentidas algumas dificuldades, nomeadamente na preparação de estratégias criativas e entusiastas de modo a serem encaradas pelos alunos com interesse. A falta de reciprocidade de um dos alunos também se apresentou como aspeto constrangedor. Todavia procurou-se sempre integrar o aluno solicitando a participação e até entregando algum material e dando-lhe responsabilidades de modo a sentir-se integrado.

Os textos do magistério da igreja trabalhados também chamam à atenção para estas realidades, como constatamos particularmente na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e nas mensagens papais para o dia mundial da paz. A paz surge aqui como garante da inclusão e de uma educação que respeita a diferença de cada ser humano.

Constatamos também que ainda há um caminho longo a percorrer para a integração total dos excluídos. Isso mesmo nos diz o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, “estamos longe do chamado ‘fim da história’, já que as condições de um desenvolvimento sustentável e pacífico ainda não estão adequadamente implantadas e realizadas”¹⁴⁶.

Para futuros trabalhos sugerimos que se faça um estudo direcionado para a integração de cidadãos de etnia cigana na escola pública, uma vez que, constatamos um elevado número de crianças da referida etnia que frequentam a escola, sendo fundamental inseri-las sem descorar as especificidades da cultura e valores de onde provêm.

Neste contexto, a disciplina de EMRC tem um papel muito importante na integração. Apesar de ser uma disciplina facultativa, ela é uma mais valia num agrupamento de escolas, pois ela defende vários valores que devem ser tidos em conta num contexto escolar: a justiça, a verdade, o respeito pelos outros e o próprio direito à educação. Mas

¹⁴⁶ EG 59.

para a disciplina de EMRC seja uma mais valia na escola, é necessário que o professor seja professor no verdadeiro e total sentido da palavra. O professor deve ser: criativo, próximo de cada aluno procurando descobrir as dificuldades de cada um e agir em conformidade com elas; procurar a relação com o aluno não só dentro da sala de aula mas também fora da sala, de modo a que o professor seja para o aluno um exemplo de entrega, de dedicação e preocupação com os seus alunos. O docente deve procurar ir ao encontro de cada aluno. É neste sentido que o professor de EMRC deve seguir.

A colaboração de todos os intervenientes educativos (pais, encarregados de educação, professores e auxiliares) é não só premente mas indispensável para se conseguir sucesso nesta área.

Em suma, este trabalho, no sentido de uma escola inclusiva, não acaba aqui mas deve evoluir em cada escola ao longo do tempo, sendo que não se pode dar como terminada esta evolução do sistema educacional.

BIBLIOGRAFIA

Fonte Bíblica

- BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Fátima, 2009⁵.

Fontes do Magistério da Igreja:

- BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, Paulinas editora, Prior Velho, 2009².
- BENTO XVI, *Exortação Apostólica Verbum Domini*, Paulus editora, Lisboa, 2010.
- BENTO XVI, Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVI dia mundial da Paz, *Bem-aventurados os obreiros da Paz*, Vaticano, 1 de Janeiro de 2013.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, gráfica de Coimbra, 1997².
- CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (Ad Gentes Divinitus)*, Editorial A. O., Braga, 1983.
- CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre o apostolado dos leigos (Apostolicam Actuositatem)*, editorial A. O., Braga, 1983.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a educação cristã (Gravissimum Educationis)*, Editorial A. O., Braga, 1983.
- CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral, a igreja no mundo atual (Gaudium et Spes)*, editorial A. O., Braga, 1983.
- PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, edições paulinas, Prior Velho, 2013.
- PAPA FRANCISCO, Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVII dia mundial da Paz, *Fraternidade, fundamento e caminho para a Paz*, Vaticano, 1 de Janeiro de 2014.
- PAPA FRANCISCO, Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVIII dia mundial da Paz, *Já não escravos, mas irmãos*, Vaticano, 1 de Janeiro de 2015.
- PAPA JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Veritatis Splendor*, editorial apostolado de oração, Braga, 1993.

Bibliografia Geral:

- AZEVEDO, Joaquim, *Reflexões sobre Política Educativa*, edições ASA, Porto 1994¹.
- BAPTISTA, José, *Introdução às ciências da educação: temas e problemas da educação inclusiva*, universidade católica editora, Lisboa, 2011.
- BOTTON, Alain de, *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre as utilizações da religião*, edições D. Quixote, Alfragide, 2012, p. 23.
- CARDOSO, José Rio, *O professor do Futuro*, Guerra&Paz Editores S.A., Lisboa, 2013.
- CARVALHO, Olívia; PEIXOTO, Luís, *A escola Inclusiva: da utopia à realidade*, edições APPACDM Distrital de Braga, Braga, 2000.
- COLÓQUIO INTERNACIONAL, *Educação para a Não Violência*, edição fundação Pro Dignitate, Lisboa, 1996.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, *Uma educação inclusiva a partir da escola que temos*, edição do conselho nacional da educação, Lisboa 1999.
- CORREIA, Luís, *Educação Especial e inclusão*, porto editora, Porto, 2010.
- CORREIA, Luís de Miranda, *Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores*, porto editora, Porto, 2013².
- CURY, Augusto, *Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes*, editora pergaminho Lda, Cascais, 2006.
- DONDEYNE; FRIES; GRUMELI; KOENIG; MARLÉ; MARTY; MIANO; RAHNER, Karl, *Ateísmo e Secularização*, edições Paulinas, São Paulo, 1970.
- ESTANQUEIRO, António, *Boas práticas na educação: o papel dos professores*, editorial presença, Lisboa, 2010.
- FERREIRA, Manuela Sanches, *Educação regular, educação especial: uma história de separação*, edições afrontamento, Porto, 2007.
- HALL, Philip; HALL, Nancy, *Educar crianças com problemas de comportamento*, Porto Editora, Porto, 2008.
- LOPES, José; SILVA, Helena, *O professor faz a diferença*, lidel-edições técnicas lda, Lisboa, 2011.
- MACHADO, Joaquim, *Pais que educam professores que amam*, edições marcador, Lisboa 2011.
- MANUAL DO 7ºANO *Desafios*, edição do secretariado nacional da educação cristã, Lisboa, 2009.

- MANUAL DO ALUNO 9ºANO *Horizontes de Esperança*, edição do secretariado nacional da educação cristã, Lisboa 2010.
- MARQUES, Ramiro, *Professores, Famílias e projecto educativo*, edições asa, Porto, 1997.
- MESQUITA, Elza, *Competências do professor: representações sobre a formação e a profissão*, edições silabo, Lisboa, 2011.
- PIRES, Eurico; FERNANDES, Sousa; FORMOSINHO, João, *A Construção Social da Educação Escolar*, edições ASA, Rio Tinto, 1991¹.
- RIEF, Sandra; HEIMBURGE, Julie, *Como Ensinar Todos os Alunos na Sala de Aula Inclusiva*, edições porto editora, Porto, 2000.
- RODRIGUES, David, *Educação e Diferença*, porto editora, Porto, 2001.
- SAMPAIO, Daniel, *Da Família, Da Escola, e umas quantas coisas mais*, editorial caminho, Alfragide, 2011.
- SAMPAIO, Daniel, *Vivemos livres numa prisão*, editorial caminho, Lisboa, 1998.
- SAMPAIO, Daniel, *Voltei à escola*, editorial caminho, Lisboa, 1996.
- SEQUEIRA, Maria, *A lei do inconsciente*, companhia editora do Minho, S.A., Barcelos, 1992.
- SERRALHEIRO, Deolinda, *O Acto Educativo Religioso e Moral*, edição do secretariado nacional da educação cristã, Lisboa.
- SIM-SIM, Inês, (coordenação e introdução), *Necessidades Educativas Especiais: dificuldades da criança ou da escola?*, Texto Editores, Alfragide, 2005.
- TILSTONE, Christina; FLORIAN, Lani; ROSE, Richard, *Promover a educação inclusiva*, Stória Editores, Lda, Lisboa, 2003.

ANEXOS



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Viseu Sul
Escola Básica de Silgueiros
Ano letivo 2014/2015



Planificação de Unidade Letiva

Unidade Letiva 4: A Paz Universal

Ano: 7º Turma: G

Tempo previsto: 5 aulas de 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conceitos Organizadores
<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p>	<ol style="list-style-type: none">1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.2. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.4. Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.5. Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.	<ul style="list-style-type: none">• A paz – o grande sonho da humanidade• Situações de falência de paz• Promoção e defesa da paz• Mensagem bíblica sobre a paz. O perdão e a reconciliação.• Responsabilidade de cada um na construção da paz

Conteúdos Cognitivos (Saber/ Saber)	Conteúdos Procedimentais (Saber/ Ser)	Conteúdos Atitudinais (Saber/ Estar)
<p>O que significa o conceito “Paz” e o que se quer dizer quando se fala em “paz universal”.</p>	<p>Questionar sobre o conceito de paz.</p> <p>Como encontrar soluções para resolver problemas de violência como o terrorismo e as guerras.</p> <p>O egoísmo como principal causa da ausência de paz.</p> <p>Os contributos da paz para uma vivência em espírito de comunidade.</p>	<p>Valorização e aceitação do outro</p> <p>A paz como caminho para uma melhor vivência em relação consigo próprio, com os outros e com o mundo.</p>
Metodologias Privilegiadas	Estratégias/ Atividades	Avaliação Formativa
<ul style="list-style-type: none"> • Análise • Diálogo • Exposição • Debate • Pesquisa • Interpretação • Reflexão • Registos 	<ul style="list-style-type: none"> • Videos sobre dois grandes homens promotores da paz: Nelson Mandela e Mahatma Gandhi • “Flor da paz” • Bolo harmonia com os valores/ingredientes importantes na defesa da paz. • Caixa da paz com os símbolos da paz. • Livro do aluno. • Fichas de leitura • Powerpoint sobre situações de ausência de Paz 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho de reflexão • Ficha de avaliação sumativa



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Viseu Sul
Escola Básica de Silgueiros
Ano letivo 2014/2015



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 4 – paz universal

Aula n.º 1/5

Ano: 7º | Turma: G

Data: 19/02/2015

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário Aula do ano letivo nº18 SUMÁRIO: À descoberta do significado da paz.			Escrever o sumário. Verificar se todos os alunos estão presentes e têm o material necessário para a aula.	Quadro Caneta e caderno diário	.5 minutos	Registo no caderno diário
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Perceber o significado da paz e o seu valor fundamental no seio da vida humana.	Saber como gerar clima de paz ao longo do nosso percurso de vida. Reconhecer os conceitos que remetem para a vivência da paz	Será feita uma introdução ao tema e pequena explicação da forma como irá decorrer a unidade letiva. O professor fará um diálogo com os alunos questionando-os sobre a definição que cada um tem da palavra paz. A palavra paz remete para um clima de tranquilidade, de calma, uma ausência de ira e de conflito. “ Flor da paz ”: Seguidamente colocará no quadro um círculo com a palavra paz que é o centro da flor e convidará os alunos a escolherem as palavras relacionadas com este tema que se encontram dentro de um envelope, entre	Quadro Anexo 1: Peças para construir a “Flor da Paz”: pétalas à volta da palavra paz, que esta no círculo central	2 minutos 5 minutos 10 minutos	Participação organizada; Respeito pelos outros;

Anexo b)

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	2.Saber reconhecer os construtores da paz.	<p>Saber que para que haja paz é necessário respeitar as diferenças e saber viver na diferença.</p> <p>Identificar as pessoas portadoras de paz.</p> <p>Saber viver e conviver na diferença.</p>	<p>os quais estão conceitos que nada têm a ver com a palavra paz: “o preconceito” e o “conflito”. O aluno terá de ser capaz de identificar os conceitos que têm a ver com paz: “diálogo”, “humildade”, “respeito”, “amor”, “tolerância”, “justiça”, “concórdia”, “direitos humanos”, “valores” e “solidariedade”. Estes conceitos estão dentro das pétalas que irão formar a “Flor da paz”.</p> <p>Depois de completo o puzzle (flor da paz), o professor explicará aos alunos o porquê de ser a “flor da paz” questionando os alunos sobre que relação há entre a flor e a paz. De seguida explicará a relação da “flor da Paz” com a pureza, dizendo que só podemos ser pessoas de paz se formos puros, fazendo ainda referências a duas bem-aventuranças: “felizes os puros de coração porque verão a Deus” e “felizes os promotores da paz porque serão chamados filhos de Deus”.</p> <p>Para que esta “Flor da Paz” se construa na realidade é necessário que haja promotores da paz. Um dos exemplos é Nelson Mandela. O professor explicará aos alunos em síntese o contributo desta pessoa para a promoção da paz e dirá um pouco da sua história. De seguida apresentará:</p> <p>Filme sobre Nelson Mandela</p>	<p>Computador e vídeo projector</p> <p>Anexo 2: Pequeno excerto do filme “Mandela: um longo</p>		<p>Apontamentos no caderno diário;</p> <p>Capacidade de concentração e atenção.</p>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>Uma grande figura na promoção da paz na África do Sul. No fim, os alunos comentarão a mensagem que tiraram do filme apresentado.</p> <p>Ficha de observação do excerto do filme do Nelson Mandela com ajuda do professor.</p> <p>Diferença racial: O professor pedirá a um dos alunos para lerem o texto "Preconceito racial" da autora Ataíde Lemo, referente ao problema do racismo e preconceito que causam ausência de paz.</p> <p>Os alunos levam para casa a missão de trazerem na próxima aula um objeto que para eles simbolize a paz.</p> <p>Conclusão: importa saber qual o verdadeiro significado da palavra paz, a necessidade de a vivermos no dia-a-dia e saber identificar os promotores da paz.</p>	<p>caminho para a liberdade".</p> <p>Anexo 3: ficha de leitura sobre o filme.</p> <p>Anexo 4: Texto: "O preconceito racial".</p>	<p>5 minutos</p> <p>10 minutos</p> <p>5 minutos</p> <p>3 minutos</p>	



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Viseu Sul
Escola Básica de Silgueiros
Ano letivo 2014/2015



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 4 – paz universal

Aula n.º 2/5

Ano: 7º | Turma: G

Data: 26/02/2015

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário Aula do ano letivo nº19 SUMÁRIO: Os símbolos que identificam a Paz. Situações de ausência de paz.			Os alunos escrevem o sumário	Quadro, caneta e Caderno diário	.2 minutos	Registo no caderno diário
Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	3. Saber identificar os símbolos da paz.	Explicação dos símbolos da paz, retenção por parte dos alunos do significado de cada símbolo.	O professor entrega aos alunos as fichas de leitura acerca do filme “Mandela: um longo caminho para a liberdade”. De seguida dialoga com os alunos sobre o que retiveram da aula anterior. Objetos sobre a paz. O professor pede aos alunos para apresentarem e explicarem à turma o objeto que cada um trouxe de casa que identifique a paz. Depois de cada aluno explicar o significado	Anexo 3: ficha de leitura sobre o filme.	3 minutos 5 minutos	Trabalho de casa.

Anexo c)

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>do seu objeto e de especificar porque razão identificou aquele objeto com a paz, o professor apresentará em powerpoint as imagens dos símbolos da paz: a pomba branca com um ramo de oliveira; o arco-íris; a bandeira branca; a Lira; o cachimbo da paz; os anéis olímpicos; a vela e o símbolo do desarmamento nuclear.</p> <p>A cada símbolo está associado um significado que será explicado pelo professor depois de interpelar os alunos sobre o significado que eles dão a cada símbolo apresentado.</p>	<p>Computador Vídeo projetor</p> <p>Anexo 5: Powerpoint com imagens dos símbolos da paz.</p>	<p>10 minutos</p>	<p>Participação organizada;</p> <p>Registos no caderno diário;</p>
	<p>4. interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.</p>	<p>A violência doméstica como um dos principais atentados à paz.</p>	<p>Situações de falência de Paz. O professor pergunta aos alunos quais as situações de falência de paz que eles conhecem e ao mesmo tempo vai escrevendo no quadro o que os alunos forem dizendo. Apresentará depois aos alunos um powerpoint que mostra as “Formas de Violência” pegando numa das mais atuais: a violência doméstica. Aqui apresentará duas notícias sobre casos de <i>violência doméstica</i>: “Espancou a mulher e ia fugir para o Brasil com a filha de 4 anos” e “Acusado de duplo homicídio de ex-companheira e enteado”. Aproveita ainda para referir a violência em contexto escolar: o <i>bullying</i>.</p> <p>Ainda neste powerpoint apresentará</p>	<p>Computador Vídeo projetor</p> <p>Anexo 6: Powerpoint sobre as “Situações de falência de Paz”.</p>	<p>18 minutos</p>	

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	5. saber reconhecer as causas e consequências das situações de falência de paz.	<p>O significado do genocídio e em que contexto foi praticado.</p> <p>O terrorismo: significado e em que contexto foi praticado tendo em conta o caso apresentado.</p> <p>A guerra: as suas causas e consequências.</p> <p>O significado de egoísmo e as causas que advêm dele.</p>	<p>imagens de um <i>genocídio</i> e explicará aos alunos em que contexto se praticava e o que é o genocídio. Daqui passará para o <i>terrorismo</i> e para a guerra. Apresentará a notícia do atentado ao jornal “Charlie Hebdo”, explicando este ataque terrorista. Explicará ainda as causas e consequências das <i>guerras</i>.</p> <p>Por fim ao falar nas causas e consequências das guerras remeterá para a palavra geradora dos atentados à paz: o egoísmo. Definirá o que é egoísmo mostrando ainda as consequências dele: violência, ganância, terrorismo, conflitos, genocídios, indiferença, insegurança, agressividade, injustiça e desejo de poder.</p> <p>“Caixa da Paz.” Depois de o professor apresentar os símbolos da paz, cada aluno irá retirar da “caixa da paz” um cartão com um dos símbolos da paz que o irá acompanhar até à penúltima aula desta unidade letiva. Por trás de cada cartão tem escrito “frases chave” e depois faz referência à segunda, terceira e quarta aulas em que ao fim de cada uma destas aulas o aluno escreverá a frase que para ele foi a “frase chave” daquela aula.</p>	<p>Anexo 7: Caixa da paz com os símbolos da paz.</p> <p>Anexo 8: Cartões com os símbolos da paz.</p>	5 minutos	Saber interpretar as imagens.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>Frase-chave. O aluno escreve no cartão que lhe for entregue com o símbolo da paz, uma palavra ou uma frase chave que tenha retido do tema da aula.</p> <p>Conclusão: Importa que os alunos percebam as principais situações de falência de paz e saibam identificar os símbolos da paz, usando-os no dia-a-dia para evitarem situações de conflito.</p>		2 minutos	Capacidade de síntese.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA
 FACULDADE DE TEOLOGIA
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Mestrado em Ciências Religiosas
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Viseu Sul
Escola Básica de Silgueiros
 Ano letivo 2014/2015



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 4 – paz universal

Aula n.º 3/5

Ano: 7º | Turma: G

Data: 5/03/2015

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário Aula do ano letivo nº20 SUMÁRIO: Os direitos humanos, particularmente o direito à paz e o direito à vida. Promotores da paz: Mahatma Gandhi e Malala Yousafzai.			Os alunos escrevem o sumário no caderno diário	Quadro, caderno diário e caneta.	.3 minutos	
	3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	O direito à vida. Direito primordial para a construção dos direitos humanos.	Direitos humanos. Para iniciar a aula o professor faz uma breve síntese da aula anterior, em diálogo com os alunos, referindo a grande causa de ausência de paz da aula anterior: <i>o egoísmo</i> . Em seguida fala aos alunos da “flor da paz” da primeira aula e pergunta: Qual seria o valor /direito que colocariam como raiz e sustento da nossa flor? Assim o professor explica que o valor da vida é o valor primordial que devemos defender para que possam existir todos os outros valores e direitos humanos entre os quais a Paz que	Quadro e caneta Caderno do aluno;	5 minutos	Participação organizada;

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no	<p>O direito à paz. A defesa da paz ao longo da história.</p> <p>A resistência não violenta e o pacifismo: Mahatma Gandhi;</p>	<p>devemos construir e defender.</p> <p>Seguidamente o professor explica que o homem através dos tempos sempre lutou pela defesa da vida através da construção da paz entre os homens, evitando assim as consequências das guerras e todas as formas de violência e de atentados contra a vida. Para consolidar esta ideia o Professor recorre a um recurso do manual interativo, o audiovisual sobre a promoção e defesa da paz – construção da paz ao longo da história, desde o código hamurabi até à declaração universal dos direitos do homem.</p> <p>Promotores da paz. No seguimento da ideia de paz, o professor fala de dois promotores da paz, Mahatma Gandhi e Malala Yousafzai e explica aos alunos que estes foram galardoados com prémios Nobel. Pergunta a um aluno: o que é o prémio Nobel? Depois completa dizendo que o prémio Nobel legado por Alfredo Nobel, segundo ele deve ser atribuído à pessoa que tiver feito a melhor ou maior ação pela fraternidade das nações, pela redução dos esforços de guerra e pela promoção de tratados de paz. Estes dois promotores da paz</p>	Anexo 9: Manual interativo – 7ºano	<p>8 minutos</p> <p>2 minutos</p>	<p>Respeito pelos outros;</p> <p>Registos no caderno diário;</p> <p>Interesse pelos temas tratados</p>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	reconhecimento da dignidade da pessoa.	Na defesa da Paz e do direito à educação feminina: Malala	<p>fizeram de tudo para defender a dignidade humana. E que é isto de dignidade humana? Pergunta o professor a um aluno completando a sua resposta dizendo que respeitar a dignidade humana é respeitar os direitos de cada um. Apresenta ainda excertos de dois filmes relativos a estes dois promotores da paz.</p> <p>Mahatma Gandhi lutou pela liberdade e defesa dos direitos humanos, em particular dos indianos que eram oprimidos pelos ingleses. Mas esta luta foi pacífica chegando ao ponto de ele próprio fazer jejum contra a violência.</p> <p>Malala Yousafzai foi e é uma grande promotora da paz particularmente pela defesa do direito da mulher à educação na cultura paquistanesa onde os Talibãs não deixam que as mulheres tenham acesso à educação.</p> <p>“Bolo da Harmonia Inspirados no exemplo dos dois promotores da paz apresentados, o professor desafia os alunos a confeccionarem um bolo, o “Bolo Harmonia”. Começa por perguntar que ingredientes os alunos usariam para fazer um bolo normal. Depois apresenta o “bolo harmonia” e faz uma pequena introdução dizendo que para os homens viverem com igual dignidade de direitos, terá que viver em paz, em harmonia. E porquê “Bolo Harmonia”?</p>	<p>Anexo 10: Video sobre Mahatma Gandhi.</p> <p>Anexo 11: Video sobre Malala Yousafzai.</p> <p>Anexo 12: “Bolo Harmonia”</p> <p>Anexo 13: Cartões com os ingredientes</p>	<p>6 minutos</p> <p>4 minutos</p> <p>12 minutos</p>	<p>Empenho nas atividades desenvolvidas</p>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>Porque pela harmonia dos valores/ingredientes que fazem parte do bolo há o respeito pela dignidade humana. Seguidamente, pergunta que valores/ingredientes devem fazer parte da receita deste bolo. Ao longo do diálogo conforme o aluno acertar no ingrediente/valor ser-lhe-á entregue o cartão com esse valor, já previamente feito. Os vários valores/ingredientes escritos nos cartões são: confiança, respeito, paciência, responsabilidade, esperança, amor, otimismo, liberdade, sorriso, amabilidade, ajuda, compreensão, tolerância. No diálogo podem ainda surgir outros valores/ingredientes que estejam relacionados com a temática. Depois o bolo circula pelos alunos para dentro dele colocarem os ingredientes/valores que estão nos cartões. Para concretizarem estes valores/ingredientes nas suas vidas o professor pergunta a um aluno :como podem viver estes valores/ingredientes na escola, que ações podem pôr em prática para que estes se concretizem? (por exemplo como concretizar a responsabilidade, a ajuda e o respeito na escola).</p> <p>De seguida leva os alunos a pensar que no ambiente escolar é necessário que em primeiro lugar haja respeito. Para que o homem possa viver com igual dignidade tem que haver harmonia/paz entre todos.</p> <p>“Caixa da Paz” Dentro da caixa estão os cartões com os</p>	<p>Anexo 7: Caixa da paz com os símbolos da paz.</p> <p>Anexo 8: Cartões com os símbolos da paz.</p>	5 minutos	Capacidade de síntese.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>símbolos da paz. O aluno escreve no seu cartão com o símbolo da paz, uma palavra ou uma frase chave que tenha retido do tema da aula.</p> <p>Conclusão: Os alunos devem compreender a importância dos direitos humanos e do colocar-se no lugar do outro. Entender que o outro tem a mesma dignidade que nós. Ao mesmo tempo devem saber identificar os promotores da paz e serem seus imitadores, adaptando a sua conduta ao contexto do tempo atual.</p>			



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de escolas Viseu Sul
EB 2, 3 D. Luís Loureiro
Ano Letivo 2014/2015



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 4 – paz universal

Aula n.º 4/5

Ano: 7º | Turma: G

Data: 12/03/2015

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário Aula do ano letivo nº21 SUMÁRIO: A paz vivida no respeito pela dignidade humana: perdão e reconciliação.			Os alunos escrevem o sumário no caderno diário.	Caderno diário, caneta e quadro	.3 minutos	Anotação no caderno diário
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	Dignidade humana	O professor faz uma síntese da aula anterior pegando no “Bolo da Harmonia” dizendo que os valores/ingredientes que foram colocados no bolo são os valores que devemos defender em respeito à dignidade humana de cada um. O professor pergunta: o que entenderam por dignidade humana? O facto de cada um colocar o seu valor no bolo significa que cada um deu o seu contributo na construção da harmonia/paz e na defesa desses mesmos valores, para que a dignidade do ser humano seja respeitada e assim o deve fazer ao longo da vida.	Quadro Caneta Anexo 12:	3 minutos	Participação organizada; Respeito pelos outros;

Anexo e)

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	<p>5. Identificar o perdão como elemento necessário para a paz.</p>	<p>Diálogo e o perdão na vivência da paz e de um espírito de grupo em harmonia.</p>	<p>“Bolo Harmonia”</p> <p>Para além dos valores/ingredientes que já fazem parte do bolo há outros ingredientes que se podem acrescentar. Ainda se lembram dos ingredientes que colocaram na aula anterior? O professor pergunta que mais ingredientes podeis colocar no bolo? Depois entrega a cada aluno, que acrescentar um ingrediente, um cartão em branco para escreve-lo e colocá-lo no bolo. Pergunta agora: estes ingredientes são em ordem a defender algo importante, ainda se lembram o quê?</p> <p>Depois relembrando novamente a ideia de dignidade humana, leva os alunos a refletir mais um pouco sobre ela. Se o respeito pela dignidade humana é importante, é necessário que no bolo ela esteja em que lugar? Pois claro, no topo do bolo, pois todos os esforços são para que a dignidade humana seja respeitada, um direito inerente a todas as pessoas. Então, o professor pede a um aluno que coloque a caixa da dignidade no topo do bolo.</p> <p>Como já foi dito para que a dignidade humana seja respeitada é preciso que haja paz/harmonia. Mas para haver esta paz/harmonia é necessário que haja o perdão. O professor pergunta a um aluno: o que é o perdão? (o professor vai completando as respostas). Em que lugar do bolo deve estar o perdão pergunta o professor? (orienta os alunos para a resposta: no fundo do bolo – fermento) Então o perdão constitui o fermento deste “bolo harmonia”. O professor pede a um aluno que coloque o cartão do perdão no fundo do bolo. A maior parte das vezes o perdão não</p>	<p>“Bolo Harmonia”</p> <p>Anexo 14: Cartões em branco.</p> <p>Anexo 15: Caixa da dignidade humana</p> <p>Anexo 16: cartão com o perdão</p>	<p>10 minutos</p>	<p>Registos no caderno diário;</p>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	6. Saber usar a mensagem bíblica como testemunho para a vivência do perdão.	<p>Reconciliação como consequência do perdão.</p> <p>Relação da história do “carpinteiro” com a reconciliação.</p>	<p>precisa de ser em grandes quantidades, mas se for sincero é o garante da paz e da harmonia.</p> <p>O perdão Para vivermos em harmonia e em paz, em espírito de grupo é necessário que se saiba perdoar. Que consequências gera o perdão? O diálogo, a harmonia. Ainda em diálogo com os alunos: será que sabemos perdoar e dar uma segunda oportunidade? Pergunta ainda a um dos alunos um exemplo de ter perdoado alguém. Jesus ensina-nos a perdoar 70x7. O que quer isto dizer? Várias vezes sem fim, sempre. O professor pede a um aluno que leia o texto da Bíblia em que Jesus diz a Pedro que deve perdoar 70x7, Mt 18, 15-16; 21-22. De seguida o professor apresenta um vídeo sobre a parábola do devedor implacável. Em síntese para sermos perdoados devemos, antes de mais, saber perdoar, pois todos somos humanos e falhamos.</p> <p>Reconciliação Para que haja perdão é necessário arrependimento. O professor pergunta o que é a reconciliação? Em diálogo com os alunos o professor vai completando as suas respostas dizendo que a reconciliação é uma consequência do perdão. Em que lugar deve estar no bolo a reconciliação/arrependimento? Aqui o professor pede</p>	<p>Anexo 17: Bíblia Sagrada, Mt 18, 15-16 e 21-22.</p> <p>Anexo 18: Video da parábola do devedor implacável</p> <p>Anexo 19: Cartão com a reconciliação.</p> <p>Anexo 20:</p>	<p>7 minutos</p> <p>6 minutos</p> <p>8 minutos</p>	<p>Capacidade de síntese.</p>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>a um aluno que coloque o cartão com a palavra reconciliação no fundo do bolo.</p> <p>Para exemplificar melhor o que é a reconciliação o professor distribui pelos alunos um texto: “O Carpinteiro”, da página 222 do Manual do aluno “Desafios”. De seguida pede a um aluno que o leia.</p> <p>Por fim faz-se uma breve síntese e comentário ao texto lido em diálogo com os alunos.</p> <p>“Caixa da Paz”</p> <p>Dentro da caixa estão os cartões com os símbolos da paz. O aluno escreve no seu cartão com o símbolo da paz, uma palavra ou uma frase chave que tenha retido do tema da aula. O professor de seguida vai pedindo a cada um que partilhe a frase que escreveu.</p> <p>Conclusão:</p> <p>Em síntese importa que os alunos percebam a razão pela qual a dignidade está no topo do “bolo da harmonia”. Perceberam o verdadeiro significado do perdão e de dar uma nova oportunidade a quem por vezes nos ofende. Saberem também o que é a reconciliação e nela a importância de reconhecer os nossos pecados.</p>	<p>Texto “O Carpinteiro”</p> <p>Anexo 7: Caixa da paz com os símbolos da paz.</p> <p>Anexo 8: Cartões com os símbolos da paz.</p>	8 minutos	

Anexo f)



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Viseu Sul
EB 2,3 D. Luís de Loureiro
Ano letivo 2014/2015



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 4 – paz universal

Aula n.º 5/5

Ano: 7º| Turma: G

Data: 16/04/2015

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário Aula do ano letivo nº23 SUMÁRIO: A vivência da paz como caminho para a ressurreição			Os alunos escrevem o sumário no caderno diário.	Caderno diário, caneta e quadro	.3 minutos	Anotação no caderno diário
	5. Identificar o perdão como elemento necessário para a paz.		O professor faz uma síntese da aula anterior pegando na ideia do perdão para chegar à paz. Assim chega à história da última aula “o carpinteiro” e juntamente com os alunos recorda lição fundamental da história: devemos criar pontes em vez de muros. Seguidamente recorda algumas frases que os alunos escreveram nos cartões dos símbolos da paz acerca do perdão: <i>“devemos sempre perdoar a todos mesmo que sejam nossos inimigos”</i> ; <i>“A paz é o perdão e o perdão faz parte da paz”</i> ; <i>“O diálogo leva-nos ao perdão e à reconciliação”</i> .		3 minutos	Participação organizada; Respeito pelos outros;

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	Reconhecer os conceitos que remetem para a vivência da paz	Pegando na ideia do diálogo que leva ao perdão e à reconciliação o professor recorda que desde a primeira aula se tem vindo a falar no diálogo como valor que conduz à paz. Pergunta o professor: lembram-se onde aparecia a palavra diálogo na primeira aula? Acompanhando a resposta mostra ao mesmo tempo uma imagem do puzzle da “ flor da paz ”. Depois entrega aos alunos uma mola com a flor da paz e o símbolo do desarmamento nuclear. Faz referência ao diálogo que está numa das pétalas. Relembra também conjuntamente com os alunos, todos os valores que devemos ter em conta na construção da paz, que estão presentes na flor.	Anexo 21: Imagem da “Flor da paz”.	4 minutos	Interesse pelos temas tratados
		Diálogo e o perdão na vivência da paz e de um espírito de grupo em harmonia.	Se estes valores forem tidos em conta pode-se viver em paz e harmonia. Pergunta aos alunos? Que construção fizemos aqui nas aulas que vos faz lembrar a palavra harmonia? Conduz o diálogo até ao “ bolo harmonia ” lembrando os ingredientes que la foram colocados. Depois pergunta quais os mais importantes que ficaram no fundo do bolo? Orienta o diálogo para o perdão e reconciliação. Qual o mais importante que ficou no topo do bolo? Orienta o diálogo para a dignidade humana.	Anexo 12: “Bolo Harmonia” Anexo13: Cartões com os ingredientes	4 minutos	
		A proposta de Jesus	Neste clima de paz e harmonia são necessários símbolos identificativos desta mesma paz. O professor pergunta: quais foram os símbolos da paz que falamos? Ao mesmo tempo que forem dizendo o professor apresenta a “ caixa da paz ” e vai mostrando as imagens dos símbolos da paz que estão nos cartões.	Anexo 7: Caixa da paz com os símbolos da paz. Anexo 8: Cartões com os	3 minutos	

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p>	<p>bíblicos.</p> <p>6. Saber usar a mensagem bíblica como testemunho para a vivência do perdão.</p> <p>8. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>para a construção da paz: amor aos inimigos Mt 5, 43-48.</p> <p>Regra de ouro, transversal aos vários credos: <i>“Não faças aos outros aquilo que não queres que tem façam a ti”</i>(Judaísmo: Rabi Hillel) <i>“O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também”</i> (Cristianismo, Lc 6, 31.)</p>	<p>Depois diz que para além desses houve uma aluna (M) que apresentou um símbolo diferente: a flor branca, um símbolo singelo e puro que demonstra bem como deve ser o coração dos seres humanos que sentem e promovem a paz.</p> <p>Para sermos transmissores da paz temos que ser promotores desta mesma paz que nos é apresentada na sagrada escritura. Aqui o professor pede a alguns alunos que leiam o texto da sagrada escritura, Mt 5, 43-48. Mas esta paz só se consegue com o amor. É este amor que nos refere o texto que foi lido. Depois explica o texto referindo a dificuldade de amar os inimigos, que para sabermos amar é preciso primeiro que tudo limpar o nosso coração de ódio e ressentimento e assim podermos perdoar. Jesus também perdoou aos inimigos no alto da cruz “Senhor perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”. Na cruz Jesus morreu em perdão dos nossos pecados. O professor pergunta: o que construímos na última aula do 2º Período que está relacionado com tudo isto? O que lá escrevemos? E o que significa? O professor apresenta uma imagem de uma das cruzes construídas. Assim explica o facto de Jesus dizer que devemos perdoar sempre. Assim, ressuscitou para nos dizer, que também nós podemos ressuscitar, ter uma vida nova se soubermos perdoar e amar os nossos inimigos e se confiarmos em Deus e na Sua Palavra. A ressurreição é o núcleo central do cristianismo. Portanto quando nós perdoamos que recompensa temos? O professor</p>	<p>símbolos da paz.</p> <p>Anexo 22: Texto bíblico Mt 5, 43-48.</p> <p>Anexo 23: Imagem da cruz em barro.</p>	<p>10 minutos</p>	<p>Conhecimentos adquiridos</p> <p>Avaliação sumativa</p>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>conduz a resposta no sentido de chegar à ideia de que ao perdoarmos sentimo-nos aliviados, alegres, uma alegria que ninguém nos pode tirar. O perdão eleva a pessoa humana porque dignifica quem perdoa e devolve a dignidade ao arrependido, existe aqui uma dupla alegria de ressurreição, uma dupla vida nova: de quem perdoa e de quem é perdoado... por isso a dignidade aparece no topo do bolo e passamos a amar e começamos assim uma vida nova, seguindo alguns lemas defendidos pelas diferentes religiões: “<i>Não façam aos outros aquilo que não queres que tem façam a ti</i>”; “<i>O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também</i>”.</p> <p>O professor entrega aos alunos uma ficha de avaliação sumativa sobre a unidade letiva: Paz Universal. Depois de realizada a ficha o professor entrega a correção.</p> <p>Música: Construir a Paz Para concluir e consolidar a matéria lecionada, o professor explica aos alunos que a letra da música que vão ouvir e aprender, é resultado de uma síntese das frases que foram escrevendo ao longo das aulas na parte de trás dos cartões com os símbolos da paz. Será entregue aos alunos um marcador de livro com a letra da música. O professor ensina aos alunos a música que fez e cantam juntamente.</p> <p>A auto avaliação será feita na última aula do terceiro período.</p>	<p>Anexo 24: ficha de avaliação</p> <p>Anexo 25: Letra da música “Construir a Paz”</p> <p>Anexo 26: Guitarra</p>	<p>10 minutos</p> <p>8 minutos</p>	

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
			<p>Conclusão: Fazer com que os alunos percebam o sentido de que ao perdoarmos alcançamos uma vida nova, alcançamos a ressurreição. Saber que para vivermos em harmonia e paz temos que recorrer principalmente ao diálogo, à reconciliação, ao perdão e ao respeito pela dignidade humana. Ao construirmos a Paz fazemos acontecer a ressurreição.</p>			

Flor da Paz



Vídeo sobre excertos do filme “Mandela um longo caminho para a liberdade”



EB 2, 3 D. Luis Loureiro
EMRC



Ficha de Leitura
(Filme “Mandela: longo caminho para a liberdade”)

1. Para que situação Nelson Mandela alertou a sua mulher?

2. Nelson Mandela chamou a atenção dos seus netos: (assinala com X as respostas corretas)

___ para não gozarem com os guardas brancos só por causa da cor pele.

___ para não fazerem asneiras enquanto brincavam

___ para uma situação de preconceito

3. Completa a frase dita por Nelson Mandela:

Pois o amor vem de uma forma

natural_____

Texto Preconceito Racial

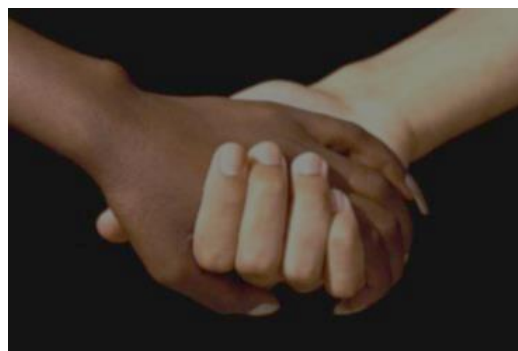
Preconceito Racial

Tenho a pele mais escura que a tua
Mas pensado bem! Ninguém tem cor igual
Há muitas tonalidades diferentes
Porém, todos independentemente da coloração,
Não deixam de ser gente.

Está na hora de mudarmos certos conceitos
Um deles é este tal preconceito
Que a cor da pele faz o homem diferente,
Menos sociável, menos inteligente.

Negros, índios, pardos, amarelos, brancos
Todos precisam de ter o mesmo direito
Pois certamente têm os mesmos deveres.

O preconceito é gerador da discriminação
Como fruto que produz a violência
Moral, física entre irmãos.



Autora: Ataíde Lemos

Cf. <http://aprendendonomardavida.blogspot.pt/2011/09/preconceito-racial.html>

Powerpoint sobre os símbolos da Paz.



Powerpoint sobre Situações de ausência de Paz.

Bullying

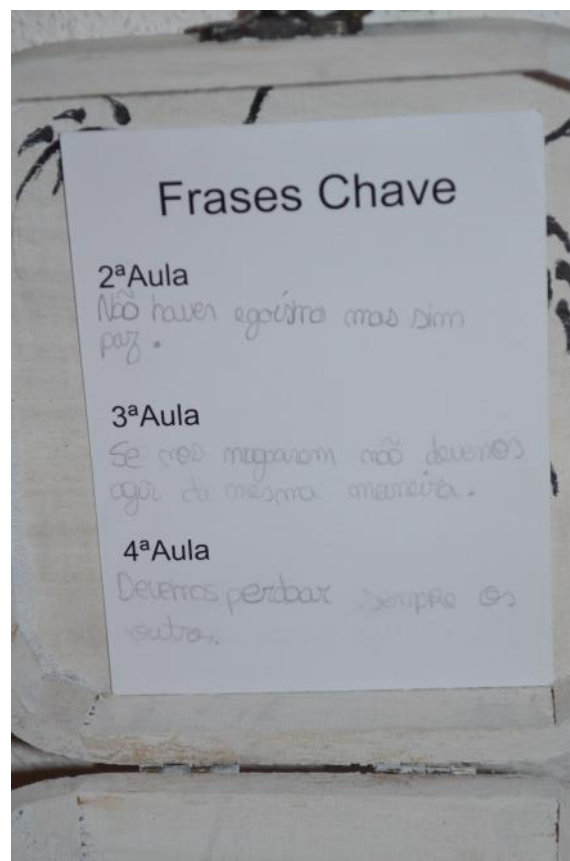
Situação de atos de violência física e psicológica, intencionais, praticados por um indivíduo ou por um grupo causando dor e angústia.



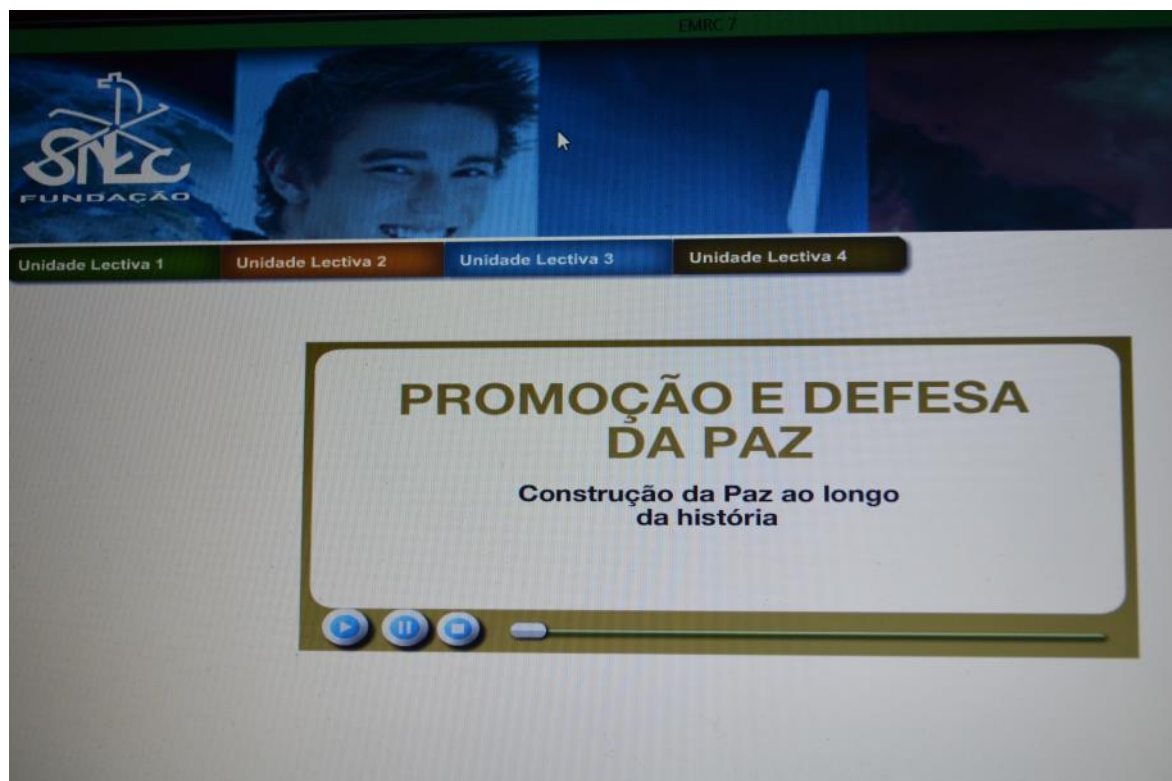
Caixa da Paz



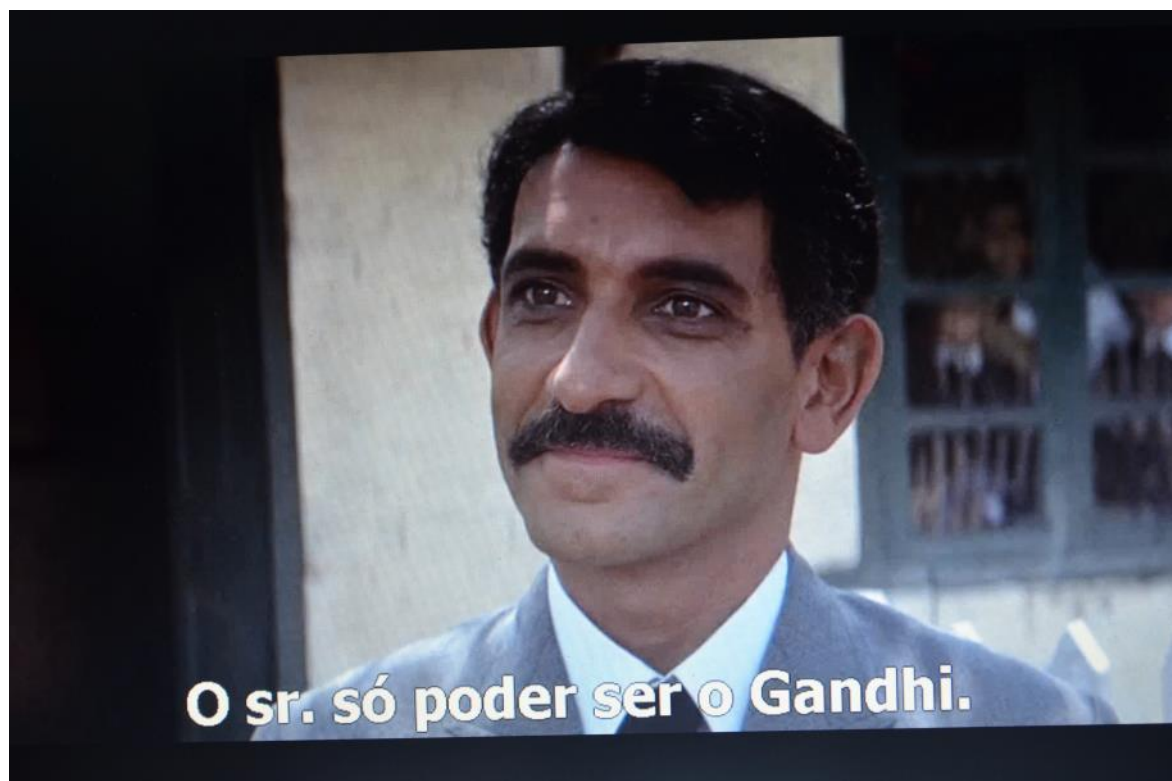
Cartões com os símbolos da paz.



Manual interativo – 7ºano




Vídeo sobre excertos do filme de Mahatma Gandhi



Vídeo sobre o discurso de Malala Yousafzai no Parlamento Europeu

Malala Yousafzai, vencedora do Prêmio Nobel da Paz 2014

Uma menina. Entre muitas.
Junte-se à luta pela educação das meninas ao redor do mundo

 **Plan** **por ser MENiNA**

plan-international.org/onegirl

Bolo Harmonia



Cartões com os ingredientes



Cartões em branco



Anexo 15

Caixa da Dignidade Humana



Anexo 16

Cartão com a palavra perdão

Anexo 17

Bíblia Sagrada – leitura do texto Mt 18,15-16; 21-22.

Anexo 18


Vídeo da Parábola do devedor implacável



Anexo 19

Cartão com a palavra reconciliação

Texto - O Carpinteiro



O Carpinteiro

Certo dia, dois irmãos que moravam em fazendas vizinhas, separadas apenas por um ribeiro, entraram em conflito. Foi a primeira grande desavença em toda uma vida de trabalho lado a lado. O que começou com um pequeno mal-entendido explodiu finalmente numa troca de palavras ríspidas, seguidas de semanas de total silêncio.

Numa manhã, o irmão mais velho ouviu bater à porta.

— Bom dia. Sou um carpinteiro à procura de trabalho. Talvez o senhor me arranje algum serviço.

— Sim. Está a ver aquela fazenda ali, para lá do ribeiro? É do meu vizinho. Na verdade, é do meu irmão mais novo. Estamos zangados e já não o suporto. Vê aquele monte de madeira ali no celeiro? Pois bem, use-o para construir uma cerca bem alta.

— Acho que entendo a situação. Mostre-me onde estão a pá e os pregos.

O irmão mais velho entregou-lhe o material e foi para a cidade. O homem ali ficou cortando, medindo, trabalhando o dia inteiro...

Quando o fazendeiro chegou, não queria acreditar no que via: em vez de uma cerca, uma ponte havia sido construída, ligando as duas margens do ribeiro.

Era um belo trabalho, mas o fazendeiro ficou enfurecido e disse:

— Depois de tudo o que lhe contei acerca do meu vizinho, o senhor foi impertinente ao construir essa ponte.

Ao olhar novamente para a ponte, viu o irmão a aproximar-se de braços abertos. Por um instante permaneceu imóvel do seu lado do rio.

O irmão mais novo, então, disse-lhe:

— Irmão, depois de tudo o que te disse, tiveste um gesto de um verdadeiro amigo construindo esta ponte.

De repente, num só impulso, o irmão mais velho correu na direcção do outro e abraçaram-se, chorando no meio da ponte.

Estavam tão emocionados com o sucedido que nem repararam que o carpinteiro guardara as ferramentas e fazia menção de partir. Quando se aperceberam, o irmão mais velho disse-lhe:

— Espere, fique um pouco connosco! Tenho outros trabalhos para o senhor.

Mas o carpinteiro respondeu:

— Seria bom ficar, agora que a paz regressou, mas tenho outras pontes para construir...

Adaptado do Jornal *Missão Jovem*

Imagem da Flor da Paz, já apresentada no Anexo 1.

Texto Bíblico Mt 5,43-48.

“Amor aos Inimigos”

⁴³Ouviste o que dito: *Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.*

⁴⁴Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; ⁴⁵desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos.

⁴⁶ Com efeito, se amais os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem isso também os publicanos? ⁴⁷E se saudais apenas os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem também os gentios a mesma coisa? ⁴⁸Portanto, deveis se perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito.

Imagem da Cruz com a expressão 70x7 e com a Flor da Paz.





Escola EB 2, 3 D. Luis Loureiro
 Disciplina de EMRC
 Ficha de Avaliação – 7ºano



Nome: _____ Nº _____ Turma: _____
 Enc. Educ.: _____ Professor _____ Classificação _____

1- A vivência da Paz gera um ambiente de calma, tranquilidade e comunhão. Dos conceitos apresentados assinala com um círculo quais são aqueles que nos conduzem a este clima de Paz.

- | | |
|--------------|----------------|
| a) Diálogo | e) tolerância |
| b) Conflito | f) concórdia |
| c) Humildade | g) respeito |
| d) Amor | h) preconceito |

2- Quais foram os promotores da Paz de que falamos ao longo desta unidade letiva? Assinala com X a (s) resposta (s) correta (s).

- Nelson Mandela
 Mahtma Gandhi
 Malala Yousafzai
 Outro (a) _____

3- A Paz é identificada por alguns símbolos que têm marcado a história ao longo dos tempos. Dos sete símbolos que falamos enumera três.

4- Nem sempre se vive a Paz no mundo, existindo vários atentados à mesma. Qual foi a palavra de que falamos, geradora destes atentados? Assinala com X a resposta correta.

- Justiça
 Egoísmo
 Guerra



5- Na construção do “Bolo Harmonia”, que continha vários ingredientes importantes para a vivência da Paz, qual foi o grande ingrediente que colocamos no topo do Bolo?

6- Jesus ao contar a parábola do devedor implacável disse a Pedro que se deve perdoar 70x7. O que significa esta expressão?



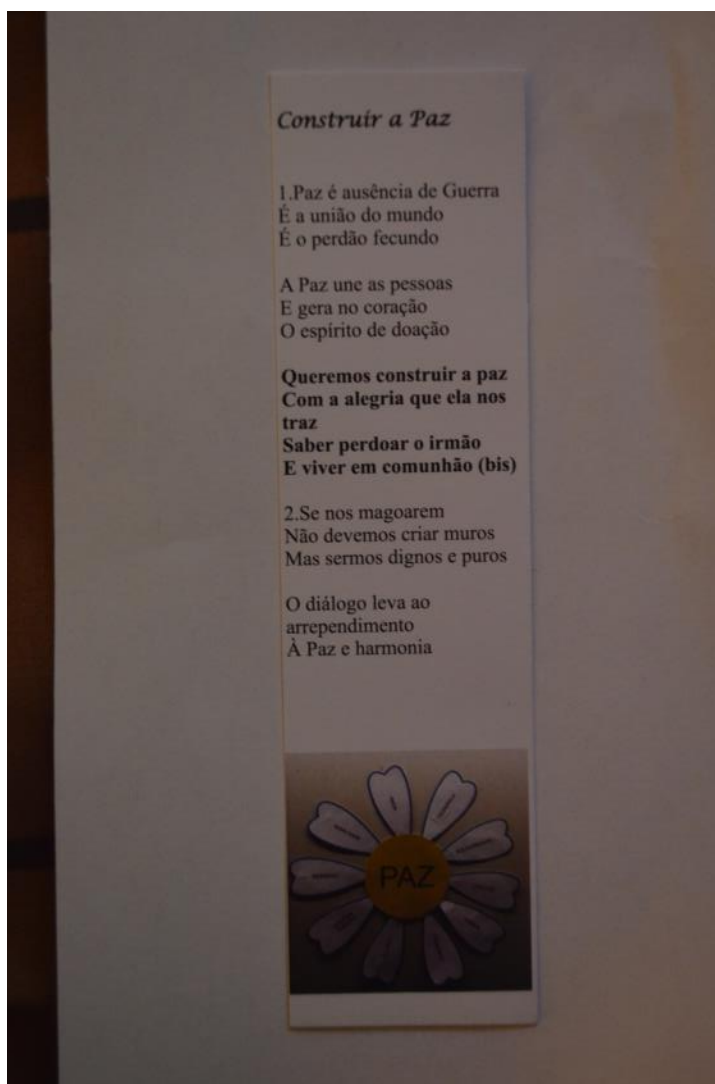
7- Para alcançarmos uma vida nova mais pacífica e mais feliz, temos que: (assinala com X a resposta correta)

___ Saber perdoar e amar os nossos inimigos e confiarmos em Deus e na sua palavra.

___ Saber evitar situações de conflito, mas de acordo com preconceitos

Anexo 25

Marcador de livro com a letra da música Construir a Paz.



Autores da letra: Alunos do 7ºG,
Escola EB 2, 3 de Silgueiros

Autor da música: Prof. João
Pedro Borges (estagiário)